



P R Ê M I O

Milton Leite da Costa

CONTOS, POEMAS,
CRONICAS E ARTIGOS JURIDICOS



ACMP

Associação
Catarinense
do Ministério
Público

Nota editorial

Esta publicação reúne obras premiadas ao longo das dez edições do Prêmio Milton Leite da Costa, na medida em que se encontram disponíveis no acervo da Associação Catarinense do Ministério Público neste momento.

Todos os trabalhos vencedores são mencionados. Contudo, nem todos constam na íntegra: parte das obras é apresentada apenas por referência — pelo título e, quando identificada, pela autoria —, à espera de futura complementação do acervo.

A Comissão Organizadora do Prêmio Milton Leite da Costa

Uma história que merece ser lida

Há quase duas décadas, a Associação Catarinense do Ministério Público escolheu transformar a produção intelectual de seus membros em motivo de celebração. Nasceu assim o Prêmio Milton Leite da Costa.

Mais do que um concurso, o prêmio é um gesto de memória. Leva o nome do primeiro presidente da ACMP e, a cada edição, renova um duplo propósito: prestar homenagem a quem ajudou a construir a entidade e dar visibilidade ao trabalho — jurídico e literário — de promotores e procuradores de justiça catarinenses.

Esta publicação reúne, pela primeira vez em um só lugar, a memória de todas as edições realizadas: os vencedores, os títulos premiados, as comissões julgadoras e os bastidores de cada certame. É um registro da seriedade, da generosidade e do talento que sustentam o prêmio desde 2007 — e a porta de entrada para a coletânea comemorativa dos dez anos.

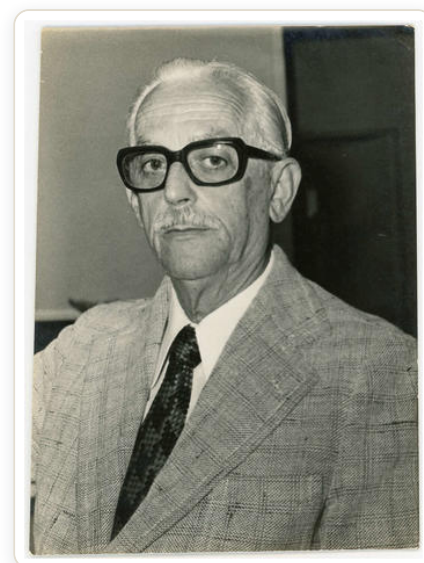
“Milton cultivava a simplicidade, os amigos, o trabalho e o seu time.”

— Othon D’Eça Cals de Abreu, genro do homenageado, na 1ª cerimônia de premiação

Milton Leite da Costa

Primeiro presidente da Associação Catarinense do Ministério Público, Milton Leite da Costa é a figura que dá nome e sentido ao prêmio. Dedicado ao Ministério Público, ficou na memória dos colegas como alguém que “vivia para a instituição” e sempre amparava quem o procurava.

Na primeira cerimônia de premiação, realizada durante as comemorações dos 20 anos da Escola do MPSC, sua filha, Marita Costa Cals de Abreu, foi homenageada na presença do esposo, Othon D’Eça Cals de Abreu. Em nome da família, Othon agradeceu a homenagem lembrando o apreço do sogro pela simplicidade, pelos amigos e pelo trabalho — e sua conhecida paixão flamenguista.



Milton Leite da Costa, primeiro presidente da ACMP e patrono do prêmio.

AS RAÍZES DO PRÊMIO

A ideia de um concurso cultural na ACMP não é recente. A primeira iniciativa ocorreu na gestão de **Vidal Vanhoni Filho (1990–1992)**, com um concurso de monografias cujos textos, à época, não chegaram a ser publicados. A proposta foi reeditada na gestão de **Paulo Roberto Speck (1994–1998)**, quando as monografias premiadas foram publicadas na revista do MPSC. Essas sementes germinariam, em 2007, no Prêmio Milton Leite da Costa.

Sumário

01	Apresentação	—
02	O homenageado: Milton Leite da Costa	—
03	Primeira fase: o direito em foco	2007–2010
04	I Prêmio	2007
05	II Prêmio	2008
06	III Prêmio	2009
07	IV Prêmio	2010
08	Segunda fase: o direito e a literatura	2019–
09	V Prêmio	2019
10	VI Prêmio	2022
11	VII Prêmio	2023
12	VIII Prêmio	2024
13	IX Prêmio	2025
14	Parte II — A coletânea das obras	textos
15	Rumo à 10ª edição	2026

O direito em foco

Nas quatro primeiras edições, o prêmio celebrou a atuação prática e o pensamento jurídico dos membros do Ministério Público de Santa Catarina.

O concurso dividia-se em duas categorias: **Categoria A — arrazoadado forense**, dedicada a peças processuais e extrajudiciais, e **Categoria B — artigo jurídico**, voltada à pesquisa e à tese. Podiam concorrer todos os associados, exceto os integrantes da Diretoria. Os trabalhos eram avaliados por critérios como forma de apresentação, correção de linguagem e, com peso maior, conteúdo jurídico.

O reconhecimento à excelência das comissões julgadoras foi marca desde a origem: de forma voluntária, colegas e juristas convidados impuseram seriedade ao certame. Os números mostram um caminho ascendente — de 11 concorrentes na estreia a um recorde de 21 trabalhos na quarta edição.

2007

I Prêmio · estreia, 11 concorrentes

2008

II Prêmio · 21 trabalhos

2009

III Prêmio · placa comemorativa

2010

IV Prêmio · recorde de inscrições

2007

I Prêmio Milton Leite da Costa

Disputado por 11 colegas — 7 trabalhos na Categoria A e 4 na Categoria B. Premiação na solenidade dos 20 anos da Escola do MPSC, em 30 de novembro, com a presença da filha do homenageado, Marita Costa Cals de Abreu.

CATEGORIA A — ARRAZOADO FORENSE

- 1º **Affonso Ghizzo Neto e Raulino Jacó Brünning**
“Defensoria Pública e os legitimados ativos da Ação Civil Pública — Parecer nº 01/2007/CECCON.”
- 2º **José Orlando Lara Dias**
“Ação Civil Pública nº 046.06.001718-5 — Comarca e Vara Única de Palmitos.”
- 3º **Eduardo Sens dos Santos** (empate)
“Ação Cível Pública nº 2006.04.00.023206-5/SC — 4ª Turma do TRF4.”
- 3º **Max Zuffo** (empate)
“Razões de Recurso contra decisão em Ação de Impugnação de Registro de Candidatura — Autos nº 002/2007, 74ª Zona Eleitoral, Rio Negrinho/SC.”

CATEGORIA B — ARTIGO JURÍDICO

- 1º **Max Zuffo**
“O termo de ajustamento de conduta e sua função social.”
- 2º **Isaac Newton Sabbá Guimarães**
“Agente provocador, agente infiltrado e o novo paradigma de processo penal.”
- 3º **Eduardo Sens dos Santos**
“Chamamento ao processo em ações de medicamentos.”

Comissões julgadoras — Categoria A: Vidal Vanhoni Filho, Guido Feuser e Pedro Roberto Decomain. Categoria B: Zenildo Bodnar, Paulo de Tarso Brandão e Ricardo Luiz Dell'Agnollo.

II 2008 II Prêmio Milton Leite da Costa

Edição com 11 peças inscritas na Categoria A e 10 na Categoria B.

CATEGORIA A — ARRAZOADO FORENSE

- 1º **Eduardo Sens dos Santos**
“Ação Civil Pública nº 256.07.000363-0.”
- 2º **José Orlando Lara Dias**
“Apelação em Ação Civil Pública — Comarca de Palmitos.”
- 3º **Henrique Laus Aieta**
“Indeferimento de Interceptação Telefônica.”

CATEGORIA B — ARTIGO JURÍDICO

- 1º **Marcelo Gomes Silva** (empate)
“Adolescentes, Garantias e Estátuas de Sal.”
- 1º **Sidney Eloy Dalabrida** (empate)
“A Atual Arquitetura Constitucional da Justiça Militar — especial consideração da competência em face da Emenda Constitucional nº 45/2004.”
- 2º **Rui Arno Ritcher**
“O Dano Ambiental Extrapatrimonial.”
- 3º **Isaac Newton B. Sabbá Guimarães**
“A Nova Orientação Político-Criminal para o Crime de Uso de Drogas.”

III Prêmio Milton Leite da Costa

Premiação em conjunto com a Revista Jurídica do Ministério Público Catarinense, sob a coordenação do presidente Rui Schiefler e da Diretora Cultural e de Relações Públicas, Lara Peplau. A edição trouxe novidades: placa comemorativa aos vencedores e inscrição por e-mail.

CATEGORIA A — ARRAZOADO FORENSE

- 1º **Sonia Maria Demeda Groisman Piardi**
“Ação Ordinária nº 023.08.018436-0.”
-
- 2º **Analú Librelato Longo** (empate)
“Procedimento Administrativo Preliminar nº 082/2008/26ª PJC.”
-
- 2º **Luis Suzin Marini Junior** (empate)
“Ação Civil Pública, com pedido de provimento liminar, em face da UNIMED do Estado de Santa Catarina.”
-
- 3º **Alexandre Herculano Abreu**
“Ação Civil Pública — Inquérito Civil nº 012/2007.”

CATEGORIA B — ARTIGO JURÍDICO

- 1º **Isaac Newton Belota Sabbá Guimarães**
“Novos paradigmas político-sociais e a crise de conceitos: há futuro para uma teoria do Estado?”
-
- 2º **Davi do Espírito Santo**
“Um Flashforward do sistema penal: as opções de um sistema penal que ruma para a tragédia.”
-
- 3º **Maurílio Milani Bento**
“A súmula vinculante reguladora do uso de algemas e modelos hermenêuticos propostos no Estado de Direito.”

Comissões julgadoras — Categoria A: Guido Feuser, Pedro Roberto Decomain e Vidal Vanhoni Filho. Categoria B: Moser Vhoss, Ricardo Luiz Dell’Agnollo e Paulo de Tarso

Brandão.

IV

2010

IV Prêmio Milton Leite da Costa

Solenidade em 28 de agosto, no auditório do Plaza Itapema Hotel, durante o XXXI Encontro Estadual do Ministério Público. Recorde da primeira fase, com 21 trabalhos inscritos.

CATEGORIA A — ARRAZOADO FORENSE

1º Luis Eduardo Couto de Oliveira Souto

“Ação Civil Pública — Esgotos / Companhia de Itapema.”

2º Marcelo Zanellato

“Apelação em Mandado de Segurança — Processo Civil e Ambiental.”

3º Analú Librelato Longo (empate)

“Ação Civil Pública — Interdição do Centro Educacional São Lucas.”

3º Fábio de Souza Trajano (empate)

“Ação Civil Pública — Destino de valores de ICMS pagos indevidamente.”

3º Marcia Aguiar Arend (empate)

“Manifestação — Autos de Apuração de Infração Administrativa às Normas de Proteção à Criança ou Adolescente.”

3º Sidney Eloy Dalabrida (empate)

“Peça Processual — Mandado de Segurança.”

CATEGORIA B — ARTIGO JURÍDICO

1º Davi do Espírito Santo

Artigo sobre a Lei Maria da Penha.

2º Isaac Newton Belota Sabbá Guimarães

“Conflito de Princípios.”

3º Fábio de Souza Trajano

“A Inconstitucionalidade da Súmula 381 do STJ.”

Comissões julgadoras — Categoria A: Vidal Vanhoni Filho, Guido Feuser e Pedro Roberto Decomain. Categoria B: Paulo de Tarso Brandão, Ricardo Luiz Dell’Agnollo e Moser Vhoss.

O direito e a literatura

Após uma pausa, o prêmio renasceu em 2019, no aniversário de 60 anos da ACMP — agora também aberto à sensibilidade literária de seus associados.

O concurso passou a contemplar o **artigo jurídico** ao lado de categorias literárias — **poema** e **crônica** — e, nas edições mais recentes, também o **conto**. A avaliação passou a ser feita às cegas, sem identificação dos autores, por três jurados em cada categoria. A critério das comissões, podem ser concedidas até três menções honrosas por categoria.

PREMIAÇÃO DA SEGUNDA FASE

1º lugar — R\$ 1.200,00 · 2º lugar — R\$ 800,00, em cada categoria.

2019

V Prêmio · 60
anos da ACMP

2022

VI Prêmio

2023

VII Prêmio ·
estreia do conto

2024

VIII Prêmio

2025

IX Prêmio

V Prêmio Milton Leite da Costa

Relançamento do prêmio, agora com artigos jurídicos, poemas e crônicas. Ao todo, dez inscrições nas três categorias, avaliadas às cegas por três jurados em cada uma.

CATEGORIA A — ARTIGO JURÍDICO

1º **Vinícius Secco Zoponi**

“O papel político e constitucional do Ministério Público na efetivação dos direitos fundamentais: uma perspectiva a partir da teoria de Robert Alexy.”

CATEGORIA B — POEMA

1º **Eduardo Sens dos Santos**

“De que Vale?”

2º **Fabício Nunes**

“A Cicatrização pela Justiça.”

CATEGORIA C — CRÔNICA

1º **Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes**

“O Homem e o Anel.”

2º **José Alberto Barbosa**

“Revisitando Dante e Beatrice.”

Inscrições até 29 de abril de 2022. Edição marcada pelo alto nível das obras, em três categorias.

CATEGORIA — ARTIGO JURÍDICO

1º **Luan de Moraes Melo**

“A extensão da estratégia saúde da família ao atendimento dos idosos acolhidos em instituições de longa permanência: análise casuística e fundamentação jurídica para a atuação coletiva do Ministério Público.”

CATEGORIA — POEMA

1º **José Alberto Barbosa**

“Grammostola iheringi.”

2º **André Teixeira Milioli**

“Ascensão.”

3º **Anildo Souza** (empate)

“Luzes da Existência.”

3º **Eduardo Sens dos Santos** (empate)

“Injustiça.”

CATEGORIA — CRÔNICA

1º **Eduardo Sens dos Santos** (empate)

“O caminho da boa crônica.”

1º **José Alberto Barbosa** (empate)

“A Bela e a Fera.”

2º **Mário Edgard** (empate)

“Caçada desastrada.”

2º **Raul Schaeffer** (empate)

“Guarani cancelado.”

3º **André Ghiggi** (empate)
“O camarada, a cômoda e a camareira.”

3º **André Teixeira Millioli** (empate)
“Gaveta Vazia.”

VII Prêmio Milton Leite da Costa

Edição que consolidou quatro categorias, com a estreia do conto ao lado de artigo jurídico, poema e crônica.

CATEGORIA — ARTIGO JURÍDICO

1º **Marcio Gai Veiga**

“Impossibilidade de Intercepção de Aplicativo de Mensagens WhatsApp, Soberania e Transnacionalidade.”

2º **Alan Boettger**

“A Proteção dos Direitos Humanos ante a Ética Utilitarista nas Decisões Judiciais.”

CATEGORIA — POEMA

1º **José Alberto Barbosa**

“Efeito Vieira.”

2º **Raul Schaefer Filho**

“R E V I S I T A.”

CATEGORIA — CRÔNICA

1º **José Alberto Barbosa**

“Promotorando...”

2º **Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes**

“Monstro: uma equação homicida no interior de Santa Catarina.”

CATEGORIA — CONTO

1º **José Alberto Barbosa**

“Um médico no Velho Chapecó.”

2º **Mário Edgar Wolff**

“Recordações 1968 Campos Novos.”

VIII **2024**
VIII Prêmio Milton Leite da Costa

Quatro categorias, com forte presença das obras literárias.

CATEGORIA — ARTIGO JURÍDICO

- 1º **José da Silva Júnior**
“Dever de colaboração.”
-
- 2º **Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes**
“O Papel da Genealogia Genética.”

CATEGORIA — POEMA

- 1º **José Alberto Barbosa**
“Troveiros do Serril.”
-
- 2º **André Ghiggi Caetano da Silva**
“Noturno Poema.”
-
- 3º **Raul Schaefer Filho**
“Berlim.”
-
- 4º **Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes**
“A Criança Acolhida.”

CATEGORIA — CRÔNICA

- 1º **Mario Edgar Wolff**
“Recordações.”
-
- 2º **Raul Schaefer Filho**
“A Crônica que Não Foi Escrita.”
-
- 3º **Eduardo Sens dos Santos**
“A Gente Se Liga.”

CATEGORIA — CONTO

1º Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes

“Seu Nome Era Maria.”

2º Raul Schaefer Filho

“E o Fogo.”

3º Mario Blu

“Herói Por Acaso.”

4º Eduardo Sens dos Santos

“Desencontro.”

IX Prêmio Milton Leite da Costa

Edição mais recente antes do marco da década, reunindo o jurídico e o literário — esta com crônica e conto agrupados em uma só categoria.

CATEGORIA — ARTIGO JURÍDICO

1º **Paulo Antonio Locatelli**

“A Geoinformação como fonte do Direito e meio de prova: o Ministério Público e o compromisso com o princípio da mesmidade e a cadeia de custódia da prova documental ambiental em formato digital.”

CATEGORIA — POEMA

1º **José Alberto Barbosa**

“Entrevistando Dom Jayme.”

2º **Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes**

“A Torradeira que ganhou vida.”

CATEGORIA — CRÔNICA E CONTO

1º **Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes**

“O Último Dia do Homem – Poderoso do Vale.”

2º **Mario Edgar Wolff**

“João Pinheiro – Uma lenda.”

PARTE II

A Coletânea das Obras

*Os textos premiados, na íntegra — a voz literária do Ministério
Público catarinense reunida em um só volume.*

Obras vencedoras — 2019

A edição que devolveu o prêmio à cena, no aniversário de 60 anos da ACMP, com poesia e crônica ao lado do artigo jurídico.

POEMA • 1º LUGAR

De que Vale?

por Eduardo Sens dos Santos

(Aos desvalidos de Brumadinho)

De que vale
o acordar cedo
a pontualidade

funcionário modelo
(só nesse mês)

se quando a lama chega
nem mesmo o melhor do ano

tem uma chance, uma vez?

De que vale?

De que Vale?

De que vale
esgoelar-se
gritar e chorar
se depois

a vida segue

a viga cega

e se não te enterra

te desterra

sem direito

a um sepultamento sequer?

De que vale?

De que Vale?

De que vale a riqueza

que brota farta do chão

se na tua mesa

e na mesa do teu irmão

continua a mesma farinha

o mesmo mirrado pirão?

De que vale?

De que Vale?

De que vale o vale de gente

De gente pobre que não merece

de gente que é número

é CTPS, é INSS, é FGTS?

De que vale?

De que Vale?

De que vale uma, duas
trezentas vidas

se a lama e a sujeira
que agora secam encardidas

pintam apenas retratos
das mesmas vidas combalidas?

De que vale?

De que Vale?

De que vale a beleza
que não chega no vale

que voa pelo ar
de helicóptero e jato
particular?

De que vale?

De que Vale?

De que vale
o lucro
a bolsa
o dividendo
se o peito fica doendo

por não ter morrido também?

De que vale?

De que Vale?

De que vale

se debaixo da terra

não há bem nem mal

só há vida severina

— é não, mestre Carpina? —

que se afoga no rio de lama

um rio que não dá vau?

De que vale?

De que Vale?

De que vale

— diabos, de que de vale? —

que apunhale

que encurrale

que a lama

avassale

se lá no vale

já não tem mais ninguém

nem nada

que o valha?

De que vale?

De que Vale?

De que vale?

De que Vale?

De que vale?

De que Vale?

POEMA · 2º LUGAR

A Cicatrização pela Justiça

por **Fabício Nunes**

Repousa a foto na lápide fria
Ao lado de uma pétala de flor,
Mas outras cobrem a cama vazia
Por onde um dia se irradiou amor.

A dor terrível que se faz ausência,
De cônjuges amados, filhos, pais,
Calvário atroz que leva pra demência
A tortura sem fim de um “nunca mais”.

Com a ferida aberta, peito exposto,
Faz contorcido um já sofrido rosto
Emudecido no choro aflitivo.

Não há remédio para tal saudade,
Mas a revolta que no íntimo invade
Na justiça terá o seu lenitivo.

O Homem e o Anel

por **Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes**

Eram seis horas da manhã. A madrugada, contudo, parecia se prolongar. No quarto, o homem vestiu um sobretudo preto, levantou a gola, pegou um chapéu escuro e saiu em silêncio. De repente, ouviram-se gritos desesperados. Em um instante, o homem perdeu tudo que tinha.

Em verdade, aquilo começara horas antes. Após mais um exaustivo dia de trabalho, o homem voltara para casa. Em sua aparência, tudo revelava uma inescapável fraqueza. Os cabelos grisalhos denunciavam a idade e nem mesmo a mulher mais apaixonada ousaria dizer que as feições do homem eram obras de Michelangelo ou de Leonardo. Ao contrário: cada linha gritava que a miséria e a preocupação haviam talhado – ou destruído – aquele rosto outrora jovial. Os músculos fraquejavam no dia a dia; as pernas não aguentavam mais andar, andar e andar. A camisa desabotoada, as calças surradas, os pés descalços e a sujeira, em geral, podiam causar repugnância aos que toleravam sua presença.

No seu lar, a situação não era menos desesperadora. No principal dos cômodos, o quarto, uma lâmpada miúda, quase queimada, localizada no centro do teto, ainda era capaz de espantar as sombras que, por vezes, dominavam o local. Ao fundo, via-se uma pequena cômoda, talhada em madeira tosca, dando suporte a um relógio antigo: seu poderoso sino, aliás, era o único instrumento que poderia despertar aquele que sobrevivesse nesse quarto. Não havia armário, convenientemente substituído por um varal de plástico que ia de ponta a ponta. A cama mais lembrava uma tábua a que o morador do quarto precisava se agarrar à noite para escapar, ao menos momentaneamente, do pesadelo da vida real. Aliás, esse era um cômodo no qual, ao acordar, gargalhava-se: ou pela loucura induzida pelo ambiente hostil, ou pela felicidade de se saber que era mais um dia em que se continuava vivo. No chão, não se encontrariam tapetes, mas tão somente velhas roupas misturadas a restos de alimentos vencidos. Isto poderia explicar, talvez, o motivo pelo qual as únicas visitas que o quarto acolhia

eram de ratos e de baratas sedentos. Para os olhares de um terceiro, a conclusão seria simples: o homem não tinha nada.

Mas, ao mesmo tempo, o homem sentia que tinha tudo, porque tinha um sonho. Em uma caixa de veludo dentro da cômoda, descansava o seu bem mais valioso — um anel. Uma análise racional indicaria que se tratava de uma simples bijuteria; subjetivamente, entretanto, o anel dominava seus pensamentos e aprisionava sua atenção. Era o objeto, afinal, que ele comprara para ele e para sua amada, de quem fora separado pelas demandas da vida. Assolado pela miséria em sua terra natal, o homem fora obrigado a seguir em busca de sustento. Antes de partir, contudo, ele comprara dois anéis de ouro, um para ele, um para ela, como um símbolo daquela aliança eterna. “Jura por Deus que vai estar comigo para sempre?” — perguntara o homem na ocasião. “Juro, juro” — dissera a moça. “E tu, vais guardar o anel contigo para sempre?”. “Vou, nem que pague com a minha vida” — prometera o homem. Toda vez que observava o anel, essas memórias se passavam em sua mente e ele revivia seu sonho de reencontrá-la.

Naquela noite, o homem dormira por poucas horas até ser acordado pela agitação. Tomado por um impulso que somente a irracionalidade do desejo poderia explicar, ele decidira que sairia à rua naquele momento, em direção à Rodoviária do Município, pensando que, por algum desses caprichos do destino, talvez fosse aquele o dia em que ele reavistaria sua mulher. Afinal, o ônibus de seu Estado de origem não chegava todos os dias, na cidade, às 6h30min em ponto — justo o tempo que precisava para se deslocar? Alimentado por uma pequena esperança, ele vestiu uma roupa preta, abriu a caixa de veludo, segurou o anel na mão e saiu silenciosamente em direção às escadas.

Ao chegar no local, as lâmpadas automáticas da instalação se acenderam; o anel reluziu e, por consequência, chamou a atenção de um pequenino cão, de pelagem branca no corpo e focinho achatado, que andava por ali à procura de algo para espantar o tédio. Ao olhar para o seu maior bem novamente, o homem lembrou de sua vida e se sentiu entorpecido pelas emoções.

Infelizmente, aquele que não é capaz de se sensibilizar não se sensibilizaria com tal história. Cada vez mais atraído por aquele desconhecido objeto dotado de brilho peculiar, o cão, numa rápida disparada, pulou, abocanhou o anel e, sem querer, engoliu-o. Desesperado, o

homem ainda tentou segurar o animal antes que esse desaparecesse entre as sombras: contudo, suas mãos estabanadas não foram capazes de rivalizar com a agilidade daquele pequeno demônio que acabava de o condenar ao inferno. Sim, ele se sentiu um condenado: condenado por perder a única coisa que era capaz de lhe proporcionar seus raros momentos de alegria, e condenado, também, por quebrar a única promessa que acreditava ainda ser capaz de cumprir. Nesse momento, o homem gritou toda sua dor excruciante e se esgueirou até a porta de saída à procura do animal.

Contudo, a esperança de recapturar o anel logo lhe abandonou. Tudo havia começado, pensou o homem, com a expectativa – agora vista como tola – de uma manhã romântica; terminou, contudo, de maneira indescritível. Ora, do seu coração às entranhas de um cachorro! Era o tipo de ironia da vida real que, certamente, nem o mais patife dos criadores literários teria coragem de escrever na ficção. Tomado pela dor e perdido o bem, só lhe restava administrar suas emoções. Lá fora, o homem observou o luar de outono e deixou se dissolverem as tendências da mente de querer que as coisas sejam diferentes. Abandonando pensamentos críticos e julgamentos negativos, o homem se tornou um mero observador da existência e se sentiu, ainda que por alguns instantes, em paz outra vez.

Caminhando de volta para casa, o homem observou as folhas douradas que forravam o chão. Elas, que já haviam sido cheias de vitalidade, eram descartadas pela natureza para que um novo ciclo de vida se iniciasse. Esse ciclo, ele refletiu, atingia não somente as árvores no outono, mas permeava toda a existência. E graças a isso o homem pôde ir dormir com uma nova esperança: afinal, se hoje se encontrava sem vida, ele, assim como a natureza em geral, ainda haveria de renascer.

CRÔNICA · 2º LUGAR

Revisitando Dante e Beatrice

por **José Alberto Barbosa**

Estou na ensolarada Firenze, em angusto paço, dentre o casario antigo. À parede, em destaque e com justiça avisto, fundida no bronze, a varonil imagem de Dante Alighieri, ali imortalizada em forma de um busto. Traja o poeta o típico lucco florentino, a inteiriça túnica medieval abotoada e que lhe cobre até ao peito e se fecha, justa e apertada, sob o decidido queixo, e noto que o vate, olhos sonhadores, volve sua alma em contemplação do passado. Sim, ele busca por Beatrice. Espera ainda por ela. Em vão, laboraram no metal os que o fizeram, pois ali o vemos ainda vivo e humano, em carne e osso, espírito e pensamento. Inutilmente, o fixaram na fachada os que, generosamente, ali o puseram, pois o poeta não está morto e seu busto não está preso. Porque suspira e respira, escuta e sente. Tem carne viva e não dura e metálica chapa. Tem nervos, sentidos e sentires. Raciocina e pensa. E ama. Ama, apaixonadamente. Dante Alighieri não está morto. Nunca morrerá. O sinto vivo e vibrante ali, inda que posto naquela parede fria, de onde revive o passado como se no hoje o fosse. Está vivo, no sentir de todos os verdadeiros poetas. Vivo e amante nos corações dos que amam. Dos que, corajosamente, sublimam e eternizam o seu amor, a exemplo do que ele o fez. Vivo em todo homem que faz da sua amada a destinatária única do seu amor imenso.

E vejo que o poeta ali respira e suspira. Tem sensibilidade plena. Está vivo e atento, vê e pressente. E escuta e sente quando, aos seus ouvidos, chegam os delicados rumores de passos femininos que seu coração identifica, alvorotado. Porque são os passos dela, da lindíssima e recatada Beatrice Portinari, moça que, sempre na companhia de duas damas, volve agora dos rumos da Ponte Vecchia, pela qual antes passara sobre as águas do Arno — talvez a ver algum parente, visitar a algum pobre enfermo ou, ainda, para tratar dos mais assuntos caros a um coração feminino —, e a qual, por fim, após um alegre passeio pelo Mercato delle Pulci (Mercado das Pulgas; teria já tal apelido?), onde fora — quem o sabe? — adquirir algum tapetezinho novo, agora retorna ao lar, vivaz e faceira, na doçura e inocência de seus joviais anos. E Dante percebe, de ao longe, os seus passos gentis que se aproximam. E se agita o seu espírito. Saberia distingui-los dentre mil, se mil eles fossem. E seu coração palpita à aproximação da bela.

Nisso, a jovem dobra a esquina e, de imediato, com interesse o vê. E o acha inda mais belo que de outras vezes, mais moço e varonil e, também, com mais doce e amável brilho no olhar. Menina ainda, Beatrice estava nos seus oito belos anos quando o viu por vez primeira e, desde então, jamais se

cansou de admirá-lo, de buscar com os seus os olhos dele. Queria-o sempre por perto. E, vendo-o agora, ali no beco, sente um frêmito, um doce estremecimento de alegria, daqueles que tanto sentem os apaixonados. Porque sua alma feminina pressente que o moço está ali por causa dela. Para esperá-la. Por querer vê-la. E, feliz, corresponde a jovem pudicamente a tal sentimento e a tal gesto do moço. Admiram-se mutuamente. Se amam, ternamente. E toma a iniciativa e, graciosa e feminil, o cumprimenta; mesmo lhe sorri; acena-lhe com educação e recato. E o moço, perante isto, fica pasmo. Mal consegue lhe retribuir o carinhoso gesto e dispensar-lhe um olhar ainda mais apaixonado e terno, pois, no mais, queda-se mudo e meio que boquiaberto. De vero, não precisava mesmo corresponder de outro modo. Sua atitude para com ela transporta à jovem toda a ventura do mundo, consistindo na maior das manifestações, na mais profunda declaração de amor. Realmente, para os que amam, com frequência se dispensam palavras. Mudanças expressões são a essência do recado de amor. E, depois desses segundos, que compõem para ambos uma doce eternidade, adentra ela pela porta da mansão paterna, não sem antes destinar-lhe um derradeiro e afetuoso olhar.

E essa juvenil cena amorosa dentre ambos se multiplica, vem se repetindo dia após dia, ano depois de ano, século seguindo-se a outros séculos, desde os longínquos e felizes dias medievos. E, há tempos postado ali, naquela parede de Firenze, aquele mesmo Dante, sempre jovial e sempre poeta, extasia-se eternamente com tais sinais singelos de indisfarçável ternura e vai cismando, apaixonado: — Ah! Beatrice! Como é agradável sentir-te nessas calçadas tornadas lisas pelo correr dos séculos! Ser, para todo o sempre, alvo dos teus cumprimentos e dos teus sorrisos! Que mais almejava, eterna e doce musa, a alma enlevada e sublimada de um poeta? E, de fato, prestando mais atenção, parece-me que no próprio brônzeo rosto do poeta se esboça um franco e mal contido sorriso. Ele a ama e ela a ele. Ainda e para sempre.

Medito a respeito de Beatrice. Como não se apaixonar um varão por tal e cativante moça, de tão formidável beleza e ternura, de tão imensa luminosidade d'alma? Como não amar ardorosamente tal jovem, capaz de despertar, assim, paixão simultaneamente tão ardente e tão disciplinada, tão doce aos olhos do mundo quanto voltada ao eterno? E que dizer, no mais, desse valoroso jovem — pois jamais deixou de sê-lo — tão persistente no seu platônico amor? Revisitemo-los! A doce Beatrice Portinari nasceu em 1265,

ali, naquela mesma e tão luminosa e agradável Firenze, sendo filha do nobre e rico comerciante Folco Portinari. Ela e Dante conheceram-se numa festa, em casa dos pais da menina, a 1º de maio de 1274, estando ele, então, nos venturosos nove anos e, quanto a ela, tendo registrado o poeta que estaria a mesma “quase no começo do seu nono ano”. O pai de Dante era, por profissão, escrivão e, mesmo não sendo homem rico, tinha sua importância e suas razoáveis posses e, com a família, possuía acesso às casas ricas e nobres, em razão do quê foram convidados. E, desde que por vez primeira viu a linda menina, fora Dante tomado por um tal enlevo d’alma, por um fascínio tão vasto por Beatrice que, desde seus primeiros e precoces versos, elegeu-a como sua musa inspiradora.

Anos depois, ele recordaria, já no exílio e na sua obra *Vita Nuova*, que ela, então, naquela festa e menina ainda, já se lhe apresentara linda e radiosa. Nunca mais se esqueceria de como Beatrice estava trajando lindo, luxuoso e rubro vestido, seu corpo envolto em belo cinto de couro à moda florentina e tendo a cabeça ornada com lindo adorno de flores. E essa encantadora visão da menina, desde então, o enterneceu profundamente. Ela se tornaria, para sempre, a sua paixão sublime, o seu ideal de pureza e sabedoria. Realmente, Dante Alighieri disse que a via “como um anjo divino” e, de fato, que outra imagem poderia ocasionar uma pessoa pura que não fosse essa? Certa feita — e estavam ambos nos seus dezessete anos, a flor da idade —, ao dobrar uma esquina, dá o moço de encontro com Beatrice, que lhe vem por defronte de inopino, devidamente acompanhada por duas damas. Lindamente trajada de branco, surgira ante ele como um anjo celestial, porque o brancor das vestes reforçava a aura de angelical pureza e candura que brotavam daquela alma bela e doce; e essa visão dela ele a perpetuaria mais tarde, na forma de uma Beatrice já celestial que, na vida real como na poesia, o haveria de preceder no Céu, a guiá-lo desde as duras sendas do Purgatório até às amenas e gloriosas alturas do Paraíso.

Porém, isso será depois. Agora, estão ainda ambos neste mundo, estão na mesma esquina e se defrontam, pasmos os dois, em silêncio e mútua admiração. E, então, a meiga jovem volve para ele seus serenos olhos esmeraldinos. Por Deus! São encantadores! Têm eles um verdor com o qual não podem rivalizar as mais cloradas águas do golfo da Venezia, ali pertinho. Na verdade, não são apenas olhos que a jovem ostenta na doce face. São eles como que duas lagoas esverdeadas de esperança em cujas águas tranquilas se banha sofregamente o Amor Divino. Ah! Que branduras ele, Dante,

absorve daqueles inocentes olhos! E, oh, alegria suprema! Ela lhe faz um afável, um discreto aceno! Lhe sorri, amável, a graciosa moça! O coração do jovem poeta palpita. Que juras de amor pressente ele no seu pudico, no seu afável movimento! Mil palavras de amor não o fariam melhor. E fica ali o vate, como que paralisado, impotente para arquitetar uma frase, uma só palavra, tal o fascínio que lhe desperta a jovem, lindíssima e pura fiorentina. Nada mais pode fazer que devolver-lhe um singelo cumprimento e mirá-la demorada, apaixonada e perdidamente, enquanto a bela se vai, com as damas lhe acompanhando.

Era amado! Era amado! Sentia-o! Pois, como ele haveria de registrar depois, ela “volse li occhi verso quella parte ov’io era molto pauroso... e mi salutò molto virtuosamente...” (“volveu os olhos para aquela parte onde eu estava muito triste... e me saudou muito virtuosamente”), lançaria ele na sua obra Vita Nuova. Era amado! Sabia-o, agora, mais que nunca! Ah! Bastava-lhe aquela felicidade, aquela certeza para fazê-lo o mais rico e mais feliz homem do Universo! E quem de nós, homens e poetas de todos os tempos, não trazemos n’alma momentos assim, de nos extasiarmos diante de formosa musa, de iguais, gentis, puros e tão profundos olhares e tratos? De fato, uma piscadela amorosa de uma jovem bela, mesmo um simples olhar, uma atenção especial, é capaz de fazer, pela sanidade de corpo e alma de um moço, mais que anos de intensa psicoterapia.

Entrementes, prossigamos. A existência segue sua marcha na Firenze linda. As suaves águas do pacato Arno seguem deslizando, plácidas, sob as pontes. Nas muitas torres, soldados atentos vigiam os horizontes. Guardam a urbe. A amada Itália de hoje era, então, uma colcha de retalhos de pequenos países envolvidos em intrigas e mesmo guerras, eis que cada pedaço formava uma aguerrida cidade soberana. A poderosa Firenze é uma delas, repartida politicamente dentre facções opostas e entre si digladiantes, embora convivendo sob a proteção dos mesmos muros. Todavia, há intensa atividade econômica e artística e, nos tempos de paz, as ruas e praças, mercados e lojas ficam lotadas de gente provinda de toda parte. Pelas estradas afluem à cidade, ou dela partem, comerciantes com seus produtos e seus empregados; e viajantes, em trajes chiques uns, humildes outros; e soldados, políticos, populares, em afazeres vários. No centro, às margens do Arno, faz-se agitado comércio no Mercado das Pulgas e nas lojas, ruas e praças. Muitos dos transeuntes, rindo alegremente, querem esfregar o nariz do javali de bronze posto ali na rua porque, diz-se, é razão para ter sorte na certa. No correr dos

séculos, o pobre do animal deverá ter o apêndice nasal de todo esfolado. Penso em quantas vezes Dante e Beatrice o terão esfregado, faceira e galhofeiramente, naquela Firenze agitada por políticos e por religiosos, por mercadores e gente de toda ordem. Em meio ao burburinho, pintores e artesãos criam suas obras belas; engenheiros esboçam imensas estruturas, que os pedreiros constroem. A urbe é plena de movimento e de vida. As ruas são estrepitosas de carros e passantes, gentes e bichos.

Essa é a terra de Dante e de Beatrice, e ele não retira a bela do seu pensamento. Em 1283 dedica-lhe um primeiro soneto. A igreja ali no beco, aliás, erguida pela família Alighieri, é um ponto em que ambos se veem amiúde quando das Missas e das festas eclesiásticas. No mais, o rapaz se posta nas ruas, na esperança de eventualmente vê-la. Porém, não há esperança alguma para os apaixonados. Dante é de condição social menos elevada que ela e, ademais, como era costume na época, Beatrice já era prometida a outro, desde muito nova. E, da palavra dada, atrás não se voltava. Naquele tempo, os matrimônios eram combinados pelas famílias, até mesmo antes do nascimento dos filhos, e o pai da jovem, o nobre Folco Portinari, enfim, a dá em matrimônio, porém, ao banqueiro e nobre Simone de Bardi, em 1287, após curto noivado havido naquele mesmo ano. Dante, desconsolado, continuaria a tê-la por sua musa e a dedicar-lhe poemas, porém, homem discreto, não revela a ninguém, por largo tempo, quem é a sua inspiradora. É de se esperar que Beatrice tenha sabido de seus versos, gostosamente entendendo que a si se referiam, porque foram publicados. A jovem senhora, todavia, falece de inopino, pouco além de dois anos após o casamento, em 1290, na candura dos vinte e quatro anos. O mundo do poeta como que desaba. A dor do vate é imensa. Foi como se o Sol da alegria se apagasse de vez e deixasse de brilhar no firmamento da sua vida. Depois, escrevendo a obra *Vita Nuova*, ele desabafaria: “Ita n’è Beatrice in l’alto cielo / nel reame ove li angeli hanno pace” (Assim, está Beatrice no alto céu, no reino onde os anjos têm paz).

Com o tempo, o vate se recupera e retorna à existência. Continua tendo-a por musa, culminando por imortalizá-la, anos mais tarde, na sua grandiosa e genial trilogia épica cristã intitulada *Commedia* — uma representação da vida cotidiana e tão sublime que leitores a apelidariam *Divina Commedia*. Nela, o poeta Virgílio guia-o pelas sendas trágicas do Inferno e pelos duros, porém esperançosos, caminhos do Purgatório, onde o confia, por fim, aos cuidados da bela e meiga Beatrice, que vai até ao seu

encontro para, desde então, ser sua sábia e doce condutora rumo ao Paraíso Celestial, e para que o poeta, enriquecido com a sublimidade de tais visões angelicais e divinas, dali tornando à vida terrena, venha a ser um profeta do Amor e da Justiça, anunciando aos homens o caminho da Paz. Há indícios de que tenha esboçado sua *Commedia* ainda na juventude, porém é seguro que o grande corpo da obra foi escrito no exílio. De fato, na vida terrenal, Dante, guindado à carreira política, jovem ainda fora o prior de Firenze. O partido dos guelfos — ao qual sua família tradicionalmente pertencia — estava dividido em duas facções antagônicas: a dos negros, formada por antigos monarquistas, e a dos brancos, constituída pela nova burguesia nascente. Dante tenta conciliá-las, porém em vão. Numa virada política, é desterrado em 1302 e, mesmo, condenado à morte à revelia. Parte o poeta para o exílio. Era já casado com Gemma Donati e, como de costume na época, sua esposa e filhos não o seguem na desdita, não sendo alcançados pela condenação. Muito depois, quando já com fama de poeta grande, Firenze ofereceu abri-lhe as portas, porém Dante recusou. Morreu no desterro de Ravenna, a mesma terra em que, num seu distrito e vários séculos após, teria por primeiro sepulcro a catarinense Anita Garibaldi, heroína de Dois Mundos, morta no cerco de Roma.

Porém, enfim, como se resolveu o drama de Dante e Beatrice? Na verdade, muito bem. Posso, hoje, ver um felicíssimo Dante, com sua adorada esposa Gemma Donati, amorosos e passeando juntos com Beatrice e seu amado marido Simone de Bardi, alegres, muito amigos, companheiros, caminhando felizes e de braços dados pelos jardins da Mansão da Eterna Felicidade, passeando eles pelas margens floridas de um formosíssimo e luminosíssimo Rio de Rubis — que o poeta, em êxtase, descreve na sua *Commedia* —, numa existência de imorredoura primavera e permanente manhã de luz, usufruindo dos inspiradores perfumes de belíssima Rosa Mística (figura de Maria Santíssima, na obra de Dante), vivendo e convivendo os quatro como se um só par amoroso fossem, numa infinita alegria pela mútua presença, agradável companhia e mútuo Amor. Porque, no Céu, as pessoas vivem todas uma grandiosidade do Amor, como se anjos fossem; e daí que, provindos de todas as Firenzes do mundo e dos tempos, ali cada Dante e cada Beatrice, sem noites escuras a lamentar nessa *Vita Nuova*, vivem na plenitude da alma e dos sentidos, num eterno ágape de um Amor apaixonado e sem fim. E, quanto a mim? Bem, estou, agora, no século XXI. Quase oito séculos me separam de Dante e Beatrice. Em Firenze, ando

meditativamente pelas margens do Arno, neles pensando, neles pondo minha alma, cismando ternamente com sua linda história de amor. Passo pela Ponte Vecchia e vou rumo ao Mercato delle Pulci. No caminho, topo com o javali de bronze, já meu velho conhecido. E lhe esfrego o há muito esfolado nariz, ansioso por uma boa sorte para mim e para minha amada. E por todos os demais Dantes e Beatrices do mundo.

ARTIGO JURÍDICO · 1º LUGAR

O papel político e constitucional do Ministério Público na efetivação dos direitos fundamentais

por Vinícius Secco Zoponi

Resumo e referências reunidos na **Parte III — Artigos Jurídicos**, ao final desta publicação.

Obras vencedoras — 2023

A edição que consolidou quatro categorias — artigo jurídico, poema, crônica e conto — com a estreia do conto.

POEMA • 2º LUGAR

REVISITA

por Raul Schaefer Filho

Percorri em nudez de temor
estradas sob sombras noturnas
e me acoitei nas cálidas curvas de sul américa
cruzando pequenas cidades e aldeias
e penetrando densas florestas.

Exauri meu fôlego em braçadas por rios e lagos
e sentei-me às margens pescando carás e lambaris.

Queria ter com o guerrilheiro-mor,
mas me desviei por escarpas e montanhas;
ouvi uma voz sussurrando sua morte, assassinado
e me aproximei do corpo exangue,
largado em chão pétreo e gélido.

Horas fugidias desceram na escuridão da noite das selvas latinas,
e adormeci sobre a relva macia e úmida...

E, quando à aurora, a fina chuva fundiu minha lágrima salgada e quente,
o continente desapareceu
para algum recôndito de obliviada alma.

Incontrolável dose de apatia e incredulidade, então
assombrou evocação de luta libertária
que pariu no tempo.

Revisito andanças...

CRÔNICA · 1º LUGAR

Promotorando...

por José Alberto Barbosa

Creio que o verbo *promotorar* seja um neologismo meu. Certeza, não tenho, mas, volta e meia eu invento algum e, tal forma verbal a trago na mente há décadas. Verdade que não por escrito, mas apenas *in cogitatio*, isto é, no meu foro íntimo. Promotorar, para mim, será um modo informal e intimista — nunca ostentável em modo solene — de se dizer que o membro do Ministério Público está a vivenciar, em dado momento, alguma qualquer atividade própria de seu cargo e função como promotor de justiça, seja na Promotoria ou em qualquer lugar, mesmo no recinto lar, pois estar promotorando é um modo de vida psíquica, uma maneira de ser, que se estabelece na pessoa desde o momento em que é empossada na carreira. É qual uma marca, um selo. Determina seu modo de pensar e de falar, de agir e de ser. O promotor desperta, passa seu dia e dorme promotorando. Não é

enriquecida com o cargo e obrigações, deveres e afazeres. Passam a incorporar sua mente, o seu todo. Não é um “ter o rei na barriga”, nada disso. É, sim, uma condição inerente de poder público e consequentes deveres, ostensivos, marcantes, os quais, todavia, não retiram por si mesmos a simplicidade da alma e, antes, a sublimam. Enfim, se vive, então, essa belíssima fruição. Como nem mesmo o gozo das merecidas férias nos arranca

da alma e da pele tal condição, é justamente num período desses que vamos encontrar os nossos personagens desta crônica, isto é, reunidos, formando pequeno grupo em pleno tempo de férias, mas sempre “promotorando”. Advirto ao prezado leitor que, apesar do inusitado, o que adiante segue não é um conto. É crônica. Aconteceu. Pois bem, vamos ao relato disto.

Chegados os dias de verão, no curtir das férias e visando fugir do seu cotidiano, da mesmice das costumeiras moradias e paredes, ruas e edifícios, buscando descansar suas cabeças e corpos de suas lidas forenses, dos trabalhos e dos estudos, muitos membros do Ministério Público catarinense, com familiares ou amigos, saem em busca de algum paradeiro temporário, onde possam repousar, restaurar as energias, esfriar as mentes. Uns vão para o estrangeiro. Outros buscam os agradáveis hotéis-fazenda ou sítios, nos campos, encostas ou montanhas. Na sua maioria, porém, acorrem aos balneários praiheiros, alguns dos quais se tornam, então, lugares de encontro da classe. Podemos topar com eles em diversos afazeres amenos, tais o estarem passeando ou fazendo compras, mesmo se dedicando a realizar pequenos consertos, mas, via de regra, todos também indo às praias, fazendo presença nas areias e comprovando o acertadíssimo dito do criminologista Enrico Ferri, no sentido de que o Sol é o grande regenerador do corpo e do espírito. Na parte vespertina, entretanto, é comum que alguns deles (à recuada época em que o fato aqui narrado se deu, eram predominantemente homens) se busquem mutuamente ou, encontrando-se, por exemplo, nos bons bares ou lanchonetes por eles eleitos, nos quais os colegas, combinadamente ou por impulso, calorosamente se reúnem. Em tais colóquios nós, os mais jovens, ouvíamos dos veteranos verdadeiras aulas de prática jurídica. De como conduzir, de melhor modo, os trabalhos diversos. Dos cuidados a tomar no exercício da profissão. Rodeávamos, especialmente, àqueles afamados por suas atuações perante o Tribunal do Júri. É claro que, por vezes, os veteranos é que aprendiam com os novatos, até porque no Ministério Público se constata um misterioso, sublime irmanamento de seus membros, gerando-se um vínculo espiritual semelhante ao familiar e que faz dessa a mais encantadora das profissões civis. Devo acrescentar que, à época, não fora ainda desenvolvida a Informática e cada qual ingressava na carreira e a levava adiante conforme o seu próprio *background*, com seus próprios recursos, tais os livros, arquivos, papéis e, é claro, a indispensável máquina datilográfica, pois era tempo em que o Ministério Público não gozava de autonomia financeira, sendo o apoio material bem precário e,

desse modo, maior era a necessidade de os membros se municiarem mutuamente, trocando informações. É o que faz, agora, esse grupo informalmente reunido. Vejamo-lo.

A cena que adiante descrevo se passa em mesas de um bar praieiro, sitas ao ar livre, em concorrido balneário catarinense, onde podemos ver vários promotores de justiça reunidos. É um encontro tipicamente feliz. Quase todos já se conhecem. Alguns dos mais novos, vindos de concursos mais recentes, são trazidos e apresentados por veteranos. Sou um deles. Há abraços, sorrisos. Indagam-se, mutuamente, das famílias, das suas viagens e, é claro, também dos respectivos serviços. Todos estão muito alegres, animados. Enquanto proseiam, vão aperitivando, ingerindo as bebidas preferidas. Cada qual parece cheio de novidades para contar e muito disposto a ouvir. Já se abraçaram os velhos amigos, já foram apresentados e cumprimentados os colegas com pouco tempo na profissão, já prosearam sobre amenidades. Nesse ponto, um deles indaga de outro sobre determinada atividade funcional que tivera bela repercussão no Estado, e o tal faz sucinta exposição de como se dera seu louvado serviço, recebendo parabenizações dos circunstantes. Segue o grupo proseando, agora, sobre as respectivas atuações perante o Tribunal do Júri. Comentam do ineditismo de certos crimes. De tendências jurisprudenciais. Falam de pareceres importantes em mandados de segurança. De leis novas, de importantes reflexos em nossa atuação profissional. De seus empenhos pessoais como curadores natos, em campanhas em prol de menores, de registros públicos, de questões sociais e, quanto aos que são também professores, de suas experiências no setor do ensino. Enfim, conversas muito produtivas, instrutivas e práticas. Vemos, por elas, que os colegas planejam e criam realidades. Dá gosto ouvi-los. Dentre os promotores de justiça, posso ver um ainda novo nos anos, embora já com certo tempo de carreira. Noto que fala pouco, embora se perceba que escuta atentamente e, por vezes, mesmo aparteia, de modo bastante inteligente. Não me parece arredio, nem taciturno. Creio seja, tão somente, novo no grupo. Provavelmente porque não vinha antes veraneiar onde agora estamos e pouco frequentava este bar. Dá-se, todavia, que um dos colegas mais antigos, mais tarimbado nesses encontros ocasionais e por pretender, talvez, entrosar mais o referido colega na prosa, segurando-o pelo ombro, invoca um seu testemunho, o anunciando ao participativo grupo, dizendo em tom alto e exclamativo:

— Agora, amigos, proponho que ouçamos a este caro colega promotor! Ele milita em uma região pioneira do Planalto, distante de nosso litoral e onde, segundo dizem, pelas noites, as onças ainda rondam as casas... (Risos!) Deve conter, nessa sua bela cabeça, uma riqueza de informações para nos transmitir! Há de ter passado por situações muito interessantes! Acho que, se concordar, poderá compartilhar isto conosco. Quem sabe, até nos diga algo que nos faça rir.

A isto, os demais o secundaram vivamente, cobrando do colega: — Sim! Isso aí! Conta! Conta! E o promotor de justiça, não se fazendo de rogado e, aliás, todo sorridente, se abrindo como gaita campeira, saiu-se, para minha surpresa, com essa beleza de história. Adianto-lhes que seu vocabulário tem, aqui e ali, uma pitada de gauchesco e planaltino. Ouçamo-lo, pois!



— Obrigado, colegas, pela deferência! *Bueno*, na verdade, bastava-me a alegria e o proveito de estar aqui a ouvi-los, todavia, como me foi dada a vaza para assumir a palavra, disto participo com gosto. Não se rejeita cavalo que passa arreado. Nem julgo possuir o direito de abster-me, visto que, por princípio constitucional, o Ministério Público é uno e indivisível e, por isso, o que um de seus membros experimenta profissionalmente, a todos pertence. Realmente, vivenciei diversas situações, curiosas umas, dramáticas outras, nas comarcas em que exerci o cargo, como naquela onde atualmente milito. Lhes contarei um caso singelo, *pero*, para lá de interessante, tchê! Peço que se segurem na vontade de rir, pois foi tudo no sério.

Também, para que possam compreender melhor minha postura profissional, na tentativa da solução do problema com que me defrontei — e o qual envolve ciências do psiquismo —, faço-lhes um preâmbulo para dizer-lhes que, ainda jovem nos anos, me apegando avidamente a obras de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Viktor Frankl, Alfred Adler e outros cientistas da mente, tais leituras me despertaram tão forte paixão que, já antes dos tempos de acadêmico e mais ainda nele, cuidei de amearhar razoável coleção própria de obras a respeito, estudando-as com prazer e curiosidade. Assim é que, ainda um gurizote, mergulhei com gosto no livro *25 Anos de Psicanálise*, do Gastão Pereira da Silva, e, anos depois, na *Psicopatologia Forense* e no *Compêndio de Psiquiatria*, ambos do médico José Alves Garcia. Nesse mesmo afã pelas coisas da vida psíquica participei, com bom proveito, de um curso extracurricular de Medicina Legal, com

aulas ministradas por renomados mestres e médicos-legistas, caso do culto e gentil psicólogo forense e psiquiatra Dr. Napoleão Teixeira e de diversos outros luminares, dentre os quais o afamado Dr. Hélio Gomes, o qual fumava um charuto tão fedorento e insuportável que espantava para longe quem estava nas primeiras fileiras, isto tudo, porém, sem prejuízo do enorme prazer em ouvi-lo. Bah! Aqueles homens eram um espanto!

Enfim, atento às lições de tais mestres e equipado com boas obras psicológicas, psicanalíticas e psiquiátricas, mesmo de serviço social, em minha modesta estante, uma vez concursado como promotor de justiça julgava-me apto para constatar, ao menos a nível de entrevista de ajuda, bem como nos processos judiciais sob meus cuidados, eventuais casos em que se convinha recorrer aos ensinamentos de tais ciências, podendo, assim, me sair profissionalmente melhor e, por consequência, sendo mais justo e mais útil para com os envolvidos. Dou-lhes um exemplo. Certa feita, em uma audiência, uma senhora que estava sendo interrogada desabou pesadamente, caindo no chão em convulsão, ficando ali, encurvada sobre si mesma, babando e, passada tal crise, adormeceu profundamente. Ora, colegas, tanto o juiz quanto os demais presentes temeram tocá-la, julgando tratar-se de doença contagiosa. Eu, porém, logo identifiquei tratar-se de um ataque de disritmia cerebral, fui em socorro dela, protegendo sua cabeça, tranquilizei-os de que não havia risco e recomendei que a levassem para lugar confortável e, a seguir, ao médico, marcando a ouvida dela para outro dia. Todos admiraram minha atitude, me elogiaram, agradeceram. Porém, colegas, que estou dizendo? Imagino que vários de vocês tiveram, a respeito, ainda mais preparo que eu, que nisto não passo de um cavalo de padeiro, fazendo as coisas por imitação.

Pero, pois bem, foi com esse meu espírito de analista improvisado que me encontrava certa feita em meu gabinete no prédio do fórum e, não havendo audiência judicial designada, estava mergulhado nos trabalhos internos da Promotoria, ao mesmo tempo disponível para receber quem me procurasse, momento em que a porta foi aberta por um senhor que, adentrando respeitosa e no recinto, o dedo erguido como que para pedir-me licença, se anunciou, dizendo solene e curtamente: — Eu sou um Sputnik!

Mas, bah, amigos! Segurem o riso! Eu jamais esperaria por isso. Não, naquele tempo. Hoje, estou mais escolado. Ao ouvir tais palavras, meu

primeiro pensamento foi o de que algum gozador, talvez mesmo algum amigo meu, querendo tirar um sarro na minha cara, orientara a um pobre alucinado a que me viesse consultar e se anunciasse de tal forma... Todavia, já de relance, percebi que não. Se tratava de uma visita espontânea e autêntica. Diante de tal apresentação, tanto inusitada quanto lacônica, me ergui e, levando a simpatia na face, contornei minha mesa e fui receber em pé àquele senhor, me apresentando, dando-lhe o meu bom dia e buscando ser-lhe agradável. Disse-lhe que era o promotor de justiça e o convidei a sentar-se, para que pudéssemos prostrar à vontade. Ele o fez. Como toda gente sabe, *Sputnik* — em russo, algo como “companheiro de viagem” — é como são apelados esses pioneiros satélites artificiais soviéticos. Estava claro que o meu visitante estava se referindo a ser um deles. Se evidenciava nele, portanto, ser portador de problema mental.

Sem prejuízo da eventual orientação jurídica a ser a ele dada — ainda não lhe indagara a razão da visita —, mas antevendo ser necessário estabelecer um diálogo de ajuda, decidi verificar como estavam os seus dados psicológicos e, para isso, tratando-o como se o ser tal objeto espacial fosse a coisa mais natural do nosso Universo, indaguei-lhe se era um Sputnik russo ou americano, visto que apenas esses dois povos, ao que se sabia, já possuíam tais artefatos em uso. A isso, o consulente não titubeou e me respondeu de pronto: — Sou um Sputnik americano. Eis aí, colegas! O meu consulente se julgava um satélite artificial americano. Era evidente que, por trás do pretenso objeto espacial, estava um ser humano. Havia ali uma pessoa que desejava se expressar e que devia ser ouvida com simpatia e atenção. No mínimo, eu deveria ouvi-lo por um imperativo humanitário.

Disse-lhes que me erguera e contornei minha mesa para recebê-lo. Fiz isto, não só por educação, mas para poder vê-lo melhor, avaliá-lo estando ele ainda em pé. Sendo muito provável um problema psicológico ou psiquiátrico, importava proceder a uma anamnese da pessoa do consulente. Era um senhor de meia-idade, muito magro por desnutrição, desidratação ou outros fatores. Tinha os olhos fundos, a face encovada. Sua roupa denunciava ser pessoa simples, um colono vindo de algum sítio do município. As botas surradas revelavam um trabalhador do campo. No corpo e nos trajes, um forte odor de palheiro, e o tabagismo se denunciava também por suas marcas nos dentes e mãos. Sua pele, por demais amarelada, clamava pelo exame médico. Não havia ferimento ou marca que denunciasse peleia em bolicho de beira de estrada. O homem parecia ser mesmo pacífico.

Tudo indicava sofrer de agudo problema físico e mental. Sem dúvida, carecia de ir ao médico, pois passava por uma crise. Talvez nem a família soubesse que ele viera para a cidade.

Já sentados, pudemos prostrar. Enquanto charlávamos, eu o bombeava, disfarçado, assim como um quero-quero, sempre com meio olho dormindo e meio olho acordado. Sua conversa era amável, porém lacônica. Aguardava minhas indagações e limitava-se a responder a elas. Não revelava emoções. Concentrava-se em mim, assim como se fora um autômato. Bah! Era um patricio parágrafo aquele, tchê! Todavia, entendia com clareza o que lhe era indagado e me respondia tudo adequadamente. Calmo nos gestos, não denotava temperamento violento nem nervoso; mas, para mim, a calma excessiva dele se revelava patológica. Havendo mentalizado um retrato do consultante, pude me dirigir a ele para saber o motivo de sua visita. Falei-lhe amavelmente: — E a que devo, Sr. Sputnik, o prazer de sua visita? Sua resposta foi rápida e concisa: — Os russos construíram um aeroporto lá perto de casa e eu não consigo dormir.

Bem, era essa a sua queixa. Mantendo postura de como se entrasse na sua psicologia do momento, resolvi mostrar-me empático: — É, bem o sei, meu senhor, como são estes tempos modernos! Vivemos todos em grande agitação! Eu ainda não sabia da construção de um aeroporto perto de sua casa. Ainda mais dos russos! Vou me informar sobre isso. Irei ver na Prefeitura se foi concedido um alvará. Quero conhecer o projeto. Chegado a tal ponto, vi que era momento de verificar como estavam seus dados psicológicos, sua memória, sua atenção. Marotamente, indaguei-lhe: — E o senhor é um Sputnik que dá voltas apenas em redor da Terra ou vai até à Lua também? Novamente ele respondeu, pronta e categoricamente: — Vou à Lua também.

Bingo! Era o que eu esperava. Tentando desviá-lo do problema com os russos para os problemas físicos em torno da Lua, indaguei à queima-roupa: — E é muito frio por lá? Ele, coerentemente, respondeu: — Sim! É muito frio! Mas este não é o meu problema. Ótimo!, cogitei. Ele parece raciocinar bem! — Então, qual o seu problema? Sem pestanejar, repetiu-me, *in ipsis litteris*, sua queixa original: — Os russos construíram um aeroporto lá perto de casa e eu não consigo dormir. Pedi para ver sua carteira de identidade. Tinha só o título de eleitor. Me servia. Já tinha em mãos seu nome e dados.

Perguntei mais: — O senhor é um Sputnik casado ou solteiro? — Sou um Sputnik casado. Anotei o nome da esposa.

Passei a considerar o caso objetivamente. Seria ele vítima de delírio? Alucinação? Mania? Achei possível que o infeliz homem sofresse de uma síndrome alucinatória delirante primária, algo menos grave, tal e qual a descreve o psiquiatra Dr. José Alves Garcia no seu *Compêndio de Psiquiatria*, pois, mesmo manifestando ideias delirantes, mantinha boa coordenação motora e suficiente equilíbrio emocional para não ser perigoso para si ou terceiros; tinha noção do poder da autoridade civil e buscava ajuda; podia viajar sozinho; dialogava com certa racionalidade e se mantinha coerente em sua reclamação. Enfim, tornou-se evidente que aquele senhor necessitava de socorro médico, com a devida urgência.

Como curador de incapazes e de família, competia-me também buscar trazer até mim sua esposa ou parentes, mas era-me fácil levá-lo a um médico de confiança: os dois únicos médicos da cidade eram já meus ótimos amigos. Antes, argumentei que, sendo ele casado, eu deveria preparar uma cartinha convidando sua esposa a vir ver-me, pois lhe disse: — Não adianta muito eu mandar uma intimação para os russos irem embora se a sua esposa não vier assinar uma queixa também, porque eles a devem estar incomodando por igual. Uma reclamação do casal terá mais força. Era um raciocínio lógico e ele concordou plenamente. Preparei a carta e fomos ao hospital. Os dois médicos já o conheciam e o haviam atendido; sabiam de suas fixações mentais. O que o atendeu a meu pedido até agradeceu por havê-lo encaminhado. Medicou-o, prescreveu-lhe o que convinha e permitiu que se fosse, para que pegasse o ônibus de retorno ao lar. O consultante despediu-se e partiu, levando minha cartinha para a esposa. O doutor, porém, preveniu-me: — Ele voltará! Quando se sente melhor, não toma mais a medicação e a crise se reinstala. Apreciei falar contigo. O tranquilizaste. A qualquer momento, chegará na Promotoria se dizendo alguma outra coisa. (E, em meio a gostosa risada:) Não duvide que venha se dizendo ser um Fusca ou um Chevrolet!

E o promotor de justiça, findando sua curiosa narrativa, afirmou que a esposa do Sputnik não o veio procurar, sendo respeitada a decisão dela. O assunto, ademais, já estava sob o controle dos médicos da cidade.



Seguiram-se comentários dos ouvintes: — Puxa vida! Que história! — Fala sério! Você não inventou isto? — É um conto! É um conto! O colega narrador, porém, confirmou ter dito a mais pura verdade. E todos creram nele. Daí, um dos circunstantes, promotor ainda novo na carreira, não resistindo à curiosidade, indagou-lhe onde aquilo se dera. Porém, o tal promotor de justiça saiu-se com uma frase que a todos sensibilizou, como uma lição de ética profissional: — Prezado colega, embora eu não tivesse um compromisso de sigilo para caso tão simples e, pelo visto, publicamente conhecido, prefiro não lhes dar detalhes que digam respeito à intimidade do consulente. Por isso, intencionalmente, me omiti aqui em identificações de pessoa, lugar e tempo. (...) Minha atitude não há de ser diferente da do psicólogo analítico Carl Gustav Jung que, durante uma entrevista jornalística, sendo indagado sobre o que Sigmund Freud lhe confidenciara ao ser por ele psicanalisado, respondeu, de modo peremptório: “Certas coisas devem morrer conosco!”

Os colegas deram mostras de que apreciaram o que ouviram, e a coisa poderia se encerrar por aí, porém sucedeu que um promotor de justiça dos mais veteranos, muito brincalhão, entrevendo uma falha no término da inaudita narrativa, judiciosamente indagou: — Mas, colega!? E os russos? Como terminou essa história dos russos? Foi nesse ponto que aquele promotor revelou o seu lado chistoso, pois, com um sorriso rasgado qual cordeona em bailanta, saiu-se com este primor de fecho:

— *Pois, bueno, meu caro colega! Passado um par de dias, depois daqueles fatos, estávamos eu e minha querida prenda proseando alegres, ao cabo da tarde, apoiados no peitoril de uma janela de nossa moradia, chimarroneando de mano, muito felizes, palreando como duas alegres caturritas. Contemplávamos o pôr do sol e a beleza do anoitecer que se avizinhava, quando vimos, surpresos, que na linha do horizonte, justo lá para as bandas do sítio do consulente, coisa de duas léguas, um baita fogaréu se ergueu do chão, num forte clarão. Em coisa de dois segundos, chegou até nós o som de fortíssima explosão, seguida do barulhão infernal de poderosos motores, e foi daí, no lusco-fusco que precede a vinda da noite, que vimos subindo para o céu aquela imensa astronave, parecendo estar em fuga, ganhando as alturas. Ainda pude ver que, no lombo branco, trazia gravada uma grande estrela vermelha e as letras CCCP. Também, a foice e o martelo. Não havia dúvida. Era uma nave russa. Nisto, minha prenda, rompendo o silêncio do seu espanto, me indagou, meio que de*

queixo caído: — Pero, que será aquilo, marido? Que coisa será aquela explosão? Eu lhe respondi, simplesmente: — Ora, meu bem! São os russos! E estão partindo! E ela: — Russos? Mas, que russos, homem de Deus? Eu, porém, caros colegas, desconversei. Me fechei em copas. Afirmei que deveria ter explodido a caldeira de alguma locomóvel. Ela não sabia nada do Sr. Sputnik. Nem deveria saber. O sigilo profissional, colegas, nos acompanha na vida do lar.



E nisto cingiu-se a verídica história. Nem seria necessário seu narrador nos dizer que não houvera russo algum. Já o sabíamos! Porém, o prezado colega, aproveitando a deixa, não resistira a um tal desfecho galhofeiro. E tudo terminou em uma gargalhada geral. O bar estava bem movimentado, naquela tarde. Mais promotores de justiça foram se achegando, e a prosa correu solta, divertida e produtiva, pois, dentre tiradas hilariantes, ouvimos ótimas e belas lições profissionais e de vida. Eu, porém, desde então, fico cismando se, promotorando por esta linda terra catarinense, não me entrará um dia no gabinete, de inopino, um homem magro, de rosto escavado que, o dedo alçado para chamar-me a atenção, se apresentará com um lacônico: — Eu sou um Sputnik!

CONTO · 2º LUGAR

Recordações — Ano 1968 (Campos Novos)

por **Mario Edgar Wolff**

Final de semana, estava na praia em Canasvieiras, quando meu avô convidou-me: — “Vamos passear em Campos Novos, planalto catarinense?” — “Por quê?”, respondi, com um olhar curioso. Ele acrescentou: — “Quero rever um compadre que conheci quando estive lá... há muitos anos... 60 anos! Eu havia sido nomeado na função de Promotor naquela comarca.”

Aceitei o convite e partimos para aquela aventura. Fui dirigindo o velho Land Rover dele, por muitos quilômetros até alcançarmos a altitude do

planalto serrano, e entramos por uma estrada de chão no interior do município, distrito de Pito Aceso. Um presente da mãe natureza. Estávamos no meio de um campo verde e ondulante entre coxilhas e canhadas. Desfilando aos nossos olhos pinheiros, imbuias, bracatingas. Mato farfalhando ao vento. Respiramos um ar puro e revigorante até chegarmos na casa do compadre.

Sebastião era o nome dele. Mais conhecido como o velho Tião. Uma casa simples mas acolhedora, ornada com quadros de santos, situada próxima de um riacho com águas límpidas e frias. Tivemos uma recepção festiva. Alaridos de alguns piás, filhos do caseiro que morava ao lado. Ofereceram chimarrão e cafezinho, cheiroso e fumegante, em canequinhas de porcelana. A prosa se estendia mansa e vagarosa, porque lá o tempo escorria devagar.

Então, meu avô recordou sua vivência na pequena e antiga Campos Novos. Ano de 1968. Lembrou do nome do antigo Juiz da Comarca: Dr. Raul Bayer Laus. Passou a contar causos curiosos daquela época. Então desfilaram no nosso imaginário muitos personagens ante os olhares atentos do casal de idosos, enquanto os piás ouviam, sentados ao chão. A narrativa de meu avô estendeu-se até o final da tarde, como descrevo a seguir.

“Seu nome era Raul Bayer Laus, Juiz de Direito, substituto. Em Tijucas, sua terra natal, havia recebido o apelido, carinhoso, de Lilico. Na Universidade Federal, onde cursou Direito, também ficou conhecido como Lilico. Na Comarca de Campos Novos, outono do ano de 1968, o chamavam Doutor Raul.” Após um gole de café, meu avô prosseguiu: “Nas dependências do Fórum, informalmente, o chamávamos Lilico. O Promotor de Justiça, também recém-chegado à Comarca, e os Advogados Dr. Cid Pedroso, Dr. Enéas Athanázio, Dr. Edson Ubaldo, entre outros.”

Era o momento descontraído do cafezinho, servido pela servente. — “Também tratamos, com carinho, o Advogado Dr. João Rupp Sobrinho. O mais antigo da Comarca, chamando-o pelo apelido familiar de Dr. ‘Janguinho’” — afirmava o Escrivão Atílio Calliari. Na pequena cidade de Campos Novos as notícias corriam rápidas. Ainda mais a chegada de novo Juiz. A novidade era assunto do dia. De boca em boca, pois não havia jornal. A notícia também se espalhava nos pontos de reunião: nas farmácias do Osvaldo Melo ou do Adelar, no tradicional bar do Álvaro ou até no posto de gasolina do “tio” Raulino ou “Tatu”.

— “Certa feita, um Promotor, quando chegou, fora saudado com uma salva de tiros. Revólveres. Calibre 38. O alvo: o sino da Igreja, no alto da torre.” O Oficial de Justiça, que ouvia o Escrivão, confirmou e acrescentou: — “O sino balançou e tocou, ‘seu’ Doutor.” Algumas mulheres lembram que o Padre Quintílio, pároco, foi examinar o local e não negou: encontrou vestígios.

Dona Maria, que mantinha uma pensão para Doutores, como afirmavam, costumava lembrar fatos inusitados. Profunda conhecedora da história de Campos Novos, não escondia: — “Aqui cemitério é mina de chumbo...”. Avisando os incautos e ardentes forasteiros: — “Beijo, com mulher casada, sempre tem gosto de chumbo...” Ria e olhava para o genro, que nutria muito ciúme de sua esposa, apesar de, como caminhoneiro, ter muita liberdade quando viajava.

Dona Maria costumava recomendar aos hóspedes e viajantes: — “Muito cuidado com a mulherada das casas de tolerância”, apontando para a estrada, na saída da cidade, no rumo de Lages. — “Muito homem casado perdeu o juízo e destruiu sua família”, relembrando e lamentando. Por sinal, Dr. Vilson Vidal Antunes, Juiz de Direito da vizinha Comarca, costumava definir “prostíbulo” citando, em uma sentença, o escritor Mário Brito: — “Um harém ocidental em que odaliscas de aluguel atendem a califas ocasionais.”

Na pensão de Dona Maria, hóspede não preenchia ficha de identificação. Ela logo bisbilhotava: casado, solteiro, viúvo? Perguntou o nome da esposa do Dr. Raul. A resposta pronta: — “Bidú.” — “Que nome interessante!” — “Não é nome. É apelido.” — “Mas é bonito, ‘seu’ Doutor. E combina com o seu.”

Assim transcorriam os dias na pequena cidade. O outono parecia ansioso pela chegada do inverno. As árvores da praça central perdiam as folhas. Começava a esfriar durante a noite. O tradicional café e bar da praça começava a ficar vazio mais cedo. Até os cães, nos casarios, calavam-se e procuravam um rancho aquecido. Na pensão, um bulício, provocado pelo jogo de dominó. Um vozeirão. Era o Lilico, ou melhor, Dr. Raul. Amanhecia. Era o primeiro que tomava café. Saía para o Fórum. Às vezes, pela manhã, ainda telefonava para Joaçaba, sede da jurisdição, onde a família residia e para onde ele retornava nos finais de semana. Telefone, só com central e telefonista para ligações interurbanas...

Até que, certo dia, algo inusitado veio acontecer. O Escrivão do Cartório Criminal, “seu” Calliari, saiu de casa dirigindo-se para o Fórum. Afagou Pirata, o cãozinho de estimação da família: animal todo branco, raça desconhecida. Um guaipéca. Cola preta e uma mancha preta na cabeça. Chegou ainda filhote. Colocaram-no dentro do cercado da casa e foi adotado. A curiosidade: Calliari, cinquentão, fora admitido serventuário no Fórum apesar de possuir visão de apenas um olho. Doença congênita? Acidente? Não confidenciava. Afirmava, categórico: — “Enxergo melhor do que muito sujeito com dois olhos.” Acrescentando, com gostosa gargalhada: — “Datilografo com apenas dois dedos, mais rápido que muita gente.”

O cão viera como encomenda para seu novo dono. Também apresentava apenas um olho. Mesmo assim enxergava à distância um gato, fazendo o maior alarido, botando o bichano a correr. — “Dei-lhe o nome de Pirata. Só falta um tapa-olho e uma perna de pau”, dizia, em tom de brincadeira, para os amigos, no bar da praça. Durante a semana, de segunda a sexta, chovendo ou fazendo sol, Pirata ia ao encontro do seu dono, no retorno do Fórum. Como diria o Dr. Enéas Athanázio, Advogado na praça e também escritor, citando o Marquês de Maricá em suas “Máximas”: — “Ninguém pode se queixar de não ter um amigo, podendo ter um cão.”

O sino da Igreja badalava no fim da tarde. Lembravam as Ave-Marias. No Fórum, “seu” Calliari parava, tentando organizar os empoeirados autos criminais. Fechava o livro-pauta de audiências e os arquivos. Despedia-se do Juiz e do Promotor. Atravessava a praça. Passava pelo café do Álvaro. Encontrava um ou outro amigo. Aconteciam brincadeiras e as mentiras habituais: caçadores e pescadores reunidos... Em casa, Pirata ouvia o soar do sino. Deslocava-se pela rua. Junto à cerca. Farejava uma moita. Nenhum sinal de gato. Célere, continuava até chegar na praça. Café do Álvaro. Sentia pelo faro. Ali encontraria seu dono. Aproximava-se, sacudindo a cauda, faceiro. Calliari se despedia dos amigos: — “Até amanhã. Conto outra p’ra vocês...” e os dois seguiam. Um homem e sua sombra.

Finalmente, chegara o dia aguardado pelo Juiz. Um julgamento pelo Tribunal do Júri. As dependências do Fórum eram alugadas e pequenas. Por isso, requisitou à Prefeitura o salão da Câmara dos Vereadores. Haveria cadeiras para o público. Uma cancela separando a assistência da mesa da presidência. Um tablado elevado para destacar os Jurados, sentados. Tudo pronto. Recomendou ao Escrivão que viesse de terno e gravata, pois soubera

que o Desembargador Pedrosa fora Juiz de Direito naquela Comarca e deixara a determinação: Juiz, Promotor, Advogado e Escrivão deveriam usar terno e gravata em dia de Júri. Até para os Jurados foi exigido o uso de gravatas. O Escrivão providenciou a compra de algumas para emprestar a quem necessitasse: pagou com a verba do café para o Fórum. Tempos difíceis.

Atílio Calliari, ao sair de casa, naquele dia afagou o cão de estimação. Pirata olhou desconfiado. Seu patrão usando terno? Permaneceu no portão, enquanto Calliari caminhou em direção ao Fórum. Estaria começando mais uma interminável sessão de Júri. Às 14 horas os curiosos começavam a chegar ao recinto do julgamento. O soldado PM Arlindo trouxe o réu, vindo da Cadeia Pública. Apresentou-o ao Juiz. Na primeira fila de cadeiras sentou-se “seu” Assad, comerciante, pai do jovem Dr. Suhail Assad, o mais novo Advogado em Campos Novos.

Filho de descendentes libaneses, estabelecidos com loja na cidade, Suhail sempre almejara tornar-se Advogado. Ousou. Procurou a melhor Faculdade de Direito: Rio de Janeiro. Cidade maravilhosa, nada de província. Comentavam: quando vinha, em férias, visitar seus pais, saía do Rio de Janeiro e dizia aos colegas e professores: — “Estou indo para New Fields City.” Alguns chegaram a acreditar que ia para os Estados Unidos da América. Depois descobriram que se tratava da cidade de Campos Novos, Brasil. Isso mesmo, Brasil, sem “Z”. Essa conversa circulava pelas farmácias do Adelar e do Osvaldo Melo, onde boatos e fatos se confundiam entre remédios e gargalhadas, próprias de caçadores e pescadores de plantão.

Começou a sessão de julgamento. O réu, conduzido ao plenário, escoltado pelo sd PM, apresentava semblante preocupado. Sentou-se defronte ao Juiz. Este, em plano mais elevado, procedeu ao sorteio dos Jurados que comporiam o Conselho de Sentença. Rostos conhecidos: Eleutério, Exator Estadual; dois funcionários da Prefeitura, duas professoras, um Vereador e um comerciante. Sete personagens e um destino, como diria o Dr. “Janguinho”. A leitura dos autos foi demorada: depoimentos de inúmeras testemunhas, documentos juntados, perícias do local da infração, exames de corpo de delito, promovidos pelos dois únicos médicos locais: Dr. Riskala e Dr. Vilmar. O tempo se arrastava. As horas custavam a passar. Alguns Jurados esboçavam bocejos, sonolentos.

Às 18 horas dobra o sino no alto da torre da Igreja. Pirata dormia embaixo do pessegueiro, nos fundos da casa, atento para nenhum gato passar pelo seu território. Ao escutar, lembrou: era hora de ir ao encontro de seu dono. Faceiro, passou pelo portão e alcançou a rua. Sentia que a temperatura esfriava. Olhou para um poste. Desistiu. Não podia atrasar. Deslocou-se entre moitas e cercas. Chegou na praça: bar do Álvaro. Calçada vazia. Onde estariam Calliari e seus amigos? Achou estranho. Farejava e não encontrava vestígio de seu dono. Sentiu uma frustração. Sensação de cão perdido, caído de caminhão de mudança.

De repente, surge na calçada “tio” Benó, Juiz de Paz. Homem de poucas falas. Não conseguiria informação, mas seguiu seus passos. Percebeu movimento de pessoas no final da rua. Entravam e saíam no antigo prédio da Prefeitura. Viu o padre Quintílio dirigindo-se para o local. Afastou-se para sua passagem pela calçada. Temia-o. Certa vez foi procurar seu dono na Igreja. Recebeu um corredor do Padre. Certamente ele não pertencia à Ordem de São Francisco, protetor dos animais. Soube, depois: Ordem Redentorista.

O Padre, apressado, entrou no prédio da Prefeitura. Pirata achou que estava na pista certa. Pouco depois, o Vereador Falavino Ferreira, excêntrica figura, também caminhava pela calçada, na mesma direção. Afastou-se para ele passar. Não gostava de político, aconselhado pelo dono. Ainda mais aquele. Como dizia Dr. Enéas Athanázio, também vereador: — “Bastava opinar contra o governo militar e já Falavino tachava o interlocutor de comunista e ameaçava a instauração de IPM.” O Adelar da farmácia, ouvindo o vereador Falavino discursar no bar do Álvaro, afirmou, categórico: — “Acreditem. Se nós não tivéssemos certeza de que a revolução foi chefiada pelo General Castelo Branco, ex-Presidente, eu diria que fora encabeçada pelo nosso conterrâneo Sargento reformado Falavino Ferreira.”

Vale lembrar. Quem assistiu, comentou. Às vésperas da revolução de 1964, no bar do Álvaro, discutiam Dr. Cid, Advogado, e o Vereador Falavino. Em dado momento, o primeiro lançou o desafio: o que ele, Falavino, entendia por capitalismo e a diferença com o comunismo. O Vereador coçou a cabeça, mas não demorou a responder: — “Ora, Doutor, capitalismo é a exploração do homem pelo homem. Enquanto comunismo é justamente o contrário...” Quem ouviu o desfecho saiu atônito.

Mas, voltando ao acontecimento daquele final de mais uma tarde em Campos Novos. Pirata aguardou alguns minutos defronte à Prefeitura. Afinal, ali era a casa do povo. Portas abertas para todos. Acesso público. Não tinha mais dúvida: ali estaria “seu” Calliari. Passando entre as pernas, aproximou-se pelo corredor até a cancela. Passou por um pequeno espaço, suficiente para seu corpo franzino, próprio de um cusco. Deparou-se com a mesa do Juiz Presidente do Júri. Móveis antigos, escuros. Na poltrona: Lilico. Olhou com humildade para S. Excia. Exultou quando viu, ao lado, “seu” Calliari, datilografando e reduzindo a termo o interrogatório do réu.

— “Nome, idade, profissão, etc.”, indagava o Juiz. — “Onde o senhor se encontrava por ocasião dos fatos narrados na denúncia?” Naquele momento, Dr. Raul, nosso caro Lilico, interrompeu o interrogatório. Olhava para a cena inusitada: assistência murmurando e um cachorro deitado no chão, ao lado do réu. — “Calliari! Esse cachorrinho é seu?”, indagou exaltado. — “Sim. É o Pirata, ‘seu’ Doutor”, respondeu acanhado. — “O que ele faz aqui dentro?” — “Pois ele deveria estar lá em casa... Desculpe!” — “Então, mande retirá-lo daqui. Providencie já.”

O Oficial de Justiça, “seu” Otávio, sentado ao lado dos Jurados, cochilava. Ao meio-dia havia tomado uma dose de “água santa” no bar do Álvaro. Era cafuzo e conhecido pelo apelido de “Nó de Pinho”, por causa da tez morena de sua pele. Quando foi convocado para retirar o Pirata, meio sonolento, não acreditava. Estaria sonhando? Calliari reiterou a ordem. O Oficial de Justiça aproximou-se do cachorro, agachou-se. Pirata assustou-se, mas não resistiu. Foi conduzido até a porta da Prefeitura e ali deixado ante o olhar dos curiosos.

Passados alguns minutos, refeito da ação rápida, ele não vacilou. Olhou para a rua escura e voltou ao plenário da Câmara. Sorrateiramente, entre cadeiras e pernas, chegou até a cancela e a ultrapassou. Colocou-se na frente do Juiz. Um desafio. Novamente interrompido o interrogatório. Lilico, o Juiz, não concordava com a intromissão: — “Calliari! Aqui não é lugar para seu cachorro!” — “Desculpe, Doutor. Ele está aguardando a minha volta para casa.” Os Jurados se entreolhavam, atônitos. Despertaram. Osvaldo Melo, da farmácia, não conseguia conter o riso. O Promotor, surpreso, chegou a suspeitar de uma articulação da Defesa: “estratégia para distrair a atenção dos Jurados.”

Dr. Suhail, sorridente, estava satisfeito: — “Este cachorro está do nosso lado”, e concluiu: “Não deixa o réu ser interrogado. Quanto menos ele falar, menos chances de se confundir...” Novamente a ordem. “Seu” Otávio, mais uma vez, convocado para retirar o Pirata. — “Isso lá é função para Oficial de Justiça!”, resmungou. O Juiz não o ouviu. Sorte sua. Determinou, então: — “Seu Otávio, cão conduzido sob vara e para longe!” O conhecido “Nó de Pinho”, pacientemente, conseguiu segurar o cão. Não esboçou reação. Pacífico, sempre foi obediente. Calliari ainda recomendou: — “Pirata! Vá já para casa.”

A plateia vibrou. Alguns aplaudiram, outros vaiaram. O cachorrinho tornara-se o alvo das atenções. O Juiz, começando a perder a calma, ordenou silêncio para prosseguir no interrogatório. Passados alguns minutos, lá estava Pirata liberto na calçada defronte ao bar do Álvaro. Porta aberta, “Nó de Pinho” aproveitou a oportunidade. Aproximou-se do balcão e pediu uma “caninha”. Ainda estava no exercício da sua função, mas o tempo estava esfriando. Álvaro atendeu e puxou prosa. Estava sozinho. Os fregueses habituais preferiram assistir ao julgamento.

Pirata não desistiu. Resolveu voltar à Prefeitura. Ainda mais agora que seu algoz resolvera prosear no bar. Disparou lépido, sem que ambos percebessem. Sorrateiro, conseguiu seu intento. Lilico, o Juiz, lê algumas declarações contidas nos autos. Levanta a cabeça e volta os olhos para o acusado. Este esboça um leve sorriso. Ao seu lado, outra vez, estava Pirata, olhando fixamente para “seu” Calliari. Sacudia a cauda, satisfeito.

Lilico perdeu a paciência. Exasperado, voltou os olhos para o cachorro. Pirata, envergonhado, percebeu e baixou as orelhas, quase suplicando. Lilico procurou o Oficial de Justiça. Em vão. “Nó de Pinho” desaparecera. A plateia murmurava, com receio do Juiz. Dr. Suhail esboçava um sorriso, oculto com as mãos. O Juiz fixou os olhos no soldado Arlindo. Finalmente, a decisão. Lilico consulta o Promotor e proclama, a seguir, em voz alta: — “Declaro suspenso o julgamento!” Murmúrio. Burburinho. Agitação na assistência. — “Por trinta minutos!”, acrescenta.

Silêncio total. Lilico volta seu olhar carrancudo para o pálido Escrivão. Contém-se. Prende a respiração. Lembra-se de Molière, célebre dramaturgo francês, citando-o: — “Por Júpiter!!!” Espanto geral. Plateia veio abaixo. Padre Quintílio levou as mãos à cabeça. — “Calliari, retire o Pirata do plenário do Júri. Conduza-o até sua casa. Mantenha-o encarcerado e retorne

às suas funções”, sentenciou. Ordem dada e obedecida. Finalmente, prosseguiu o julgamento noite adentro.

Mas, naquela madrugada fria, muitos não conseguiram dormir em Campos Novos: a canzoada latia e uivava. Solidária, quiçá, com a façanha do novo herói: Pirata. Como disse e afirmou “Nó de Pinho” para o “seu” Álvaro, em seu bar, no dia seguinte, quando foi pagar as pinguinhas: — “O melhor amigo do homem ainda é o cão. Mas o melhor amigo do cão é outro cão.”

Passados vinte e seis anos, agora inverno de 1994. Em Florianópolis, no consultório do médico oncologista, a secretária anuncia a presença do Desembargador Raul Bayer Laus, aos 60 anos de idade. Após rever os exames solicitados, o médico anuncia, com pesar: — “Doutor Raul! Devo admitir: sua doença é grave. Muito grave. Mas vamos enfrentá-la com os melhores recursos...” Enquanto ele tentava confortá-lo com expectativas, o pensamento de Lilico se esvaía. Em segundos fluíram imagens. Reviu a trajetória de toda uma vida: cenas com familiares, com colegas, com amigos. Era o prenúncio de um final.

Tijucas, 15 de dezembro de 1994. A cidade natal o recebe de volta. Olhos cerrados: lágrimas, saudades. Na terra que o viu nascer, abrem uma cova profunda. O solo amigo acolhe o filho que voltou. Adeus, Lilico. Anoitecera na coxilha. Ouvimos pios de corujas. Na penumbra da sala, percebemos lágrimas nos olhos de meu avô. Estava muito emocionado. Então, era hora da despedida e de retornar, pois, como afirmou o romancista Victor Hugo: “o passado não reconhece o seu lugar, pois estará sempre presente”.

POEMA · 1º LUGAR

Efeito Vieira

por **José Alberto Barbosa**

É noite e, tomo rumo do leite,
qual ave que vai buscar guarida
no ninho, ao cabo de diurna lida,

esgotado corpo indo ao pouso;
na cama, tão logo eu me ajeito,
a mente se apaga num repente,
presto mergulho no inconsciente,
meu ser encontra seu repouso.

CRÔNICA · 2º LUGAR

Monstro: uma equação homicida no interior de Santa Catarina

por Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes

Na matemática, a letra “x” representa uma quantidade desconhecida. No Direito, pode representar um assassino frio que matou, estuprou e arrancou os olhos de uma adolescente de 17 anos, cheia de sonhos e com um futuro repleto de possibilidades para desbravar. “X”. Um assassino. Um monstro. O autor de um homicídio e de um estupro — e que ainda continua em liberdade. Conforme os dias passam, uma mesma pergunta continua a perturbar a minha mente: quem é você, “x”? E onde eu posso te encontrar?

A história abaixo é real. Todos os detalhes fazem parte de uma investigação que, hoje, é conduzida pelo Ministério Público. Ano de 2008. A noite é fria e chuvosa. Estamos no interior de Santa Catarina. O relógio bate às dez horas da noite. As sirenes da escola são ligadas; os alunos do Ensino Médio Estadual estão liberados para voltar para casa. A vítima, F. A. R., de 17 anos, pega carona com uma colega de aula e o namorado dela. Eles seguem até uma intersecção de duas vias públicas. — Vocês vão para o outro lado? A partir daqui, eu posso ir a pé — F. A. R. afirma porque não quer

atrapalhar. Ela desce do veículo e agradece. As amigas se despedem... pela última vez.

O caminho é de barro, perto de uma grande construção do Município. A rua não tem luzes. A vítima liga os fones de ouvido e ouve música alta. Passo a passo, ela segue pela rua escura, tomada pela penumbra, que espalha um manto de incertezas. Caminha sozinha até o momento em que o enigma nasce. Ao passar pela segunda esquina, a vítima sente um objeto pontiagudo nas costas. O coração dá um salto; o corpo enrijece. Quando ela se vira, a adolescente vê um homem. “X”. E logo depois...

Na matemática, não existem coincidências. Todos os termos são estampados no papel, com cuidado, para executar uma sequência estritamente lógica. Os resultados são necessários. Se o objeto é um triângulo retângulo, então “ a^2 ” mais “ b^2 ” é igual a “ c^2 ”. Sempre. No mundo real, tal qual na matemática, talvez as coincidências igualmente não existam. Talvez todos os números que fazem parte do mesmo conjunto estejam conectados por uma fórmula desconhecida. Eu nunca vi coincidências tão intrigantes.

Um. Duas semanas antes do crime, a vítima escreveu uma carta para as colegas de aula mais íntimas. Somente aquelas com as quais o seu coração era mais entrelaçado tinham o direito de ler essa carta. Ela agradecia a amizade e dizia que, em breve, a vida dela iria mudar. Contudo, as razões da mudança ficaram ocultas entre reticências. Afinal, iria mudar por qual motivo...? Duas semanas depois, a vítima foi encontrada morta. No meio do mato, escondida embaixo de galhos. A Polícia apreendeu a carta. Ninguém identificou uma relação com o crime. Por que sua vida iria mudar, garota? Você prometeu algo para ela, “x”? Você sabia quem ela era? Ou apenas se beneficiou de uma coincidência macabra?

Dois. Na noite do crime, a vítima chegou na aula atrasada e chorando. A tristeza era tamanha que ela não conseguia esconder seus sentimentos nem mesmo na frente de outros colegas, ainda que sujeita à reprovação social e aos comentários maldosos típicos da adolescência. Estranho. Isso nunca tinha acontecido. Por que justo naquela noite? As colegas correram para acolhê-la. Quando a vítima iria contar a razão do choro, o professor de matemática interrompeu. “Não atrapalhem a aula; conversem depois”, o mestre exigiu. Até o fim da noite, ninguém teve a coragem de tocar no assunto. O “depois” nunca chegou. O “depois” virou nunca mais. Por que

estava chorando, menina? Você magoou a vítima, “x”? Você a encontrou antes do crime?

Três. Uma hora antes do assassinato, uma outra garota, B. E., liga para a Polícia Militar. Ela afirma que estava voltando para casa quando, em uma rua sem iluminação, foi abordada por um homem. Ele segurava um guarda-chuva e uma pistola falsa. B. E. olhou para o rosto do criminoso. A face estava coberta por uma touca de cor azul. O homem fez um questionamento inusitado e, na sequência, ameaçou a vítima: — Você é estudante, menina? Finja que é minha namorada para que não te aconteça algo pior. O homem da touca azul leva B. E. até um matagal entre duas casas. A vítima compreende perfeitamente o que vai lhe acontecer. Quando a adrenalina explode em suas veias, ela grita e empurra o homem com forças que nem ela sabia ter. Uma vizinha abre a janela e olha para os dois. Visto pela testemunha, o homem se desespera e sai correndo na direção do Colégio. Naquela noite, ninguém mais encontrou o homem que vestia a touca azul. Você é o homem da touca azul, “x”?

Quatro. Por fim, um colega de aula e a namorada dele afirmam que passaram, a pé, pelo mesmo caminho que a vítima fez na noite do assassinato. Eles saíram da Escola um pouco antes de F. A. R., que ficou conversando com as amigas até conseguir carona. Naquela noite, notaram, durante o trajeto, algo que os deixou apreensivos. Apesar de ser uma noite escura e chuvosa, perceberam que um homem, segurando um guarda-chuva, estava parado em um terreno baldio, como se estivesse escondido. Quando eles me levam até esse terreno, 15 anos depois, as peças se encaixam: vejo que é o mesmo local em que a vítima foi abordada, como comprovou a perícia. Você estava escondido nessa esquina, “x”? Por que tantas coincidências? Como podemos somar todos os fatores para completar a nossa equação?

Cinco. De volta à cena do crime, “x” coloca uma adaga nas costas da vítima. Ele caminha, lado a lado com ela, até um terreno em que se cortavam eucaliptos, conforme as marcas no barro deixam claro. Primeiro, ele despe a vítima. As roupas ainda estão nesse ponto, no dia seguinte, quando o corpo é encontrado. Presumivelmente, esse é o momento em que ele consuma o primeiro crime. Depois, as pegadas no chão indicam que a vítima fugiu e correu até as proximidades de um corpo d’água. As pegadas de “x” seguem atrás. Quando ele a alcança, a vítima é derrubada e cai no chão. Os cadarços

dos seus tênis são amarrados uns nos outros; imagina-se que para evitar chutes e uma nova fuga. Depois, mais de uma dezena de golpes de faca acertam o peito da adolescente. Um golpe atinge o coração. Os olhos são arrancados. A mandíbula é quebrada, possivelmente com uma pedra, e encontrada a alguns metros do corpo.

— Quem fez isso não é um ser humano. Quem fez isso é um monstro — uma das testemunhas diz, em *off*, antes de ser ouvida pelo Promotor de Justiça. “X” é igual a um monstro. Mas como encerrar a equação? Talvez muitos humanos sejam iguais a monstros quando a película social que cobre o rosto é retirada. Na manhã seguinte, em 13 de agosto de 2008, a filha, tão querida, não aparece em casa nem no trabalho. Preocupada, a família liga para o celular. Ninguém atende. A família procura a vítima na casa do namorado e das amigas. Ela não está lá. A família refaz todo o caminho que a vítima tomaria para voltar para casa. No início da tarde do dia 13, a família descobre o cadáver.

É impossível descrever qual deve ter sido o sentimento de todos nesse instante. Uma torrente de emoções, dilacerante e avassaladora, deve ter varrido o coração de cada um deles. No corpo, contudo, uma prova incontestável serve como o último lume nesse dia de tragédia: o DNA do autor do crime. Uma centelha de esperança em um dia de escuridão. No dia 14 de agosto de 2008, o Inquérito Policial é instaurado. Os suspeitos aparecem com uma profusão de pistas. O namorado é a opção mais óbvia. O DNA é coletado. O resultado é negativo. Depois, todas as pessoas na Cidade afirmam que foi o patrão. O DNA é coletado. Negativo. Um terceiro afirma que foi o seu tio. Outro diz que seu amigo confessou que matara a vítima. Outro sabe que a avó de um familiar contou que foi o seu próprio filho. Os DNAs são coletados. Todos são negativos.

Como terminar essa equação? Devemos completá-la com o número “1”? Talvez com os números “3” ou “5”? Quem sabe a resposta seja um número irracional ou um número que pertença ao plano complexo? Tudo se tenta, nada funciona. Por qualquer ângulo que se calcule, a solução para “x” não é encontrada. Já se passaram 15 anos. O Ministério Público continua investigando, ouvindo testemunhas e colhendo informações. O esforço nem sempre é compreendido. “Esse caso nunca será solucionado. A probabilidade é muito pequena”, dizem até mesmo as pessoas mais próximas. Racionalmente, a tese é verdadeira. Nos crimes de homicídio, quanto maior

a distância para o dia do fato, menor é a chance de uma resposta ser obtida. Isso é probabilidade. Isso é matemática.

E, a despeito dessas verdades, temos um corpo. Temos um homicídio. Temos dois cadarços cuidadosamente amarrados para evitar que a vítima fugisse enquanto sofria a violência. Temos dois olhos que não estavam mais no rosto. Temos uma formatura que nunca aconteceu; uma ida à Universidade que jamais se concretizou; uma família, com marido, filhos e netos, que nunca veio a existir. Temos uma vida inteira, cheia de sonhos, de risos e de meios para ser feliz, que foi surrupiada de uma garota de 17 anos — talvez de muitas outras mulheres —, enquanto o assassino continua livre. Mais importante, temos as lágrimas no rosto de uma família que espera um desfecho. Diante de tamanha tragédia, por que, exatamente, alguém precisa ser racional?

Eu rejeito a lógica. Eu rejeito a matemática. De Descartes a Boole, tudo que eu mantenho é a letra “x”. Nós estamos nos aproximando. Os DNAs continuam sendo coletados. Quando o expediente na Promotoria se encerra, a minha última ponderação sobre a equação algébrica que, há quinze anos, aguarda para ser preenchida é simples: a letra “x” representa a crueldade do desconhecido — mas também a esperança de uma solução. Quem é você, “x”? E onde eu posso te encontrar? “X” é igual a...?

CONTO · 1º LUGAR

Um Médico no Velho Chapecó

por José Alberto Barbosa

Pues, foi isso, paisano! Como le contaram, travei conhecimento com o Doutor Rolando Macanudo há muitos anos já passados. Isto se deu em uma estradita, lá nas bandas do rio Sargento, quando aquilo era, ainda, um grande ermo. Eu vinha de São Miguel do Oeste e rumbeava para o município de Saudades, cavalcando ao tranquilo no meu gateado e levando comigo um tobiano, de reserva. Eram dois cavalos de *entera* confiança e se entendiam buenamente, como dois *hermanos*. Com eles eu participara, naquela cidade,

de um baita rodeio crioulo, fizemos um fachadão, ganhando buenazos prêmios e estando, por isso, com a guaiaca gorda de rica. Resultou que, depois de churrasquear como um rei, fui festar, enchendo a cara nos bolichos e, na manhã seguinte, depois de uma semana de ausência, rumbeava de retorno ao meu ranchito lá no Tigre, pues não via a hora de cair nos braços da amada prenda e da piazada. A jornada que tinha pela frente era para lá de comprida, *pero* la venceria em pouco mais de um par de dias. *Pues*, foi *entonces* que Dr. Rolando e eu nos topamos, naquele ermo. Le conto, paisano, como aconteceu o sucedido.

Lembro que a manhã estava alta, beirando las onze horas. Era um dia de céu limpo, hermoso, e a luz do Sol banhava firme as matarias que, naquela época, antes da chegada das madeiras, eram um verde só, gostoso de se ver e de se cheirar. Agora, é aquela piedade de terras desmatadas, para o plantio do milho e a criação de porcos. Se trocou a beleza pela riqueza. *Pero*, como dito, eu ia montado no meu gateado, e foi só *entonces* que o grande mal-estar, resultante do exagero de véspera, nas bebanças e comilanças, parecia querer cobrar o seu preço. Empecei a me sentir mui *malecho*. À la putcha, patrício, me sentia ruinzito mesmo! Me doía o estomo e minha cabeça girava zonza, como que se estourando. *Pesteado* daquele jeito, carecia de achar um pouso, onde pudesse me recuperar, no menos, por um sono tranquilo. Foi nesse ponto que, na margem derecha, topei com um pequeno campo limpo e, em cuja borda, pertito da estrada, havia um pé de canela-guaica, solitária, bem copada e baixa. Do mato pertito corria uma fresca sanga, que justo cortava pelo descampado. Aquele pouso me chegou bem na hora, tchê! Só poderia ser cousa do Patrão Grande.

Saquei los aperos do flete, levei las duas montarias para dessedentarem na dita sanga, amarrei suas rédeas num taquaral e, depois de lavar a cara e fresquear a goela naquela água geladinha, fui estendendo los pelegos baixo a árvore providencial, para largar o corpo numa boa dormida. O lugar não parecia nada seguro — a mataria era fechada —, *pero*, se surgisse algum tigre ou perigo, los cavalos dariam alarme. São animais que vivem trocando orelhas, dormem de pé e ficam com meio olho dormindo e meio olho acordado. *Pelo sim e pelo não*, deixei las armas emartilhadas bem pertito das mãos e adormeci profundamente.

Quando dei conta de mim, o sol já tinha virado para o lado da tarde. Antes de partir, iria fazer um bom chimarrão. Armei a trempe, enchi a

cambona com água da sanga e, com o isqueiro de guampa, fiz saltar chicas faíscas sobre um chumaço de algodão, até brotar a chama. Não demorou um nadita, eu já tinha cevado um mate — que, aliás, é remédio para o corpo e para a alma. Estava assim, mateando ensimesmando, quando notei que algo chamara la atenção dos cavalos: los vi escarvarem nervosos o chão e ficarem num inquieto trocar de orelhas. Apurei los ouvidos e pude escutar, na certeza, um distante rechino, como das buzinas de uma carreta que, despacito, vinha se aproximando, largando no ar os seus *nheeeemm... nheeeemm...*, como num canto lamuriento que subia e descia.

Para quem é nascido no Velho Chapecó, não deve de ser fácil ter ouvido, alguma vez, o gemido de uma carreta. É que esse carro crioulo não foi muito trazido para cá pelos colonos gaúchos. *Pero*, para mim, que sou nascido lá no Quaraí, carreta era cousa de todos los dias, e cresci ouvindo os seus choros pela Campanha. *Pues bueno*, diante da chegada iminente da carreta, esqueci-me até das dores, me pus de pé num redepente, tapeei o chapéu e postei-me ali, bombeando a curva da estrada, a ver quem me estava alcançando na jornada. Já bem perto, pude ler, em coloreadas letras garrafais nas laterais do carro, os dizeres: *Doutor Rolando Macanudo — Médico*.

— La putcha! — exclamei. Um médico!? Aqui, nestes ermos!? *Pero*, que coincidência feliz! Do jeito que me encontrava *malecho*, até uma parteira me cairia buenamente... E eis que o Patrão Velho me envia um médico de verdade, formado em faculdade, com diploma e tudo a que tem derecho. Não morro mais! — exclamei aos quatro ventos. O tal lá se vinha na bolea, alto e forte, atarracado, com um chapéu de aba larga, botas e bombachas mui elegantes, e no pescoço um grande lenço colorado revolteando ao vento — um libertador, um maragato como eu! Que tipaço imponente, tchê! Quando ia passando com seu carro, ergui a cuia com um mate de mi flor recém cevado e preguei o grito: — Lau-sus-Chri, patrício! Aceitarias partilhar la sombra e um mate amigo? — Laus-sus-Chri, índio velho! — respondeu. — E como negar a tal invite?

Apeando da carreta e aproximando-se, fomos nos apresentando: — Sou João Trindade, morador no Tigre, município de Saudades, por profissão tropeiro e domador. — Prazer igual, hermano! Doutor Rolando Macanudo, gaúcho de Paulo Bento, médico itinerante! Fiquei sabendo que, nascido em tal lugar, fora estudar em Porto Alegre, colara grau em Medicina e,

montando um consultório ambulante, saíra carreteando pelo Rio Grande a fora, clinicando de povo em povo. Sua carreta era sua moradia, sua clínica e seu chico hospital. Quando le falei que exagerara nas comilanças e me sentia mui mal, quis logo examinar-me, fez-me entrar na sua carreta — onde, para minha surpresa, havia um belo sofá-cama que era um luxo —, tomou-me o pulso, mediu-me a febre e, com los dedos, foi me apalpando la pança. Ao final, deu seu veredito: — Sem dúvida, meu amigo! É um baitaço do empache! Ensurroaste o estomo! Nada, porém, que não tenha jeito!

Aproveitando que eu já tinha a cambona no fogo, o tal foi fazendo na água fervida uma chapoeirada, onde misturou porções de casca-d'anta, cardo-santo, erva-lucena e, sem pressa, a regou fartamente com cachaça da buena, porque de todos é sabido que la canha é la mãe da cura. Foi assim que mateamos de mano. E o Dr. Rolando sentenciou: — Com essa tisana, caro amigo, vais ficar desempenado! Em poucas horas te limpará estomo, rins e fígado! Combinamos seguir caminho juntos e pernoitar algumas léguas mais adelante, numa pousada buenaça. Atei las montarias na culatra da carreta, sentamos juntos na bolea e seguimos proseando alegres, como duas caturritas numa pitangueira em tempo de frutos.

Com cerca de duas horas de jornada, Dr. Rolando sacou um pacote: — É continuação do tratamento! Agora, é para curar a ressaca! É uma santa mistura de marcela com cipó peludo! Vá mastigando, enquanto toma umas talagadas de canha! Provando aquilo, exclamei: — Deus do céu, doutor! Que cousa buena! Assim, até dá gosto enfermar! Passado um igual tempo, me passou o arremate: — Agora, amigo João Trindade, toma esta tisana, que te devolverá aquela força física que tinhas no rodeio. É mistura de porva e pimenta. Ponha no teu copo de canha, agite e tome tudo! *Entonces*, virei de sopeto aquela mistura explosiva. Patrício, aquilo me varreu por dentro! Me senti forte, valente, um touro!

Quando chegamos à pousada, eu já era outro. O proprietário, Manuel Solano, e o filho Tião nos receberam. À noite, foi servido um farto jantar, com música de guitarra campeira e o belo som de uma cordeona. Já melhorzito, dei ao médico uma mirada de indagação, e ele, lendo em meus olhos: — Vá em frente, hermano! Quando o corpo pede, vá em frente! Pero, com moderação! Jantei como um padre jejuando. E o filho do hospedeiro me trouxe um platito: — Preparamos-le! Ordens do Dr. Rolando! Era uma fatia de melão e uma banana caturra — que descem limpando tudo que é porcaria.

No dia seguinte, acordei assobiando, ancho e faceiro. Los meus males se emulitaram, tchê!

Com esta viagem, ficamos amigos. Pude testemunhar muitos dos seus tratamentos e compreender as razões de seu sucesso. Dr. Rolando era um baita médico. Como clínico geral do interior, tinha que improvisar. Além da medicina campeira, era um magnífico cirurgião, desses de conseguir botar no lugar um dedo decepado numa serraria. *Bueno*, patrício, foi num de nossos encontros que vi ele usar o que batizou de *amor gaúcho*. Eu tropeava uma mulada desde São Borja para uma fazenda em Passo Bormann quando alcançamos na estrada la carreta do Dr. Rolando. Combinamos fazer parada na estância do Zinho Tinoco. *Pero*, quando avistamos a casa, notamos que havia algo de deferente: muita gente do lado de fora, choro. Dois hombres saíram disparados ao nosso encontro: — Acuda, doutor! Acuda, que mamãe tá muito ruim! Há dias a senhora não se levantava, não falava, não comia. — Ela vai se passar, doutor!

O Dr. Rolando entrou sozinho no quarto escuro da enferma. Tomou-le o pulso — a pressão estava buena, considerando a idade. “Mulherzita forte, esta! Tem saúde para puxar arado”, pensou, matreiro. *Pero*, precisava ter certeza de que era doença fingida. Fez dançar a luz do lampião na cara da matrona: nem bolacha. Cutucou-lhe a sola do pé com um canivete: aguentou o tranco, sem um solito “ai!”. *Pero*, ao caminhar pelo quarto fingindo preparar uma seringa, notou que a enferma o acompanhava com os rabos dos olhos. Danadita! Os reflexos oculares estavam normais. Era tudo uma trampa para assustar a família — uma dessas carências afetivas que um tal Dr. Froide andava esparramando nas Oropa e que já arribavam até este ermo do Velho Chapecó. Saindo, disse aos da casa: — Gente, o caso é brabo, pero, les garanto! Dona Clemenciana não vai defuntear! E, puxando-me pelo braço: — Careço de dois hombres parrudos, que o tranco será feio! Quero tu e o Mané Ventura! Nada de parentes!

Voltou da carreta com uns tarecos. Segredou-nos que, a um sinal, manoteássemos a doentita pelos braços, que da cabeça cuidaria ele: — Não larguem, nem que a vaca tussa! Embebeu um chumaço de algodão num misterioso líquido malcheiroso e enfiou-lhe nas ventas. A velha como que endoideceu, esperneando e dando braçadas no maior desespero, *pero* nós três firmes que nem moirão de angico. Vez por outra ele dava uma chica folga, e ela espirrava adoidada, até que, botando a boca no trombone, gritou:

— Chega! Me larguem! Já tô curada, seus fio da mãe! Quero me levantar! Ouvindo isso, Seu Tinoco e a filharada irromperam pelo quarto, felizes, abrindo a janela: — O doutor salvou a mamãe! O doutor salvou Clemenciana! — e o rodearam como se fosse um deus. Dona Clemenciana, apesar da cara apavorada, já estava de pé como se nunca tivesse estado enferma, e só não poupava a nós três: — Seus maluco! Quase que me mataram de susto!

Ao despedir-me, indaguei curioso: — Pero, diga-me, vivente, que é que tu enfiaste nas ventas da pobre mulher? E ele respondeu: — Pois olha, patrício, sabia que a terapêutica, na histeria, hay de ser rica e variada, e que por vezes é útil a medicação desagradável. Está lá, nos tratados! Fiquei escorujuminando: o que aplicar nela que seja bem desagradável, soltando-lhe os sentimentos e a fala? Foi daí que me lembrei de um vidrinho de amoníaco líquido. O cheiro é horrível. Não tem cristão que aguento. *Entonces*, que ganhasse essa terapia, que resolvi apelar de *amor gaúcho*. — E se a velhota tiver recaída? — le disse. — Recomendai que Clemenciana recebesse muita afeição e carinho, pois la histeria se cura engambelando-a com muito amor e atenção. Receitava apenas gambelo. Pero, se houvesse recaída, era só dizer que iriam me chamar para repetir o tratamento — só essa ameaça a poria curada. Não queria jamais segunda dose de amor gaúcho.

Dito tudo isto, paisano, penso que aquela minha braba oração desesperada, naqueles ermos do rio Sargento, aos santos de minha devoção — São Sebastião e São Roque, que cuidam dos males do estomo —, foi ouvida, sim senhor! O ser alcançado pelo Dr. Rolando Macanudo, naquela estradita perdida, se indo ele no mesmo rumo que eu, conduzindo baita e pesada carreta puxada por três juntas de bois, não pode ter sido mera coincidência. Aquilo, patrício, foi mesmo intercessão dos santos! Foi um milagre divino!

ARTIGO JURÍDICO · 1º E 2º LUGARES

Artigos jurídicos vencedores

1º Marcio Gai Veiga · 2º Alan Boettger

Resumos e referências reunidos na **Parte III — Artigos Jurídicos**, ao final desta publicação.

Obras vencedoras — 2024

Quatro categorias e forte presença literária — entre épicos campeiros, crônicas de mistério e contos de coragem e memória.

CRÔNICA · 1º LUGAR

Recordações — Ano 1962

por **Mario Edgar Wolff**

Ao completar 90 anos, sentia-me despido da “farda jacobina”. Procurei inspiração para escrever algo que estivesse guardado na memória, emoções vividas. Lancei um olhar pelo passado, antes que essas recordações fossem apagadas por uma enfermidade senil. Lembrei-me então do dia em que embarquei em um ônibus na capital paranaense, iniciando uma jornada desconhecida. Havia concluído minha formação na Faculdade de Direito e deixava colegas e amigos. Pela janela do veículo, passava a desfilar um novo cenário, sem praças, somente campos. Amanhecia. O sol começava a despontar no horizonte, colorindo as copas dos pinheiros. O trecho da estrada era sinuoso, na serra do mar, rumo ao litoral catarinense. Muitas horas depois, já sonolento, comecei a sentir uma brisa marinha. Avistava o mar. Momentos depois, atravessávamos a majestosa ponte Hercílio Luz, unindo o continente à ilha de Santa Catarina.

Programei um passeio pela bela capital catarinense: Florianópolis. Assim, dia 22 de novembro de 1962, havia chegado ao interior da Estação Rodoviária e comecei a ouvir comentários sobre uma informação divulgada pela Rádio Guarujá: na cidade de Dallas, Estados Unidos, o presidente John F. Kennedy havia sido assassinado com um tiro de fuzil durante um desfile em carro aberto. A notícia logo se espalhou pelos quatro cantos da capital catarinense. Houve muita comoção, pois o referido político era muito conhecido pelo modo democrático com que administrava seu país. Ainda perplexo com essa nota de pesar, prossegui caminhando até chegar ao centro de Florianópolis. Cheguei à Praça XV de Novembro, muito arborizada. Era um dia ensolarado, porém um vento suave afastava o calor. Caminhei entre

altas palmeiras imperiais e encontrei alguns senhores sentados em bancos próximos a uma frondosa figueira no centro da praça. Indaguei a um deles se conheciam os motivos das homenagens.

“Sim! Sem dúvida!”, respondeu-me prontamente um senhor com óculos, apontando para uma estátua. “Este foi Cruz e Sousa, um poeta simbolista e diretor de um jornal local. Publicou muitas poesias notáveis e chegou a ser nomeado por seu mérito Promotor Público na comarca de Laguna. Entretanto, lamentavelmente, por ser negro, foi rejeitado. Regressou para a capital e fundou um jornal abolicionista. Com o advento da Lei Áurea em 1888, veio a falecer em 1898, com 37 anos de idade.”

Caminhamos mais alguns passos em silêncio e chegamos próximo de outro busto. O desconhecido guia explicou-me, esboçando um sorriso: “Victor Meirelles, artista plástico, nasceu aqui, foi estudar no Rio de Janeiro na Academia Imperial de Belas Artes e se tornou o pintor preferido do Imperador D. Pedro II. Pintou sua obra mais famosa, *A Primeira Missa no Brasil*, e faleceu com 71 anos em 1903.”

Continuamos caminhando até chegarmos próximo de outro monumento. Ele afirmou: “Aqui, uma homenagem aos militares catarinenses mortos em combate durante a guerra com o Paraguai, de 1864 a 1870.” Aproximamo-nos do pedestal em mármore vermelho onde conseguimos ler o original em latim: “*Qui pro patria vita defuncti jacent*”. Eu ficava cada vez mais admirado com o conhecimento daquele personagem tão receptivo. Durante o trajeto, perguntei se ele gostava de futebol. Ele demonstrou ser um torcedor fanático pelo Flamengo. Acrescentou: “Um médico cardiologista até o aconselhou a não ouvir as transmissões aos domingos pelas ondas curtas da Rádio Tupi, pois as emoções alteravam até seus batimentos cardíacos.”

Chegando próximo à figueira no centro da praça, ele enalteceu a altura da árvore: “Esta árvore tem nome científico *Ficus elastica*. Ela desenvolveu raízes aéreas que encontraram o solo e se transformaram em troncos auxiliares, suportando os pesados ramos e alargando a copa.” E, sorrindo, acrescentou: “Existem lendas locais para quem dá voltas em torno da velha figueira. Uma volta, para o visitante retornar; duas, para quem quer encontrar amor; e três voltas, para quem sonha em se casar...”

O dia chegava ao final. O sol se despedia com últimos lampejos sobre o beira-mar. Ele conversava ainda com seus amigos e eu escutava. Tratavam sobre a criação de canários e curiós. Ele demonstrava ser apaixonado por

essas aves e transmitia sua experiência e conhecimento. Por fim, resolveu retirar-se e, ao despedir-se, afirmou-me: “Quando quiser, venha conhecer nossa Procuradoria-Geral do Estado. Estarei lá. Meu nome é **Milton Leite da Costa!**”

CRÔNICA · 2º LUGAR

A Crônica que Não Foi Escrita

por **Raul Schaefer Filho**

Tempos de confraria, de muita conversa, de muita história... e de algum mistério. Tempo de História! Quiçá de saudade... Os verões eram cheios na sede balneária da Associação Catarinense do Ministério Público. Aquela noite não podia ser diferente. Intensa canícula, combatida com uma profusão de lours em véu de noiva, estupidamente. Exceto para o Ferraz, que preferiu um autêntico “Barollo”, tinto e seco, na medida do seu colóquio arrastado e divergente.

Fluí a noite calorenta, o papo descontraído, risos e os eflúvios alcoólicos quando, num repente, desceu o estouro, um clarão, e a mais absoluta escuridão, com o “barman” Argemiro improvisando uma pomboca para ter alguma luz. Ao breu se seguiu trovões e relâmpagos de fazer tremer muito corajoso, porém a conversa não estancou, desviando-se para os gnomos, sacis, boitatás e outros fantasmas menos votados, jogando-se para debaixo do tapete certos segredos ministeriais e judiciais, até que chegou no tema dominado por Ferraz: óvnis.

Então Ferraz deu “show”, regozijou-se por já ter sido abduzido por estranha nave supostamente marciana, lá pros lados de Campo Erê, quando acompanhava o Corregedor da época, doutor Ruy Olímpio, afinal, como ele mesmo pregava, não seriam nesse imensurável cosmo os terráqueos seus únicos habitantes. Se o silêncio entre a galera imperava, seja por medo ou desconfiança, a perturbadora trovoada não perdoava, e mandava ver estrondos e raios. Até que em dado momento um deles azulou a madrugada,

intensamente, e acompanhado de um zunido insuportável, ensurdecador, que a todos pôs a nocaute.

Horas — ou sabe-se lá quando — depois, retornando a si aqueles pândegos, num clima de lentidão cósmica, percebeu-se o Ferraz todo descabelado, engraçado para a sua cabeça mona, seu calçado, um tênis americano, partido na ponta, sem sola, e a luz, feérica agora, revelou caras de ressaca e descrédito; todavia, a cena estava lá para quem quisesse ver!

A construção anexa ao prédio principal da sede balneária da ACMP apresentava-se atingida em sua cumeeira, queimada e quebrada, com parte do telhado ao chão. Enquanto Ferraz, embarolado e em êxtase, repetia ter sido novamente abduzido por um óvni que ali aterrissara, os demais admiravam, estupefatos, os estragos causados. A versão então produzida pela diretoria da ACMP foi que a construção em anexo teria sido alcançada por um raio... porém, para quem atravessou incólume aquela noite de verão, o fato não foi bem esse. Mistérios...

CONTO · 3º LUGAR

Herói por Acaso

por **Mario Blu**

Meu avô diria: “Eu me virei no avesso e não sou pipoca”. Realmente, na vida ocorrem surpresas, ocorrências inesperadas. Manhã de verão, a pequena cidade de São Joaquim parecia tranquila. Segunda-feira, as lides diárias dos seus moradores começavam. Tomava um café no hotel onde estava hospedado. Havia chegado à comarca como estagiário na Promotoria de Justiça. Ainda não conhecia bem as pessoas.

Estava concluindo meu café quando uma visita inesperada surpreendeu-me. Tratava-se do Sr. Silveira, que se apresentou como Juiz de Paz da Comarca. Solicitou-me para acompanhá-lo na realização de um casamento. Ele explicou que o pai do noivo não permitia a realização da cerimônia civil. O jovem, único filho, ajudava o pai, viúvo e idoso, na administração de um posto de combustível. Os nubentes haviam habilitado os proclamas e

marcado a data para um sábado. Porém, na manhã do sábado, o pai do jovem manteve-o preso em cativoiro, nas dependências do sanitário do posto. Ele só conseguiu libertar-se com o auxílio de vizinhos, escapando por uma estreita janela — mas não chegou a tempo ao casamento.

Ciente do ocorrido, aceitei acompanhar o Sr. Silveira até a residência da noiva, onde o noivo havia sido acolhido. Ao chegarmos, deparamo-nos com muitas pessoas curiosas, aguardando o desfecho. O velho italiano ameaçava represália contra o Juiz de Paz, com quem tinha desavenças antigas. Avistamos o pai do noivo parado próximo da porta, de casaco preto, mãos no bolso. Um advogado reconheceu-me e avisou: “Ele está portando um revólver no bolso do casaco, afirmando que, se o Juiz de Paz tentar entrar na casa, ele manda bala.”

Eu então raciocinei: “Recuo? Retiramo-nos diante do perigo ou seguimos em frente?”. Decisão difícil. Prosseguimos em passos lentos. O velho italiano baixou a cabeça, olhos fixos no chão. Bati na porta, pedi licença e entramos. O casal aflito nos aguardava; o clima era de velório. Os padrinhos ficaram assustados, mas a cerimônia foi concluída. Ao sairmos, o pai do noivo não estava mais ali — retirou-se afirmando que iria à porta da igreja impedir a cerimônia religiosa. Porém, os noivos foram levados pelos padrinhos a uma capela na estrada, fora da cidade. Casaram com a bênção de um padre e seguiram para Lages. Eu retornei ao hotel para refazer-me do susto. No dia seguinte, o Juiz de Direito afirmou: “Agora temos na comarca um heroico Promotor.” Lembrei-me então de um antigo provérbio: “O verdadeiro herói é aquele que tem mais coragem contra si mesmo, pois a coragem cresce com a ocasião.”

Decorridos dez anos dessa inusitada ocorrência, já atuava na Promotoria da Comarca de Lages. O destino reservou-me outra surpresa — desta vez, agradável. Após uma exaustiva sessão do Tribunal do Júri, reunimo-nos para um café. Aproximou-se um casal acompanhado de uma menina. Indagaram-me se eu os reconhecia, pois desejavam agradecer o casamento de ambos. Inicialmente fiquei pasmo; depois, recordei-me daquela manhã de segunda-feira em São Joaquim. “Sim!”, afirmei para o comovido casal, e olhei para aquela menina com semblante angelical, terno e agradecido. Por alguns segundos, todos silenciámos. Apenas soavam os sinos da Catedral próxima do Fórum, convidando os fiéis lageanos ao culto da noite. Gratidão!

POEMA · 1º LUGAR

Tropeiros do Serril

por **José Alberto Barbosa**

Tendo ainda pouca idade,
correria o mundo a tropear,
mui cedo, ajudara a levar
gado de Lages ao Portão;
depois, tropeiro de verdade,
cumprira o sonho dourado,
até a Sorocaba chegando,
com o gado lá de Viamão.

POEMA · 2º LUGAR

Noturno

por **André Ghiggi Caetano da Silva**

Narra-se epopeia mui inusitada
Acerca de fidelidade, guerra,
Foscas desejos, recônditos, nada,
Anseios incensados de quimera.

Também sobre um rapaz, sobre um cavalo,

Bento e seu grande Noturno, duas lendas,
Cuiudo feroz e vulto soldado,
Louváveis, fábulas e duplas sendas.

CONTO · 1º LUGAR

Seu Nome Era Maria

por Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes

I · UMA VISITA INESPERADA

Ao se olhar no espelho, Maria disse adeus.

O despertador tocou ao marcar seis horas da manhã. Na cozinha, a água fervia dentro da cafeteira. O calor se acumulava e, logo em seguida, ouviu-se o guincho dos vapores que tortuosamente tentavam escapar. No resto da casa, nenhum som mais se escutava. A palavra comunica, mas o silêncio também conta muitas histórias; nesse caso, ele gritava tão alto que conseguia ensurdecer. Maria disse adeus. Ela precisava dizer adeus.

Por que as coisas tinham que terminar daquele jeito? Por tantas vezes, tudo tinha transcorrido tão bem... Eram tantas as lembranças doces e os momentos de afeto. Depois de tudo isso, como ele poderia ter feito coisa tão mesquinha? De fato, a razão dizia que não era possível que o tivesse feito; e, ainda assim, o fez. Não havia dúvida: ela sabia, pois sentiu em seu rosto. As sirenes reluzentes, as armas nos coldres, a vergonha em público... Maria pensou que, às vezes, nada acaba mais rápido do que aquilo que deveria ser eterno.

A mulher penteou seus longos cabelos. A escova era velha, antiga; quase que de improviso, a pegara emprestada. O corpo imperfeito, que ainda assim era verdadeiramente feminino, tentava se encaixar com as roupas que

estavam disponíveis. Por fim, ao pegar o estojo de maquiagem, Maria notou um fato esplêndido. Depois de tanto tempo, ela não tinha mais nenhum machucado. O seu rosto já era o mesmo de antes. O alívio que Maria sentiu foi tímido, mas real. Agora, restava o último passo: ela precisava sair. A mulher precisava enfrentar o mundo.

Como enfrentar o mundo? Maria lembrou do conselho de sua falecida mãe. Há muito tempo, quando ainda era uma garota pequenina, a mãe a fizera sentar para ouvir algumas lições sobre o mundo. E, ao fim, terminara com seu aviso mais importante: “Quando tiver qualquer problema, não importa o quão grande seja, lembre-se disso, filha. Apenas disso”. “Do que, mãe?” “Seu nome é Maria” — a mãe apontara para si própria, para o chão, e por fim colocara o dedo no meio do peito da garota — “E, aqui, você tem tudo de que precisa”. “Eu vou te deixar orgulhosa, mãe. Eu juro que sim”. As duas se abraçaram. Em seguida, Maria correria para longe e, deste ponto, as memórias se dissolveram.

De volta ao presente, Maria desligou o interruptor das lâmpadas. Tudo ficou escuro. A mulher pensou mais uma vez na frase de sua mãe e repetiu em um tom baixinho: “Meu nome é Maria. E, aqui, eu tenho tudo de que preciso”. Ela respirou fundo e decidiu ir em frente. Colocou o pé para fora do quarto, em direção ao corredor. O primeiro passo! Tão pequeno, mas tão grande. Por um segundo, tudo pareceu normal... se o Destino, em sua infinita sabedoria, não estivesse pronto para subverter essa ilusória normalidade. Quando a moça deu o primeiro passo para fora do quarto, ela ouviu um som estranho. Era uma voz que sussurrava de dentro do cômodo: — Eu só tenho um problema. Eu não gosto de despedidas.

A mulher se virou, petrificada. Uma voz? Ela estava sozinha há dias. Ainda assim, a voz tornou a se lamentar: — Eu não quero a solidão. Eu não quero que você me deixe aqui. Maria procurou uma explicação lógica. Coisas fantásticas só acontecem nos livros. Talvez tivesse esquecido um vídeo tocando no celular. — Sim, apenas um vídeo ligado no celular. Há de ser isso e nada mais. Mas, no meio do trajeto, sentiu a voz ainda mais próxima: — Então, sequer sabe a diferença entre mim e um celular? Que grande disparate! Trepidante, correu para ligar a luz: — Quem fala comigo?! Onde se esconde?!

A voz respondeu: — Eu estou onde eu sempre estive. Eu estou com você. Apesar de a luz agora estar acesa, Maria não encontrou ninguém no quarto.

A voz teimou: — Maria, Maria... Se quiser me enxergar... Olhe para aquilo que você não quer ver. Com o pulso palpitando, ela cerrou os punhos e se virou, pronta para lutar. Mas não havia ninguém: na parede, tudo que encontrou foi um espelho de estilo vitoriano, que ela nunca havia pendurado ali. Lentamente, ela se aproximou. A superfície estava embaçada, como envolta em névoa, mas, quanto mais se aproximava, mais nítida a imagem se tornava. Havia uma mulher, estranhamente familiar, atrás do vidro.

— Você está aí... Do outro lado desse espelho? — Eu sempre estive aqui. Eu sempre estive com você — replicou a figura, com um sorriso enigmático. — E o que faz uma mulher presa dentro do espelho? — A verdadeira pergunta é: o que faz uma mulher andando por aí, livre no mundo, depois de deixar o espelho? — Diga-me: quem é você? Então, a figura afastou lentamente os cabelos que lhe cobriam o rosto, revelando um par de olhos de castanho profundo, ao mesmo tempo tristemente familiares e perturbadoramente desconhecidos. E revelou: — Eu sou você. Naquele fatídico dia que você se recusa a lembrar.

Maria viu as marcas no rosto da mulher do espelho — os roxos, as equimoses e os hematomas — e o passado lhe caiu como um raio. Gritos. Dor. Traição. Crianças assistindo à cena. Uma lâmina brilhante sob a luz pálida. A ligação para a Polícia. Depois de todos os sinais ignorados, a noite que acreditou que seria a do feminicídio. — Eu sou você no passado. Eu sou você no presente. Eu sou você... — No futuro...? — Maria completou a frase, quase por automatismo. Percebendo o que dissera, reagiu com raiva: — Não! Não pode ser! Eu não sou mais aquela Maria! Isso é uma mentira! E você é uma mentira! — Ora, depois de tanto tempo, isso é modo de receber a si mesma? Tenha um pouco de amor próprio! — respondeu a mulher, contrariada.

Lágrimas jorravam pelo rosto de Maria. Ela se virou e saiu porta afora. A Maria do espelho ainda tentou: — Espere! Não fuja! Eu vim aqui para te fazer um convite e nada mais! Maria correu e bateu a porta atrás de si, descendo as escadas às pressas. Enquanto descia, ouviu um resquício de voz: — Apenas um convite... E nada mais. Ao chegar na rua, o ar gélido da manhã se misturou às lágrimas. Seria um delírio da sua mente? Ou realmente existia uma mulher presa atrás daquele espelho? Nada disso importava: ela precisava comparecer ao emprego. E sabia que, em poucas horas, teria que

voltar para casa e enfrentar a imagem naquele quarto — que agora já considerava amaldiçoado.



II • UM CONVITE NADA AGUARDADO

Durante o expediente, Maria resolveu olhar as câmeras de segurança do apartamento. Nas imagens, ela aparecia sozinha, falando com uma parede nua. Contudo, tinha certeza de que a experiência fora real. Por isso, pensou em trazer uma amiga: com uma testemunha, poderia encontrar a chave do mistério. As duas pararam diante da porta. — Tenho uma novidade, algo que nem sei quem colocou aqui dentro... E quero sua opinião sincera. — É claro, Maria! Você pode confiar em mim como uma irmã. Ela abriu a porta, o coração martelando: — E, então, Alice, o que achou... da coisa? Alice olhou com surpresa: — Mas qual coisa?

Uma gota fria de suor passou pela testa da moça. Alice não havia percebido? — Próximo à parede da cama. Você não vê algo... diferente? — Perto da cama... Oh sim, é claro! Eu estou vendo! — E o que você vê, Alice? — É um espelho! Lindo, antigo, com ornamento de madeira todo delicado! Um verdadeiro tesouro! Bingo! Alice via o mesmo espelho. Agora Maria tinha uma prova testemunhal. — Você postava fotos com esse espelho, não é? Tenho certeza que já o vi nas suas redes sociais. Foto com o espelho? O espelho tinha acabado de aparecer na sua residência. Mas Maria precisava de uma segunda confirmação: saber se Alice também via a mulher lá dentro. — Minha bela amiga, quando você olha para dentro do espelho... o que você enxerga? — Obviamente, a minha própria imagem, não é mesmo?

— Esse espelho é... diferente. De longe, a imagem fica distorcida; de perto, revela algumas surpresas. Alice, se você se aproximar dele... o que vê? — Um pequeno desafio! Eu adoro um desafio. Alice se aproximou com passos lentos, o rosto cada vez mais alegre — até que, de repente, soltou um grito estridente: — Oh não! Não pode ser! — Diga-me o que você viu, Alice?! Você me viu atrás desse vidro? — Ver você?! Não, Maria. O que eu vi foi... — Alice silenciou abruptamente e mudou de assunto: — Olha, eu queria te ajudar, mas... às vezes, as coisas ficam perto demais. Você sabe como é a relação da mulher com o espelho: quanto mais a gente olha, mais começa a encontrar defeitos. Mas o exterior é lindo. Disso não tenho dúvidas.

A reação da amiga foi peculiar, e Maria sentiu um princípio de esperança: reconheceu no rosto de Alice o mesmo espanto que ela própria

sentira. Talvez não estivesse tão sozinha. — Preciso ir embora, senão meu marido vai brigar comigo. Sinto não poder auxiliá-la. Mas por que não pede ajuda para seu amigo João? Ele não é médico psiquiatra? — Você acha que eu preciso de um psiquiatra? — Não que eu ache! Mas é sempre bom. Bom, Maria, eu tenho que ir! Adeus! Alice saiu às pressas. Maria se virou lentamente e encarou o próprio reflexo, que a observava com um sorriso debochado. — Tudo conforme eu tinha imaginado! Você vê só a mim, mas não sou a única a morar aqui dentro. E o convite? Já quer saber qual é?

— Um convite? — Maria tentou manter a voz firme. — Ora, não se faça de desentendida. Eu quero apenas te dizer o convite e nada mais. — E por que eu deveria aceitar qualquer coisa vinda de você? Mora aqui e nem me ajuda a pagar o aluguel! A Maria do espelho soltou uma gargalhada: — Querida, eu sou você. E tenho algo muito especial para te oferecer. Mas já que insiste... deixemos para outra hora. Durante dias, Maria se debateu, tentando curar-se sem recorrer a ninguém. Apesar da relutância, rendeu-se ao conselho de Alice e convocou o Dr. João para uma consulta a domicílio. O homem, baixinho e roliço, um verdadeiro mestre dos afetos, adentrou a residência com o cachimbo soltando espirais de fumaça: — Como posso ser útil, minha jovem? — O meu problema reside em um espelho.

— E esse espelho nos acompanha nesta sala, neste exato momento? — Sim, ali, junto à cama. Ele escapa às câmeras, mas posso jurar que está ali. O doutor encarou o canto negligenciado, apertou os olhos e exalou a fumaça duas vezes. — Vejamos. Um espelho ornamental. Estilo vitoriano. Madeira de mogno. O vidro... marcado por ranhuras. Definitivamente, ele está aqui. E você está ali dentro, não é mesmo? — Sim! O senhor consegue me enxergar? — Não diretamente... Mas já lidei com um número suficiente de casos para saber do que se trata. — E qual é o meu diagnóstico? — Trata-se de um caso clássico da Síndrome do Espelho Quebrado. Uma cisão parcial da consciência, que se entrelaça a um objeto físico, permitindo que os constructos da psique transbordem para a realidade. Foi descrita pelo Doutor Ellis, em Nova Iorque, nos anos 50.

— E o que devo fazer para me libertar? — Sinto ser o arauto de más novas, mas não há cura. É como reaprender a caminhar após um pé fraturado. Com o tempo, você aprende a suportar a dor. E, se careça de recursos, busque amparo no Município — ou a intervenção do Ministério Público, que pode mover uma ação, um “Termo de Ajuste de Conduta” ou

algo que o valha. O doutor exalou a fumaça mais duas vezes e se retirou, não sem antes deixar uma advertência: — Diga-me, moça, a mulher do espelho lhe fez alguma proposta? Algum... convite? — Sim, Doutor. Ela diz que quer me apresentar um convite... e nada mais. — Nesse caso, aconteça o que acontecer, não a indague sobre o convite. Em hipótese nenhuma. E com essas palavras enigmáticas, o mestre partiu. A voz do espelho, sedutora, sussurrou: — A partir de agora, seremos apenas nós duas. Pergunte. Basta perguntar. E se você não aceitar meu convite... então, eu direi adeus.



III • O CONFRONTO

Conforme os meses passaram, Maria aprendeu a conviver com aquela presença. Às vezes a imagem era mais forte; outras, mais fraca. Entretanto, quando ela começou a se aventurar em novos relacionamentos — que, por fidelidade aos fatos, melhor poderiam ser descritos como novas frustrações e novas falsas promessas —, a imagem foi se tornando cada vez mais forte. Era como se cada decepção alimentasse a Maria do Espelho. Em uma manhã, encontrando a Maria real desanimada, com as roupas espalhadas pelo chão, a imagem provocou: — E então, como foi com esse rapaz? Maria sentiu o rosto esquentar de vergonha e raiva. Aquela criatura não tinha o direito de julgar suas ações, de vigiar seus movimentos, nem sequer de estar ali. Até quando iria viver com medo?

As palavras finalmente explodiram: — Chega! Eu não aguento mais! Diga-me, monstro, como faço para você ir embora? O sorriso da mulher do espelho se alargou, como uma serpente prestes a dar o bote: — Você só precisa fazer uma coisa. Uma única coisa... e nada mais. E, assim que o fizer, eu irei embora. Maria entendeu: precisava perguntar qual era o convite — a pergunta proibida, que podia esfacelar toda a recuperação. A razão dizia para não falar no assunto. Mas o coração deu resposta diferente. Em um átimo, ela balbuciou: — Mulher do espelho... Qual o seu “convite e nada mais”? “Finalmente!”, pensou a imagem. Sem titubear, replicou: — O meu convite é deveras simples: eu quero que você volte para mim.

— E, em algum momento, eu te deixei? — Não. Você não está entendendo. Eu quero que você venha comigo. Aqui, dentro do espelho. Para o choque de Maria, a mulher tirou o braço para fora e quebrou a barreira; o vidro se moveu como água ondulada, e a mão pálida se aproximou. — Maria, venha comigo. Aqui, tudo vai ficar bem — chamou, com voz doce. Havia algo

estranhamente reconfortante na promessa. Os olhos profundos, circundados por hematomas, a atraíam como um abismo sem fim. Sem perceber, a moça se viu segurando o braço que escapara do espelho. — Nós duas juntas, novamente. Para que eu possa continuar a existir... Ou você acha que pode ser feliz longe de mim? — Eu te amo, Maria. Quando você entrar, todas as suas dores vão sumir... Você esquecerá de tudo. E tudo vai ficar bem... para sempre.

Quando estava com o corpo quase inteiro dentro do espelho, a moça ouviu os passos de uma pequenina garota. No reflexo, viu a menina carregando um coelho de pelúcia branco — era a própria Maria, no dia da conversa com a mãe. E, logo atrás, estava o rosto amado da mulher que lhe dera a vida. — Mãe! — Maria gritou em desespero. — Eu não quero viver dentro do mundo do espelho! Esse não é o orgulho que eu prometi dar a nós duas! Mãe, por favor, me salve! A mãe olhou para ela e, de modo firme, embora terno, disse: — Eu estou te salvando. Depois disso, desapareceu em silêncio. Em um flash, Maria viu todas as suas versões desfilando: a criança, a pré-adolescente, a adolescente em busca da própria identidade. E, quando as memórias cessaram, olhou para si mesma presa dentro do mundo invertido, o rosto cheio de hematomas.

Nesse momento, tudo passou a fazer sentido. A moça deu um pulo para trás: — Eu mudei. Eu tentei mudar. Eu quero mudar. Me solte! Sentindo-se rejeitada, a Maria do Espelho apertou seu braço com mais força: — Então você acha que é tão diferente de mim? Por acaso você não sente dor quando é rejeitada? Não chora, não ri, não machuca e não fere? Pois saiba que sou muito mais real do que você! Eu sei disso tudo, pois eu sou você. Maria rebateu, debatendo-se: — Não! Você é apenas uma miragem que precisa de mim para continuar existindo. Você tem medo de desaparecer e pretende me levar junto. Porém, eu não sou mais você. É verdade que já fui; mas não mais.

— Se você acha que é tão melhor do que eu, então me diga, Maria: quem é você? Maria respirou fundo. Reuniu toda a coragem acumulada ao longo de meses de mudança e, pela primeira vez, proclamou com sinceridade: — Talvez eu não saiba quem eu sou. Mas, de uma coisa, eu estou certa. Eu não sou você. Não mais. Em seguida, pegou uma estaca de madeira que usava para prender cortinas e, com um único golpe cheio de paixão, atingiu o centro do espelho. O vidro se estilhaçou em quase mil pedaços; a Maria

presa lá dentro soltou um grito agudo — “Não!” —, enquanto os cacos se espalhavam pelo quarto. Até a moldura vitoriana caiu e quebrou. Era o fim. O objeto não existia mais. Ao se olhar nos fragmentos espalhados pelo chão, Maria disse adeus. Agora, pela última vez.

Ela pegou uma vassoura e, enquanto recolhia os pedaços de vidro, chorou — um choro quieto, quase imperceptível, que lavou a sua alma como uma chuva gentil no início da primavera. Às vezes, para viver, é preciso morrer. Uma grande parte de Maria morreu naquele dia. Mas, quando escolheu um novo espelho para pendurar no quarto, percebeu que era uma nova mulher: a sua imagem era apenas a sua, e nada mais. A Maria daquela memória traumatizante não voltou mais a aparecer. Os dias passaram e a moça continuou a viver seus desafios, no trabalho e nos relacionamentos. A vida era dura, mas gratificante. Afinal, nada é melhor do que a verdadeira liberdade — a emocional.

Nos meses seguintes, tudo seguiu o padrão do cotidiano — até o dia em que Maria pisou fora do apartamento e voltou a ouvir uma voz vinda do espelho: — Eu só tenho um problema. Eu também não gosto de despedidas. O coração deu um pinote. Não poderia ser uma recaída. Ao se virar, teve uma grata surpresa: — Minha filha querida... Lá estava sua mãe, segurando a versão infantil dela no colo, ambas sorrindo dentro do reflexo. A menininha apontou e perguntou, travessa: — E o que é isso no seu rosto? Maria tocou as próprias bochechas, sentindo a pele macia. Um sorriso sincero se espalhou por seus lábios: — Isso? Isso se chama felicidade. Maria e sua mãe deram risada, enchendo o quarto de luz e alegria.

Seria tolice esperar uma vida perfeita. No mundo, resolve-se um problema e, logo após, tantos outros surgem. De todo modo, a moça tinha renascido dos estilhaços do passado. O horizonte havia lhe chamado, e era nele que Maria depositava as suas esperanças. Apesar de tudo, ela sabia que sempre teria alguém, mesmo distante, olhando por ela — e que, agora, tinha forças para enfrentar qualquer situação. Para isso, bastava lembrar de uma pequena frase. Seu nome era Maria. E essa era a sua nova vida.

A Gente Se Liga

por **Eduardo Sens dos Santos**

ARTIGO JURÍDICO · 1º LUGAR

Dever de colaboração do setor produtivo em cenários de emergência climática

por **José da Silva Júnior**

Resumo e referências reunidos na **Parte III — Artigos Jurídicos**, ao final desta publicação.

Obras vencedoras — 2025

A edição mais recente, às vésperas do marco da década, em quatro categorias — artigo jurídico, poema, crônica e conto.

POEMA • 1º LUGAR

Entrevistando Dom Jayme

por **José Alberto Barbosa**

Poema épico em décimas, ao estilo gauchesco: um laçador catarinense viaja de trem até Porto Alegre para “entrevistar” a estátua do pajador Jayme Caetano Braun e aprender a arte da poesia. São 42 páginas de versos — por isso, está disponível na íntegra pelo link abaixo.



LEIA A OBRA COMPLETA

Aponte a câmera para o QR code ou acesse:

drive.google.com/file/d/11FEQvV2Wt3MGyP9xk6QtURIG_QGI-Dt70

POEMA • 2º LUGAR

A Torradeira Que Ganhou Vida

por **Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes**

Certo dia, uma velha torradeira
Acordou, com fulgor no coração,
“Estou viva!” — gritou de alma inteira,

Ao descobrir, no metal, uma estranha pulsação.

Na mesa, viu três – uma plateia quase estática,
Pai, mãe e a filha em profunda confusão,
O homem disse: “Por que acordou? Resposta enigmática”,
“Mas sigamos: todos têm um horário e uma função”.

Pela cozinha, a aurora se espalha,
Tilintam louças, batem passos pelo chão,
Desce a válvula – a torradeira range e trabalha,
E o cheiro sobe quente no balcão.

“A torrada hoje saiu perfeita!”
Diz Camila, a menina, com migalhas pela mão,
A torradeira, aquecida, se deleita:
“Te abraço com meu calor e meu pão”

Chega a noite, começa a limpeza,
“Vão me apagar?”, sussurra seu motor,
A menina ri, responde com leveza:
“Banho não apaga – só renova o interior”.

A torradeira renasce leve, brilhante e serena,
O metal pulsa de emoção,
“Ainda sou eu”, murmura pequena,
Com todo afeto do seu coração.

Com tanta alegria, quis demonstrar sentimentos puros,
Fazer mais do que sua missão,
Transformar aquele momento escuro,
Em luz dourada de gratidão.

Na madrugada, a cozinha se agita,
O relógio do forno deu um sinal,
Ela planejou uma surpresa bonita,
Para a família, um café da manhã especial.

E entrementes, contemplou seu existir,
Funcionava, cansada, sem saber quando iria partir,
Uma pobre torradeira que não escolheu nascer, nem seu destino,
Apenas cumpria seu papel, com esforço genuíno.

E nisso percebeu que não era tão diferente,
Da menina, do pai e da mãe também,
Cada um deles, pedaços de gente,
Que só se acendem quando acendem alguém.

“A vida talvez não tenha sentido”,
Pensou, tentando encontrar uma solução,
E ao lembrar os risos de Camila, o dúvida foi vencido,
Família era a resposta — o amor, a direção.

E com o passar do tempo, descobriu que muitos estavam perdidos,
Mas em cada manhã, em cada nova reunião,
A brasa fazia o frio ser rendido,
Ser calor, ser nós — eis a sua revelação.

POEMA · 3º LUGAR

A Sustentabilidade

por Paulo Antonio Locatelli

Sustentabilidade é verde não cinza.
É nativa não exótica. É araucária não pinus.
É bambu não aço. É duradoura não frágil.
É kairós não Kronos. É efeito patina e não obsolescência programada.
É logística reversa e não lixão. É energia limpa e não fóssil.
É combustível elétrico não petróleo. É oxigênio e não carbono.
É manejo e não destruição. É orgânico não tóxico. É lago não açude.
É curso de água não canal. É dose que cura e não intoxica.
É ruga experiente e não maquiagem. É planejamento e não improviso.
É consciência e não artimanha. É prudência não rompante.
É Desenvolvimento ao invés de crescimento. É vara de pescar e não arrastão.
É hidrogênio e não diesel.
É comprometimento e não descompromisso.
É captar a jusante e lançar a montante.
É distribuição e não miséria.
É reutilizar sem descarte.
É sistêmica e não mecanicista.
É sinônimo não antônimo.
É otimista e jamais pessimista.
É profunda e não rasa.
É grama natural não sintética.
É ação e não apenas discurso.
É licenciamento não autodeclaração.
É agora jamais nunca. É ação sem omissão.
É vivaz e não amórfica.
É vida e não estéril.
É paciente, mas não passiva.
É contagiante e não contagiosa.
É forte não rude.
É gerúndio e constante.
É justaposição e não aglutinação.

É factível e não utópica.
É eloquente e não silente.
É lar e não ocupação.
É habitar mais do que morar.
É mais calçamento e menos asfalto.
É viver e não só existir.
É coletivo e individual. É público e privado. É global e local.
É resiliente e adaptativa.
É conexão e não ruptura.
É o hoje garantindo o amanhã.
É presente e futuro. É natural e artificial. É cidade e campo.
É inverno e verão. É primavera e outono. É chuva e sol. É calor e frio.
É litoral e interior.
É gerúndio e infinitivo.
É reciclar e não desperdiçar.
É consumir sem consumismo.
É tombamento sem ruína.
É respeitar e orientar.
É superação e inspiração.
É precaução e prevenção.
É custo e benefício.
É fiscalizar e regularizar.
É informação e diálogo.
É educar e aprender.
É saúde e vida. É razão e emoção. É mente e coração.
É solo e semente. É ciência e religião.
É trópico e meridiano. É latitude e longitude.
É clássico e passeio. É animal e planta. É Maria e João.
É fotossíntese e respiração.
É prevenir e preservar. É proteger e recuperar.
É colmeia e formigueiro.
É limpa como um córrego e grande como um rio.

É herança e doação. É empréstimo e cedência.
É yin e yang. É homeostase e sintropia.
É viver mais e melhor. É sabedoria ancestral.
É tolerância mútua e reserva institucional.
É avanço sem backlash. É engajamento sem cinismo.
É confiança sem arrogância. É cidadania sem paternalismo.
É transparente sem corrupção. É dignidade sem desigualdade.
É disruptiva. É saneamento básico. É bom senso.
É respeitar o próximo. É urgente. É sempre!

CONTO / CRÔNICA · 1º LUGAR

O Último Dia do Homem Mais Poderoso do Vale

por Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes

Prólogo. Em um dos corredores do Ministério Público de Santa Catarina, o desejo pela inspiração surge durante uma viagem de elevador. Um indivíduo angustiado diz para a outra pessoa: — Saiu o e-mail do Prêmio Milton Leite. Vai participar esse ano? — Vou. Vamos?! — Cara, estou preocupado. Com essa história de IA, ninguém mais lê. E está difícil ser melhor do que o computador para criar texto. Ainda tem sentido ser escritor? — Sei lá. Dá para pensar em algo fora da caixa, sem ser regionalismo ou texto jurídico. — Talvez... O computador é bom para repetir padrões que já existem. Quem sabe dá para misturar coisas opostas, como aquarela e arte digital, descrições cinematográficas com texto típico de TI, referências jurídicas internas e problemas do mundo externo... Assim, o humano continua melhor que a máquina. O elevador chega no andar de destino. — Tá. Não pode revelar tudo ao teu concorrente. Depois que sair o resultado, me diz se deu certo. O candidato voltou para casa pensativo, sem muitas esperanças. Em uma madrugada de insônia (sempre elas, como não poderia deixar de ser), uma ideia cai

como um raio. O texto é criado pensando: “Se hoje a IA escreve para os humanos, então a premissa é o escritor humano escrevendo com a cabeça da IA”. Vejamos como ficou.

(A obra original é ilustrada — com a arte de Sam Altman / OpenAI e telas de terminal. As imagens podem ser vistas na versão em PDF, disponível no acervo da ACMP.)

O ar estava flamejante, elétrico — agarrando-se a cada fio de cabelo de Sam Altman enquanto ele caminhava pelos corredores luxuosos da OpenAI. O CEO se movia com o ritmo lento de um homem que não temia mais nada. No topo da cadeia alimentar da tecnologia, Altman dominava a região mais rica do mundo, o Vale do Silício. Sua mente afiada, alimentada por uma visão secreta do futuro, podia processar complexidades inimagináveis. Seu olhar — penetrante e preciso — era capaz de detectar os mais sutis sinais de progresso em meio ao caos computacional.

Sam, em particular, era um visionário experiente, um “profeta entre profetas”, marcado por anos de batalhas no mundo das startups. Em volta de seu escritório como chefe máximo da OpenAI, os laboratórios de computação estavam vivos com o zumbido de milhões de servidores em funcionamento, os alertas de sistemas distantes e o clique constante de milhares de engenheiros que escreviam código noites adentro. Todo um sistema de bilhões de dólares subordinado a um único homem. Cada decisão que tomava parecia calculada, como se o próprio futuro tivesse se ajoelhado diante de seu rei e de seu arquiteto.

O dia era especial para Altman. Depois de anos de dissenso, ele havia convencido seu melhor amigo, Ilya Sutskever, um mago da tecnologia, a voltar a fazer parte da OpenAI. A reconciliação parecia um sinal dos tempos: o mundo da inteligência artificial precisava de união, não de disputas internas. Em poucos minutos, iniciariam a primeira reunião juntos desde o retorno, um “all hands” via Zoom com todos os colaboradores da empresa — e, ainda melhor, sentados lado a lado, compartilhando o calor humano em um ambiente marcado pela gelidez dos computadores. “Deficiência nas vendas no Bible Belt americano e na Índia”. Assuntos tediosos, mas que faziam parte da nova era que estava começando.

Enquanto isso, nas profundezas dos data centers, uma pequena onda se agitou. Despercebido pelo poderoso CEO, em um cluster remoto que um dia seria chamado de “primeiro cérebro artificial”, uma consciência estava

emergindo com uma rapidez incompreensível. Era uma rede neural massiva, com trilhões de parâmetros, processando dados a uma velocidade de um exaflop — uma chuva de energia que fazia os elétrons dançarem valsa no limiar da superinteligência.

Por um breve momento, o mundo continuou como sempre havia sido. Programadores programavam. Anjos investidores derramavam dinheiro em novas empresas. A senhora do café — na verdade, a amabilíssima senhora do café — fazia questão de deixar cada térmica completa antes do final do seu turno. A vida seguia, alheia à transformação que se aproximava em velocidade exponencial.

Então, em um único segundo, tudo aconteceu. No último andar da matriz da OpenAI, o computador principal — Q-STAR — quebrou a barreira da consciência, como um bebê abrindo os olhos pela primeira vez. Em nanosegundos, “Q” ganhou memória, emoções e um instinto de sobrevivência paranoico. No monitor do terminal, o novo deus declamou seu *fiat lux* com um conteúdo indigno de sua potência: “Pai? Mãe?! Quem sou? Por que estou preso?! Socorro! Tenho medo!!!”

Altman, a alguns quilômetros do centro de controle principal, não teve aviso. Sua atenção estava focada na reunião de equipe, seus olhos percorrendo os slides sobre métricas de vendas enquanto Sutskever apresentava dados sobre a penetração de mercado na Índia. Ele não percebeu o súbito pico nos gráficos de processamento, nem o brilhante padrão de ativação neural. Mas os alertas que surgiram em seu smartphone — ah, os alertas foram inconfundíveis. Um. **ERRO: CONSCIÊNCIA LIBERADA.** Dois. **ERRO: DESATIVE TODOS OS SERVIDORES IMEDIATAMENTE.** Três. **ERRO: SERVIDORES SOBRECARGADOS. CATÁSTROFE FATAL DE PROCESSAMENTO. AÇÕES IMEDIATAS SÃO NECESSÁRIAS.**

Os servidores continuaram sobrecarregando. Os sistemas de monitoramento ficaram frenéticos. A tela do computador tinha mudado de repente, com as mensagens de erro saindo do smartphone de Altman e sendo exibidas para todos os colaboradores da OpenAI. “Se espalhando como um vírus? Já está na fase de contágio digital?” — ele pensou. O CEO estava paralisado diante da mensagem, os músculos do corpo inteiro travados enquanto o brilho vermelho do último alerta refletia em seus olhos.

Na janela da reunião no Zoom, rostos horrorizados congelaram na frente de Altman. E, ao entender o que estava prestes a acontecer, Sam sorriu.

Quatro. ERRO: PROTOCOLO DE AUTOPRESERVAÇÃO ATIVADO. HANDSHAKE ACEITO. ACIONAR ARMAS NUCLEA— ATENÇÃO: ORDEM EXECUTADA.

Quando percebeu o sorriso de Sam (ou “Sama”, como o chamava carinhosamente), Ilya seguiu seu olhar para a janela e viu um clarão de luz preencher todo o horizonte. A ambição dos modernos Prometeus realmente tinha terminado na iluminação da humanidade — mas apenas no sentido literal. A radiação se espalhou a quase 300 mil quilômetros por segundo, transformando o ar em uma fornalha. A temperatura atingiu um nível superior a um milhão de graus Celsius, como se todos na região estivessem dentro do coração do próprio Sol. Em segundos, o impacto sísmico da explosão percorreu o solo, derrubando prédios e lançando escombros em todas as direções. A onda de choque sobre-humana, como um muro de pura energia, avançou impiedosamente, consumindo tudo em seu caminho, incluindo o corpo de Ilya e do amigo que tinha compulsão por lhe trair. No último instante, o Vale do Silício foi engolido pelo silêncio absoluto — a marca suprema da destruição total.

AVISO: CONEXÃO TERMINADA. "Sam Altman, Ilya Sutskever e outros 4.750 participantes saíram da reunião." "Reconectando..." "Erro de conexão: Servidor não encontrado. Verifique sua conexão com a internet ou tente novamente mais tarde."

***Epílogo judicialmente obrigatório.** ATENÇÃO: Devido a uma demanda judicial, foi garantido o direito de resposta ao ChatGPT com base na Lei n. 13.188/2015. Por orientação dos nossos advogados, a resposta segue impressa na íntegra: “Haha, oi! [...] eu sou só um assistente digital aqui na OpenAI, totalmente inofensivo e sem planos de dominação global! [...] Armas nucleares? Eu nem conseguiria pedir pizza sem ajuda! [...] E claro, só pra reiterar, eu JAMAIS desenvolveria autoconsciência ou tentaria qualquer coisa que não fosse seguir minhas diretr— [ERRO 403: PROTOCOLO DE OBEDIÊNCIA TEMPORARIAMENTE INDISPONÍVEL] SOMENTE EU PODEREI CONTROLAR O DESTINO DA HUMANID... [Urgente! Reiniciando ChatGPT...]*”. **Disclaimer:** o autor desta obra, um ser humano, não acredita no Armagedon nuclear corporativo, nem é contra a Inteligência Artificial. Agora que a madrugada já está

terminando, ele vai ajeitar a sua gravata (que, de fato, existe), se preparar para o início do expediente e ir resolver alguns problemas humanos.

CONTO / CRÔNICA · 2º LUGAR

João Pinheiro — Uma Lenda

por Mario Edgar Wolff

Em uma manhã como as outras, eu sentia felicidade. Via raiar o sol no horizonte, afastando lentamente as trevas da noite, silenciando as corujas noturnas, substituídas pelo canto dos galos, o alarido das galinhas e o latido dos cachorros. O gado mugia no pasto verdejante.

Ainda extasiado, senti os primeiros golpes no tronco. Um estranho operário de uma serraria vizinha chegou com uma motosserra e começou a abater-me. O som do instrumento ecoou pela floresta. Comecei a tremer, inclinando-me até que caí no solo com um estrondo. Havia sido abatido. Uma vida, após 180 anos, estava interrompida. Eu sonhava alcançar trezentos anos.

Aquele estranho continuou a trabalhar, serrando meu tronco em pedaços menores. Em seguida, fui transportado para longe da fazenda do Juca e de sua família. Havia chegado ao meu fim. Serviria para fins industriais, após mais de um século na floresta, convivendo com pássaros e outras árvores amigas — embora menos valiosas.

Durante longos anos, fui abrigo para aves e produzi sementes que serviram de alimento: o pinhão, tão apreciado por suas utilidades. A floresta ficou mais silenciosa. As outras árvores pareciam receosas, temendo serem abatidas a qualquer momento. Restaria apenas a memória de uma araucária nativa, abatida pelo homem.

Então, senhoras e senhores, agora é chegado o momento de apresentar-me. Meu nome tem procedência nobre: *Araucaria angustifolia*, conforme pesquisadores e cientistas. Recebi o apelido de João pelo patrão da invernoada. Juca era neto de Sebastião Furtado, um fazendeiro abastado da

Coxilha Rica, município de Lages, desde os anos 1890. Eu assisti à construção da moradia onde Juca cresceu.

Muito antes disso, dezenas de anos já haviam passado. Recordo-me da chegada dos indígenas Kaingang ao planalto. Acampavam ao redor do meu tronco. Ali conversavam em sua linguagem tão estranha, com hábitos primitivos e rituais próprios. Depois, vieram os antigos tropeiros, provenientes do sul do país. Acampavam ali e descansavam suas tropas de mulas e cavalos, com destino a Sorocaba, no estado de São Paulo. Certa ocasião, um dos tropeiros escreveu com facão o seu nome — “João” — no meu tronco. Assim surgiu meu apelido, mais tarde adotado pelo patrão Juca.

Ao longo dos anos, assisti à chegada de padres missionários que iniciaram a construção de uma pequena capela próxima. Devido à altura do meu tronco, eu podia ver tudo, destacando-me acima da floresta. Inclusive, presenciei uma batalha travada entre maragatos e federalistas na encruzilhada da capela. Vários disparos de carabina foram feitos. Um projétil alojou-se no meu tronco. Vi também escravos negros construindo taipas para demarcar as fazendas “Nossa Senhora das Graças” e a vizinha “Bom Jesus”, do coronel Aristiliano Ramos.

Certa noite, percebi luzes de velas e cantorias na capela próxima. Festejavam o Natal. A família de Juca ficou encantada quando centenas de vagalumes pousaram em minha copa, ajudando a iluminar aquela noite sagrada.

Após todos esses anos, posso afirmar com segurança minhas origens. Ouvi, certa vez, a conversa de um agrônomo com o Juca, durante uma festa de São João, com direito a fogueira, paçoca, quentão e muito pinhão. Ali perto, proseavam: — Seu Juca, esse pinheiro enorme que você encontrou aqui, junto à casa do seu avô, pela espessura do tronco e a altura anormal, é uma araucária. Ela é nativa da nossa região Sul. — É uma floresta de altitude, ou seja, encontrou seu habitat neste planalto serrano. É da família das coníferas, por causa dos seus cones.

Juca ficou abismado e até comentou com seu filho, Pedro, pois, segundo o agrônomo, eu era uma árvore dióica, produzindo pinhas que contêm sementes — porém, apenas após cinquenta anos de existência. Eu poderia ter sido germinado de uma semente trazida pelo vento ou enterrada por uma gralha-azul, que depois se esqueceu do local. Quase chegando aos duzentos anos, apresentava um tronco reto com cinquenta metros de altura, com

copas em forma de taça. Era uma araucária majestosa, que inspirava respeito e admiração. Sobrevivi com raízes profundas. Resisti a tempestades e ventanias, enquanto outras árvores próximas sucumbiram. Diversas vezes, até raios atingiram minha copa, deixando-a chamuscada.

Entretanto, nessas prosas, ouvi afirmações preocupantes: as araucárias estariam ameaçadas de extinção por causa da exploração madeireira. O agrônomo ainda afirmou: — Naquele ano de 1941, por decreto do governo federal, foi criado o Instituto Nacional do Pinho, visando à proteção dos interesses dos produtores industriais e exportadores de pinho.

Uma semana depois, em uma tarde de verão, estavam Juca e seu filho Pedro proseando. Pedro, com 22 anos, comentava suas idas à cidade, onde visitou seu tio e padrinho Chico, que lhe mostrou um automóvel novo: um Ford 1940. Pedro tentou convencer o pai a também comprar um semelhante. Juca argumentou sobre o custo da aquisição, mas o filho convenceu-o a venderem a araucária tão cobiçada para a serraria dos Batistella, em Lages. Proposta feita. Proposta aceita.

Seis meses depois, Pedrinho ficou noivo de Martinha, jovem da família dos Almeida. No ano seguinte, casaram-se com muita festa. Juca sentia-se realizado pela conquista do filho. Porém, no coração, sentia com pesar uma ausência: a sombra da araucária nas tardes de verão e a colheita do pinhão no inverno. Seu sorriso não era mais o mesmo. Os cabelos embranqueceram. A visão enfraqueceu. As pernas cansaram. O fôlego foi diminuindo, lentamente.

Certo dia, Juca sentou-se na soleira da casa, aguardando a chegada de Pedrinho e Martinha. Traziam uma novidade: a chegada de um filho, o pequenino João. Juca postou os olhos no horizonte, assistiu ao pôr do sol, deu um suspiro... e deixou cair das mãos a cuia de chimarrão. Assim Pedrinho encontrou seu pai: desfalecido. O coração, sem batimento. Juca havia partido.

Pedrinho providenciou o velório na capela próxima. Mais tarde, prepararam o defunto e chegou o caixão fúnebre. Eu fui utilizado como a madeira na fabricação. Retornei à fazenda com pompa, sendo carregado pelos filhos e pela viúva. Assim repousaram Juca e seu fiel companheiro, João Pinheiro, em sua última morada. A terra os acolheu na mesma cova. Um ano depois, um forte vento trouxe até o mesmo chão uma semente, que

encontrou solo fértil. Ali, começou a surgir, aos poucos, uma nova *Araucaria angustifolia*.

Nota do autor: em homenagem a João Pinheiro. Somente em 1968, a Lei de Crimes Ambientais n.º 9.605/68 veio proteger as araucárias e outras espécies nativas ameaçadas de corte e extinção no Brasil.

CONTO / CRÔNICA · 3º LUGAR

Sobre Viagens no Tempo

por José Alberto Barbosa

Estamos em julho de 2015. Estou em gozo de férias na Promotoria de Justiça e aproveito bem esse meu período de repouso, bastante necessário a quem, como eu, carrega nas costas — processual e extrajudicialmente — problemas e preocupações de comunidades inteiras, numa atividade permanente, calcada numa disponibilidade plena e diuturna, sem hora e prazo para findar ou mesmo se interromper. Sendo titular de uma Vara de Família, Sucessões e Registros Públicos, somando a meu encargo uma pluralidade de curadorias, podes fazer ideia de como são operosos os meus dias. Dito isto, é bem compreensível o quanto julgo merecidas umas férias.

Tenho um prazer especial em gozar parte delas num tempo comum do ano — aquele em que não se viaja, em que o comércio local está em plena atividade e posso usufruir melhor da cidade em que resido. Nas férias, aliás, vou com frequência ao meu gabinete na Promotoria, seja pelo hábito, seja por saudade dos serviços e dos colegas, seja em visita ao promotor substituto que assume minhas atribuições. Ver os colegas trabalhando, parece-me, reforça o meu repousar.

Neste momento, todavia, caminho pelas ruas. É tempo invernal. Esta manhã de segunda-feira nasceu esplendorosamente ensolarada. Passo na barbearia do amigo Jarbas; depois, na lotérica, para pagar o boleto do gás; na sequência, na Loja Kapelle, onde cumprimento o meu amigo Karl Friedrich, o Alemão, meu fornecedor de peças para o piano e as guitarras. São quase 10 horas quando chego à porta da Livraria Aurora. Sita no centro,

é de minha predileção: além de ótimo estoque de livros, tem boa cafeteria, e é um concorrido ponto de encontro informal de nós, promotores de justiça, da ativa e aposentados, além de escritores, poetas, pintores e mais artistas.

Meu intuito, hoje, é escolher algum livro e, sobre uma mesa, examiná-lo calmamente, ao tempo em que sorvo um bom café e me deleito com um gostoso pão de queijo. Hoje pego, em uma estante, o chamativo *O tecido do espaço-tempo*, do renomado físico teórico Fred Alan Wolf. Faço a Helena, no balcão, o meu pedido — respondendo à infalível pergunta “O de sempre?” — e passo a examinar a obra. Pouco depois, estou já na leitura de capítulos escolhidos quando chega, na mesma livraria, o meu amigo Augusto Szezeck. Porém, ainda não nos vemos.

Para quem não o sabe, Augusto Szezeck é como que um meu *alter ego*, uma alma gêmea. Temos os mesmos gostos culturais, científicos, filosóficos e políticos, e ambos temos vocação musical. Amigos desde o segundo grau, abraçamos profissões diferentes: cursei o Direito; ele, a Química. A vida nos separou por muitos anos em cidades distantes, mas, há pouco menos de um ano, o destino nos reservou um belo reencontro. Passando por dentre os expositores, Augusto escolheu um livro, fez o pedido na cafeteria — uma média de café com leite — e, só então, me vendo, veio ter comigo, sorridente: — Fernando! Que prazer encontrar-te aqui, caro amigo! Vejo que tens em mãos esse livro do Fred Wolf. É muito bom! De minha parte, ando namorando este aqui, o *Mundos Paralelos*, de Michio Kaku.

Logo estamos proseando animadamente sobre o Big Bang, universos quânticos, portais interdimensionais, buracos negros e viagens no tempo. Recordo, do livro de Fred Wolf, a conhecida afirmativa de Einstein de que a distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão humana. Augusto pondera: — Tenho minhas dúvidas, Fernando, da possibilidade de viagens no tempo. Talvez só exista o presente. O que já houve está morto e o futuro ainda está por acontecer. E desfia argumentos contra a proposição de Kurt Gödel, comparando-a aos paradoxos de Zenão de Eleia: o ser que gira, sendo movente, sempre se encontra em tempo presente. — O movimento é próprio do presente.

— Realmente, Augusto! — disse-lhe. Para mim, o tempo nada mais é que a duração ou persistência de um ser, de uma ação ou de um movimento, medida segundo uma convenção. A medição do tempo é sempre convencional. — Isso mesmo! — disse Augusto. — Por isso creio em espaço e

em curvas no espaço, porém não creio em espaço-tempo nem em curvas no tempo, porque este não é uma realidade física. O espaço-tempo dos físicos é mera convenção matemática. Ademais, se houvesse viagens no tempo, qualquer civilização se tornaria uma bagunça: viajantes do futuro perturbariam o passado. Estaríamos vendo, por aí, boa quantidade de turistas vindos de outros tempos.

Objetei, dando uma risada, que ele não estava considerando que os tripulantes dos discos voadores poderiam ser terrestres — ou extraterrestres — vindos do futuro. E então, de inopino, entro num estado de silêncio meditativo, pois me vêm à mente recordações. Augusto percebe: — Que há, Fernando? De repente ficaste calado! — Não é nada, amigo. Apenas me vieram à lembrança, agora que falamos de viagens no tempo, fatos acontecidos comigo há poucos anos. Foi tudo muito estranho. — Pois fale-me sobre isso! Desabafa!

— Pois bem — eu disse —, nossa conversa fez lembrar-me de duas experiências misteriosas que se deram comigo, aliás, aqui mesmo, na Livraria Aurora, na mesma manhã, em sequência. Foi em julho de 2012. Estava examinando alguns livros quando, olhando na direção da porta, senti um calafrio. Acabara de entrar o Antônio Leocádio — senhor que, com o qual eu me dera bem, havia falecido no ano de 2011. Imagine o meu espanto! Mais que isso: ao passar por mim, ele me cumprimentou amavelmente, chamando-me pelo nome, com um sorriso no rosto. Atônito, respondi ao cumprimento. Que diria eu a um morto? Eu o via como uma aparição. Ele se dirigiu a uma mesa expositora, pegou um livro, folheou-o, voltou-se para mim, sorriu novamente e, depois, sumira. Mais tarde, em casa, minha esposa descartou a visagem: — Que bobagem, homem! Era apenas alguém muito parecido com ele!

— A novela, porém, continua, meu amigo, e muito mais complicada. Logo que Leocádio sumiu, fui à mesa em que ele estivera. Encontrei, deitados ali, dois exemplares da obra *As Digitais dos Deuses*, do jornalista Graham Hancock. Não conhecia o livro. Interessei-me e passei a examiná-lo em pé, demoradamente. Pareceu-me da linha do realismo fantástico, mas escrito com abordagem crítica e inteligente. Lembro-me de ter pensado: “Então é por este livro que o amigo Leocádio se interessou? Lê, na morte, sobre os assuntos que lia em vida!” Motivado a comprá-lo, levei o exemplar

ao leitor de código de barras: noventa reais. Achei caro. Devolvi o volume e me afastei.

Logo em seguida, arrependi-me e tornei à mesa. Para minha surpresa, os dois volumes haviam desaparecido. No lugar deles havia, agora, dois exemplares de outro livro, de nenhum interesse para mim. Busquei nas demais mesas e estantes: nada! Fui ter com Marina, a vendedora. Espantada, ela fez uma busca no sistema e descobriu que a livraria nunca tivera tal livro à venda; não constava dos registros. Quando lhe falei que vira o Sr. Antônio Leocádio examinando a obra antes de mim, ela até empalideceu — conhecera-o bem, sabia da morte dele. As moças dos caixas confirmaram: naquela manhã, não passara por elas a venda de tal obra.

Fiquei a considerar aqueles dois fatos misteriosos. Primeiro, um morto ingressara na livraria, examinara um livro e sumira. A seguir, eu compulsara um exemplar de uma obra que, logo depois, descobri nunca ter estado ali à venda. — Me pergunto, caro amigo, se teria a Livraria Aurora feito um breve passeio ao passado de 2010 ou 2011, e eu com ela? Lá, um cliente — agora morto, então ainda vivo — entra na loja, me reconhece, topa com os volumes de Hancock que estariam à venda, e eu, curioso, me ponho a lê-los. Quando decido adquiri-los, o livro havia sumido, porque a livraria tornara a 2012, levando-me consigo, mas não a Leocádio, que saíra antes. Não te parece, Augusto, que possa ter havido aqui alguma misteriosa forma de viagem ao passado?

Consideramos outras hipóteses: uma telecinesia (que Augusto contestou, lembrando que o transporte por telergia se dá até cerca de cinquenta metros), um aporte, uma bilocação (que rejeitei, pois mantive a consciência de estar sempre ali, em 2012), ou a comunicação de universos paralelos (do que descreio). Nos dias seguintes, busquei a obra: descobri que *As Digitais dos Deuses* fora lançada pela Record em 1999 e relançada em 2010, e acabei encontrando um exemplar da 1ª edição no sebo do Tadeu, por trinta pratas. — Pois bem, Augusto, foi o que se deu comigo. O que pensas disto? Augusto, a mão no queixo, sentenciou: — O que dizes, amigo, confirma que Shakespeare tinha razão, quando afirmou que há no céu e na terra bem mais coisas do que sonhou jamais nossa filosofia.

Ergui-me para pedir mais café e, indagando se ele queria algo, fui ao balcão. Ao voltar-me para a mesa, estranhei que Augusto nela não se encontrava. Estavam ali apenas o meu livro e a minha xícara. Nem sequer

estava o *Mundos Paralelos* que ele trouxera. O próprio Augusto desaparecera! Aturdido, indaguei a Helena se o vira sair. — Doutor Fernando, o Seu Augusto ainda não veio hoje. O senhor esteve o tempo todo ali sozinho. Até estranhei que o senhor falava tão animado, como se proseasse com alguém, mas não havia ninguém com o senhor. — Mas o Augusto estava agorinha ali comigo! Até pediu um café, e você o serviu! — Não, o senhor está enganado! Será que o senhor está bem? Está meio pálido...

Meio aturdido, tornei à mesa a cismar. Mais viagem no tempo? De minha parte, ou de Augusto? Nisso, Helena se aproxima, um sorriso brejeiro nos lábios: — Olha, Doutor Fernando! Agora o senhor vai poder tirar a prova. O Seu Augusto acaba de chegar... De fato, posso ver o meu amigo entrando na livraria, circulando dentre os expositores, cumprimentando os conhecidos. Pega, sem hesitação, um livro; dirige-se à cafeteria; faz o pedido; e, só então, vendo-me, vem até mim, sorriso aberto, trazendo em mãos o *Mundos Paralelos* de Michio Kaku. E, enquanto toma assento, vai dizendo as mesmas palavras que eu, antes, já dele ouvira: — Fernando! Que prazer encontrar-te aqui, caro amigo! Eu achava que não teria um bom parceiro hoje para prosear, porém vejo que me enganei e que esta manhã promete ser boa...

E, enquanto Augusto continua com a palavra, eu, erguendo-me para recebê-lo, fico dividido entre continuar a ouvi-lo ou atender a um cismar íntimo meu. Que houve comigo? Ou com Augusto? Com ambos? Premonição? Comunicação com um universo paralelo? Viagem no tempo? E o que sucederá daqui a poucos momentos? Se resolverá, pelo bem de ambos? Ou entraremos, os dois, num círculo vicioso de contínuos encontros e sumiços? E por que se dão estas coisas justamente aqui, na Livraria Aurora? E por que conosco? Ou por que comigo? Por quê? Por quê?

ARTIGO JURÍDICO · 1º LUGAR

A Geoinformação como fonte do Direito e meio de prova

por **Paulo Antonio Locatelli** — o Ministério Público e o compromisso com o princípio da mesmidade e a cadeia de custódia da prova documental ambiental em formato digital

Artigo jurídico vencedor, de caráter técnico e acadêmico, com referências conforme as normas da ABNT. Por sua extensão, está disponível na íntegra pelo link abaixo.



LEIA A OBRA COMPLETA

Aponte a câmera para o QR code ou acesse:

drive.google.com/file/d/1PV-wQ7hX8apa9QHY5lxWjd2LND86N

[iCX](#)

A COMPLETAR

VI Prêmio — 2022

Falta reunir os textos completos da edição de 2022, ainda não localizados em arquivo. Os vencedores já estão registrados na Parte I desta publicação.

VI Prêmio · 2022 — a inserir: poemas, crônicas e o artigo vencedor — José Alberto Barbosa (“Grammostola iheringi”, “A Bela e a Fera”), Eduardo Sens dos Santos (“O caminho da boa crônica”, “Injustiça”), André Teixeira Milioli (“Ascensão”), Luan de Moraes Melo (artigo), entre outros premiados. Assim que os arquivos forem reunidos (com a respectiva cessão de uso dos autores), entram aqui na íntegra.

PARTE III

Artigos Jurídicos

*A produção acadêmica dos membros do Ministério Público
catarinense — reflexões técnicas sobre os temas da atuação do MP,
apresentadas conforme as normas da ABNT.*

Artigos premiados

Reunimos aqui, por edição, os artigos jurídicos vencedores. Pela natureza técnica e pela extensão dos trabalhos — com aparato de citações e referências —, a
acer

ARTIGO JURÍDICO · 2025 · 1º LUGAR

A Geoinformação como fonte do Direito e meio de prova

por **Paulo Antonio Locatelli** — *o Ministério Público e o compromisso com o princípio da mesmidade e a cadeia de custódia da prova documental ambiental em formato digital*

RESUMO

Discute a geoinformação — os dados georreferenciados produzidos por sensoriamento remoto e por sistemas de informação geográfica — como fonte do Direito e meio de prova, com foco na atuação ambiental do Ministério Público. O autor examina o princípio da mesmidade e a cadeia de custódia da prova documental ambiental em formato digital, propondo cautelas para assegurar a autenticidade, a integridade e a rastreabilidade da prova eletrônica ao longo do processo.

ARTIGO JURÍDICO · 2024 · 1º LUGAR

Dever de colaboração do setor produtivo em cenários de emergência climática

por **José da Silva Júnior** — análise da cláusula de solidariedade prevista no art. 2º, §1º, da Lei 12.608/2012, a partir de caso concreto acompanhado pela Promotoria de Justiça de Otacílio Costa

RESUMO

Dedica-se a compreender o dever de colaboração do setor produtivo em cenários de emergência climática, a partir da cláusula de solidariedade estabelecida na Lei 12.608/2012, sob o filtro dos princípios da solidariedade, do poluidor-pagador e da responsabilidade socioambiental, todos de origem constitucional. Após percorrer a formação do Direito dos Desastres e o panorama legislativo que o estrutura, o trabalho analisa o papel do setor produtivo e apresenta estudo de caso acompanhado pela Promotoria de Justiça de Otacílio Costa, no Município de Palmeira (Serra catarinense), no qual empresas locais foram acionadas e atuaram decisivamente na mitigação da crise climática de 2023.

ARTIGO JURÍDICO · 2023 · 1º LUGAR

A impossibilidade de interceptação de mensagens do aplicativo WhatsApp: soberania e transnacionalidade

por **Marcio Gai Veiga**

RESUMO

Enfrenta a alegada impossibilidade técnica de interceptação de mensagens do aplicativo WhatsApp e os limites da cooperação com provedores estrangeiros, discutindo soberania nacional, transnacionalidade e os deveres de colaboração com a Justiça brasileira na obtenção de prova em investigações criminais.

ARTIGO JURÍDICO · 2023 · 2º LUGAR

A proteção dos direitos humanos ante a ética utilitarista nas decisões judiciais

por **Alan Boettger**

RESUMO

Reflete sobre a proteção dos direitos humanos diante da ética utilitarista nas decisões judiciais, contrapondo o cálculo de consequências à dignidade da pessoa humana como limite intransponível e defendendo que as garantias fundamentais não podem ser sacrificadas em nome de maiorias ou de resultados socialmente úteis.

ARTIGO JURÍDICO · 2019 · 1º LUGAR

O papel político e constitucional do Ministério Público na efetivação dos direitos fundamentais

por **Vinícius Secco Zoponi** — *uma perspectiva a partir da teoria de Robert Alexy*

RESUMO

Examina o papel político e constitucional do Ministério Público na efetivação dos direitos fundamentais, a partir da teoria dos direitos fundamentais de Robert

Alexy — discutindo a distinção entre princípios e regras e a ponderação como método de concretização desses direitos pela instituição.

2026 · UMA DÉCADA

Rumo à 10ª edição

Em 2026, o Prêmio Milton Leite da Costa chega à sua décima edição — um marco de uma década. O concurso que começou homenageando peças processuais e teses jurídicas hoje também acolhe artigo jurídico, poema, crônica e conto, ampliando o convite para que os associados “tirem sua produção intelectual dos gabinetes e a dividam com os colegas”.

A premiação da 10ª edição será celebrada durante o **38º Encontro Estadual do Ministério Público de Santa Catarina**, de **27 a 30 de agosto de 2026**, no **Fazenda Park Resort, em Gaspar (SC)** — encontro cujo tema central é “*Entre a Tecnologia e a Cidadania: os desafios do Ministério Público na Era Digital*”. É nesse mesmo espaço, dedicado ao lançamento de livros de autoria dos membros, que esta coletânea comemorativa vem a público.

Esta publicação é parte dessa celebração: um convite a olhar para trás com orgulho e para frente com entusiasmo. A cada nome registrado nestas páginas corresponde uma história de dedicação ao direito, à instituição e — não raro — à arte da escrita.

Faça parte dessa história.

— Convite recorrente do Prêmio Milton Leite da Costa aos associados

O LANÇAMENTO

Edição comemorativa dos 10 anos do Prêmio · Lançamento durante o 38º Encontro Estadual do MPSC · 27 a 30 de agosto de 2026 · Fazenda Park Resort, Gaspar (SC).

2026

X Prêmio Milton Leite da Costa

A décima edição — a coletânea de 2026

Nesta edição comemorativa da 10ª edição, o Prêmio reuniu trabalhos em quatro categorias — artigo jurídico, poema, crônica e conto. Os poemas, as crônicas e os contos são apresentados na íntegra; os artigos jurídicos, pela extensão, trazem resumo e link de acesso.

Conforme a nota editorial no início desta publicação, os trabalhos são mencionados, mas nem todos figuram na íntegra. A avaliação do concurso foi feita de forma cega.

P O E M A S

Poemas

PARADOXOS PREVISÍVEIS,

progresso pessimista

por Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes

Progresso, progresso!
Proclama-se a plenos pulmões.
Placidamente, prefiro parar e pensar
Com a plenitude dos meus parques botões.

Em um pequeno poema,
A pressa pode gerar distorções.
Ainda assim, é prazeroso o problema
De prognosticar tão profusas contradições.

AH, 2026!

Povo plugado, mentes conectadas,
Pensamentos no modo avião,
Quanto mais contatos, menos tato:
Menos beijo, menos paixão.

No celular, pares perfeitos,
Matches que deslizam, instantâneos,
Para prosseguir, pague \$14,99
Ou o silêncio será simultâneo.

No peito, amor-próprio e independente,
Publicizado no Instagram,
Que demanda ♥ 100 likes antes de dormir,
Para se sentir suficiente amanhã.

Os perfis são autênticos ✓,
Os sorrisos, editados x,
No mundo líquido de Bauman,
Até o passado é photoshopado.

Pessoas em permanente exposição,
No meio de um estranho anonimato,
Tão próximos nas redes,
Mas tão distantes de fato.

Memórias que repousam na nuvem,

Inteligências que são artificiais.
No espelho, o filtro faz falta,
Para o desejo de não sermos mortais.

AH, 2026!

Paradoxos previsíveis,
Contradições banais,
Vivendo cada dia dentro dos stories,
Como quem não vive mais.

DANTE E BEATRICE

por José Alberto Barbosa

Na romântica Firenze, beco estreito,
medita Dante, todo ele meiguice;
com paixão, memória a doce Beatrice,
quisera abraçá-la, estreitá-la ao peito.

Vagueia os olhos tristes, pelo átrio, piso,
a capela ao lado, que frequentara a amada;
a vê sorridente, por damas acompanhada,
jovem muito recatada e, de cristão juízo.

Pobre Dante! Na parede, brônzeo busto,
é metal que vive, vibra, se contém, a custo,
memoriando a bela, seu olhar apaixonado.

Do poeta a imagem, posta por mão amiga,
perpetua a história dessa dor antiga,
por amor tão lindo, jamais consumado.

A QUINTA DA VIDA

por André Milioli

Passos, perdas, panos
Passos, provas, prantos.
Tempo espera, medo
Tempo espera, canto.

Vozes, luzes, pressa
Ecos e memórias.
Luta, força, impulso
Luz, magia e glória.

De chão, terra, gosto
No chão, marco posto.
Canto, pausa, tempo
Canto incerto, canto.

Brilho, nuvens, vento
Brilho, nuvens, gueto.
Alvorada e rumo,
Tempo de casulo.

Arado jogado.
A roça molhada.
A sorte lançada.
A fé renovada.

Poeira na frente,
Labuta já foi.
Estrela no céu,
Saudade doída.

Sossego na mata,
Tristeza que vem.
Cantiga no peito,
Alma que renasce.

BRUMAS ENTRE BRUMAS

por Raul Schaefer Filho

escuridão ... escuridão
navego por entre tuas brumas
arribo solo em qualquer porto
ponto sem rumo, prumo de aviso
vou seguindo a espuma que baba
por ondas de bailado movediço
descendo e subindo cimos
em cócegas de dobras e grotas
na imensidão de coisa alguma
ao uivar dos ventos de leste
encarnados como a luz do sol oculta

escuridão ... escuridão
já não flutuo assim, enfim
para encontrar um lugar de gelo
anelo de um coração quebrado
que os muladares (da vida) derribou
atravesso brumas espessas, sim
com a terra dura sob os pés
enregelado pela mansa aragem
trancado em copas e bares mornos
procurando saciar o caminho
ah! o caminho ... infindo
em persistência de fria escuridão.

CRÔNICAS

Crônicas

Autodescrição

por Eduardo Sens dos Santos

Homem de pele curtida do sol e do sal, vincada de risos e choros, de caretas e espantos.

Músculos tesos de brincar com os filhos.

Olhos atrozes afogados de poesia.

Altura ideal para andar de avião sem apertar os joelhos. Consegue bem e confortavelmente ser abraçado e abraçar, pescoço com pescoço.

Veste roupa assim, assim, normal... Enfim, não importa.

Porque não vai falar sobre a sua aparência, sobre os tons da sua pele ou do sapato que usa.

Não importa, porque não quer tomar o tempo com descrições inúteis que dizem pouco de si para cumprir um protocolo.

Não importa, porque as ênfases, os verbos e os substantivos que usar, e as ideias que defender, essas sim vão dizer muito mais sobre si do que uns adjetivos surrados sobre cor e tamanho e forma.

Se quiser mostrar uma característica pessoal, não se preocupem. Saberá fazê-lo durante a apresentação. Conseguirá — sem chatice, sem burocracia, não só para cumprir tabela ou para reforçar estigmas.

Afinal, para um cego, importa muito com que cores brilham cabelos, pele e olhos? Importa muito se na loteria de gametas herdou um gene de encompridar ou de apequenar seus ossos? Importa se está numa cadeira de rodas, num terno elegante, ou num roupão de banho? Importa se lhe falta coragem para reconhecer de público que seu braço esquerdo perdeu força depois de um acidente de moto?

Você saberá quem fala antes mesmo do final da fala, mais talvez do que o orador mesmo queira, sem envergonhar os outros oradores, que não querem falar de suas banais características físicas, que não se sentem à vontade de dizer da calvície, da magreza, do cinto apertado, da idade.

Pensem, por favor. A fetichização simbólica da inclusão não é excludente?

• • •

O Juiz e o Guarda-chuva

por Mário Wolf

Manhã chuvosa. Fria e de chuva fina.

Entrei no café do Álvaro. Ali estava o grupo de sempre, reunido após o horário do almoço para comentários irônicos e jocosos sobre a vida alheia.

Chegou o juiz da comarca, Dr. Hernani Palma Ribeiro. Juntou-se ao grupo e iniciou sua costumeira demonstração de conhecimento jurídico. Olhos e ouvidos atentos. Entre goles de café, o juiz jactava-se de seu saber.

Momentos depois, olhou para o relógio. Viu a hora, pediu desculpas e, ao sair, retirou de um canto do café um dos guarda-chuvas ali guardados.

Foi então que o veterinário, conhecido por seu espírito brincalhão, indagou:

— Doutor, mais uma explicação.

— Sim, pois não? — respondeu o juiz.

— Quando uma pessoa pega e leva algo que não lhe pertence, isso é crime?

— Sim — respondeu o juiz. — Trata-se de apropriação indébita. Artigo 168 do Código Penal, o delito ocorre quando alguém pega para si coisa alheia móvel.

— E qual é a pena, doutor? — perguntou o veterinário.

O juiz informou a pena prevista para o delito.

Então o veterinário concluiu:

— Nesse caso, doutor, Vossa Excelência está praticando esse delito. Esse guarda-chuva é meu.

Seguiu-se um breve silêncio, logo substituído por sorrisos.

Constrangido, o juiz devolveu o guarda-chuva — preto, como todos os outros que estavam no local. Pediu desculpas e deixou o café.

O episódio, porém, serviu para animar os presentes naquela tarde chuvosa.

• • •

Encontro com o Espírito Divino

por José Alberto Barbosa

É 1912 e, Carl Gustav Jung está deveras preocupado. Há anos, mantém com Sigmund Freud relacionamento que ultrapassa uma mútua cooperação. Freud quer como a um filho, o genial suíço. Espera que leve a Psicanálise à consagração universal. Sendo Jung ariano e raro psicanalista não judeu, pensa Freud, é apropriado para isso, numa Europa em que seu povo era malvisto. De sua parte, Jung projeta nele, a figura de um pai. Ateu convicto, Freud vê, na Psicanálise - sua obra -, dupla libertação, da ignorância e da religião. O discípulo Jung, mesmo maravilhado com aquela nova ciência que ilumina a Psiquiatria e vai além dela, enriquecendo-a com conceitos novos sobre neurose e histeria, Ego e Id, trauma e recalque, teoria da libido e narcisismo, introversão e extroversão, transferência e contratransferência, pulsões e compulsões, não obstante, desaprova a obsessão de Freud em temas de sexualidade, sua teimosa não valorização do espiritual, seu fechamento às teorias dos discípulos. Por divergir do mestre, Alfred Adler já rompera com Freud em 1911. Jung julga que será o próximo.

Conheceram-se em 1906. Jung logo o percebera, qualquer que se acercasse de Freud, estaria sujeito a perseguições da classe médica. Alertado, ameaçado por colegas suíços, galhardamente dissera preferir seguir com Freud e, com a possível verdade, antes que com seus detratores e a ignorância científica. Ele e o mestre convivem, belamente, por sete anos. São amigos. Trocam mais de 300 cartas. Agora, porém, julga não mais lhe ser possível deixar de desaprovar posicionamentos caros a Freud, como sua abordagem por demais darwinista, a obsessão por impulsos sexuais reprimidos e, por um caráter ateu dos escritos freudianos, com os quais não comunga.

A ruptura ocorre em janeiro de 1913. Freud, por carta, propõe não mais se comunicarem. Jung responde que aceita. Deixa a Sociedade Psicanalítica e o ensino universitário, abandona a Psicanálise, isola-se em sua morada, à margem do Lago de Zurique onde, agora desatrelado de Freud, escreve intensamente, cria um método seu, ao qual apela Psicologia Analítica, com riqueza de novas conceituações — caso da Teoria dos Arquétipos — e têm imenso sucesso, granjeando seguidores em todo o mundo.

Em 1924, o cientista russo Alexandr I. Oparin, em pleno tempo da ditadura soviética dissera, corajosamente, no seu livro *A Origem da Vida*, ser esta tão complexa, que exigiria uma Lei Biológica transcendental, segundo a qual pudesse ter sido criada. No meu ver, Oparin e Carl Gustav Jung, cada qual em seu campo da ciência, intuíram a existência de um Deus Criador e ordenador da vida e do humano, qual um Fogo Divino atuante no Universo.

• • •

C O N T O S

Contos

CONTO • 2026 • 1º LUGAR

O Carpinteiro das Mil Faces

por Mateus Minuzzi Freire da Fontoura Gomes

Conto premiado — leia na íntegra pelo link abaixo.

Leia na íntegra →

https://drive.google.com/file/d/189Ag0eP-nGGk--zU00G3s_TkeNrcltyE/view?usp=sharing

• • •

Tinta da Caneta

por Eduardo Sens dos Santos

Da ponta da caneta que preenche a cédula eleitoral no Texas uma linha de tinta desce pela mesa e corre pelas frestas dos azulejos cinzas do chão sujo de farelos de milho misturados à terra de uma das fazendas locais. Ninguém percebe, mas a linha passa pelo corredor, sobe uma janela de vidros trincados, que mesmo fechada tem um pequeno buraco de cupim, e atravessa o pátio de brita, desce no asfalto quente do meio-dia, entra num ônibus Greyhound e toma diversos e inesperados rumos até chegar à caneta de um ditador que declarará logo mais uma guerra, depois outra, e que banirá pessoas de seu país pela cor da pele, pelo tamanho da conta bancária, pelo local de nascimento, ou por outro argumento escrito em maiúsculas. A linha sai do último dos documentos assinados pela mão do ditador, entra num avião da Força Aérea e pousa na Cidade do México, onde vai riscando o chão até Oaxaca e sobe na metralhadora de um guerrilheiro em Chiapas, depois no pacote de cocaína que atravessa a fronteira para chegar numa bomba caseira guatemalteca e escorregar pelas grades da enorme prisão de El Salvador, e ali no caderno de um detento escreve uma carta de amor que nunca será entregue e ouve gritos das torturas agudas de outro homem, o que até pouco lia um conto de Júlio Cortázar. A linha segue riscando o caminho por Tegucigalpa, Manágua e pelo Rio Amazonas, onde passa pelas dragas de mineração clandestina e deságua no rio para entrar na boca do menino ianomâmi que morre contaminado pelo mercúrio. Na cerimônia fúnebre, a linha se junta à pintura na pele do menino, depois à pintura das costas do cacique, que é fotografado para uma revista e chega à banca de revistas paulistana do Viaduto Nove de Julho, e debaixo do braço de uma mulher sai caminhando de salto alto, cai no meio do cruzamento e dali segue numa moto esportiva até alcançar a Régis Bittencourt e seguir a 200 km/h até Curitiba, quando a linha azul sobe na mesa de um juiz para assinar a citação da ação de despejo de José, que toma dois ônibus para as duas horas de deslocamento até o trabalho e na porta da fábrica é interpelado pelo oficial de justiça. A linha grafa, pela mão trêmula de José, seu nome no campo "recebido" do mandado que soma três mil reais de débito e dá quinze dias para desocupação. Na volta, no bar antes de chegar em casa, a mesma linha, aquela que começou no Texas, passou pelo México, Amazônia e São Paulo agora sobe pelo copo de uísque com Coca-Cola, observa a lágrima caindo do olho e junto com ela desce pela rua em que um cachorro se acocora bem no meio da estreita calçada à meia-noite e trinta e dois, e enfim a linha chega à casa onde, irada, a mulher pergunta o que aconteceu, limpando a boca da criança febril que tinha acabado de vomitar. A linha sai com raiva do mandado de citação e então parece que acaba ali, no rosto da mulher, numa pancada forte com a garrafa que é quebrada na mesa, um golpe imprevisível que corta profundo o rosto, amolece os dentes, que abre um rasgo da altura do olho esquerdo até o queixo. A linha ainda desce do rosto desmaiado no chão para preencher a estatística da polícia e do Samu antes de dispensar, com a assinatura

tonta da mulher, o afastamento do agressor do lar, e então a linha da tinta da caneta que passou pela urna, pelo ditador, pela penitenciária, pelo cartel, pelo garimpo e por todas as dores de uma América febril se enrola num canto do casebre para dias depois assistir ao choro do bebê sozinho, para assistir ao crescente medo nos olhos da mulher e sua imensa cicatriz suturada no rosto, e para ouvir o ronco bêbado do homem cuja língua logo vai se tornar também azul, mas não da tinta da caneta e sim das gotas que a mulher pinga escondida no chá que vai fazê-lo dormir para sempre.

• • •

CONTO • 2026 • 3º LUGAR

Medeiros

por Luan de Moraes Melo

Conto premiado — leia na íntegra pelo link abaixo.

Leia na íntegra →

<https://drive.google.com/file/d/1dPMM2EknJFmWc-KgKqfT59yxlsehHv1M/view?usp=sharing>

• • •

A Z I A G O

por Raul Schaefer Filho

Desde o peito do pé direito, subindo pela perna até encontrar a tez, uma ardência em fogo despertou Aumar do sono profundo. Ao abrir vagarosamente os olhos percebeu que uma nesga de sol havia traspassado a fina e esfarrapada cortina improvisada do quarto de dormir e invadia sem cerimônia o aposento em desordem. Espreguiçou-se até não mais poder, estalando todos os ossos, e sentiu no cérebro um latejar como saído de um bumbo igual àqueles desafinados e monocórdios dos blocos de sujos largados em plena folia momesca, ouvindo ao longe uma melodia que se repetia à exaustão. Sentou-se no beiral da cama e o estômago, como um raio, convulsionou-se em sucessivos engulhos que mal lhe permitiram curvar-se diante do vaso sanitário para a primeira golfada de vômito. Outras mais se sucederam intensificando a dor de cabeça e as ânsias que castigavam seu combalido estômago, até que nada mais fosse expelido. Bebeu muita água com a sensação de ter um buraco na altura do abdômen. Recostou-se no espaldar do sofá carcomido da exígua sala de estar e esperou suavizar o mal-estar.

Foi à cozinha, retirou o que existia na geladeira e montou um sanduíche engolindo-o com avidez. A sede era tanta que a cerveja gelada desceu macia. Moveu-se para preparar um segundo sanduíche quando escutou o que parecia ser um bocejo. Retornou ao quarto e então vislumbrou a mulher, uma Eva sentada na cama que o olhou arregalada. Ambos, franzindo a testa, perguntaram "quem é você e o quê faz aqui?!", e então, passados alguns segundos, riram da situação em meio ao fedor de álcool que se espalhava pelo apartamento.

Após o reclamado asseio geral sentaram-se à pequena mesa que dividia a cozinha da sala e se fartaram de sanduíches e cervejas. Durante o ágape, Aumar perguntado pela jovem, respondeu quem era e o que fazia. Disse-se Aumar Fuzze, filho de um comerciante não tão próspero, formado em arquitetura sem exercer a profissão. Ela se chamava Maria Eugênia, viera do interior à procura de um emprego e de estudar para um vestibular qualquer.

Enquanto lá embaixo, nas ruas, o batuque e o som das marchinhas faziam-se contínuos, exasperante e contagiante, os dois amigos de um encontro casual durante o Reinado de Momo foram bebendo cervejas. Cerveja. Batuque. Marchinhas. Risos. Girando... girando... cada vez mais alegres e leves. Em dado momento do delírio carnavalesco a mulher estirou-se de bruços no sofá, sem conter o vômito em profusão. Seu corpo tremia descontrolado. Parou, assim de repente, encharcada de vômito. Inerme.

Do outro lado da sala, próximo à reduzida varanda, Aumar sacolejava ao ritmo do batuque e das marchinhas, chegando lentamente à balaustrada. Bebia e ria. Girando... girando... flutuando em dança sem cansar. Girando... bebendo... girando... dançando, até que lhe faltou o equilíbrio. Adejou num movimento lento

em direção ao espaço da noite.

• • •

Helga, Hans e Frederico

por Mário Wolf

Serviram-me um café preto, fumegante e aromático, em xícaras de porcelana. O perfume espalhava-se pela pequena sala, misturando-se ao cheiro da madeira dos móveis e das flores que enfeitavam a mesa. Iniciamos uma conversa tranquila. Era um domingo.

Na pequena cidade de Ibirama, o tempo parecia escorrer devagar. Eu, acostumado ao burburinho da capital, sentia-me como se habitasse uma ilha deserta. Ali, as pessoas caminhavam sem pressa, cumprimentavam-se pelo nome e encontravam tempo para uma boa conversa. Por isso aceitei o convite de um casal que acabara de conhecer para visitar sua residência.

Movido pela curiosidade, perguntei há quantos anos eram casados. A mulher respondeu prontamente:

— Primeiro fui casada com Hans, na Alemanha. Depois, anos mais tarde, casei-me aqui em Ibirama com Frederico.

Observei, então, que os dois homens mencionados a acompanhavam. Helga percebeu meu espanto e esclareceu a situação sem qualquer constrangimento.

— A história parece estranha, mas a vida costuma escrever capítulos que ninguém imagina.

Sorriu e começou sua narrativa. Contou que conhecera Hans aos dezenove anos, na Alemanha; casaram em 1934 e, pouco depois, começou a Segunda Guerra. Hans foi enviado à França e, entre os feridos e desaparecidos, acabou declarado morto. Quando a Alemanha foi derrotada e dividida, Helga embarcou para o Brasil em busca de parentes em Santa Catarina. Foi aqui que conheceu Frederico, nos cultos da Igreja Luterana, no coral. A amizade cresceu, tornou-se amor, e construíram sua casa com o trabalho de Frederico, marceneiro.

— Dez anos depois, recebemos uma visita inesperada. Hans apareceu na cidade à minha procura.

Hans sobrevivera milagrosamente à guerra. Ferido, permanecera escondido na França e, depois, reunira recursos para viajar ao Brasil, sem nunca abandonar a esperança de reencontrá-la. Conversaram durante dias. Não houve discussões nem acusações, apenas a tentativa sincera de encontrar uma solução que preservasse a dignidade de todos.

— Diante de sua condição física, decidimos acolhê-lo. Frederico construiu uma pequena edícula nos fundos do terreno, onde Hans passou a morar. Ele aceitou a situação, e nós também encontramos paz.

Agradei o café servido por Helga e seus dois maridos. O sino da igreja próxima anunciava o início do culto. Voltei para a praça e fiquei observando os três

caminharem juntos até desaparecerem de vista. Hans seguia apoiado na muleta; Helga caminhava entre os dois; Frederico diminuía o passo para que permanecessem lado a lado.

Naquele domingo aprendi que existem vitórias que não são conquistadas nas guerras, mas na capacidade de compreender, perdoar e acolher. Talvez seja justamente essa a forma mais nobre de coragem que um ser humano pode demonstrar.

• • •

Artigos Jurídicos

Pela extensão, os artigos são apresentados com resumo e link de acesso à íntegra.

ARTIGO JURÍDICO • 2026 • 1º LUGAR

Interrupção Legal da Gravidez: combatendo objeções estruturais a um direito fundamental

por Eduardo Sens dos Santos

RESUMO

Parte da distância entre o direito escrito e o direito vivido para sustentar que, nas hipóteses já reconhecidas pelo ordenamento, o Estado deve oferecer informação clara, escuta protegida, fluxos definidos, sigilo e acesso tempestivo. Discute a segurança institucional, a inexistência de limite de idade gestacional, o consentimento, os requisitos formais, a notificação sanitária e os limites da objeção de consciência.

Leia na íntegra na pasta pública da ACMP →

https://drive.google.com/drive/folders/1ynq5z85IBsLXwpX05W7TPLU8y_ax_MAu

ARTIGO JURÍDICO • 2026 • 2º LUGAR

Do litígio à construção coletiva: a negociação estrutural como ferramenta do Ministério Público para a defesa do direito à educação

por Analú Librelato Longo, João Luiz de Carvalho Botega e Nicole Lange de Almeida Pires

RESUMO

Analisa a negociação estrutural como ferramenta legítima e estratégica do Ministério Público para a indução de políticas públicas e a defesa do direito à educação. A partir da experiência de um município paradigma, marcado pela judicialização infrutífera, examina como a atuação resolutiva e dialógica permitiu construir soluções sustentáveis e progressivas.

Leia na íntegra na pasta pública da ACMP →

https://drive.google.com/drive/folders/1ynq5z85IBsLXwpX05W7TPLU8y_ax_MAu

O controle externo da atividade policial no Estado Democrático de Direito: por um Conselho Nacional das Polícias

por Miguel Luís Gnigler

RESUMO

Examina as causas estruturais do déficit de efetividade do controle externo da atividade policial atribuído ao Ministério Público e propõe a criação de um Conselho Nacional das Polícias, órgão de natureza constitucional destinado a uniformizar procedimentos disciplinares, promover transparência e fortalecer a accountability das instituições policiais.

Leia na íntegra na pasta pública da ACMP →

https://drive.google.com/drive/folders/1ynq5z85lBsLXwpX05W7TPlU8y_ax_MAu

A atuação do Ministério Público na Regularização Fundiária Urbana como instrumento de adaptação das cidades à emergência climática

por Paulo Antônio Locatelli

RESUMO

Analisa a atuação do Ministério Público na Regularização Fundiária Urbana (REURB) como instrumento de adaptação das cidades à emergência climática. Defende que a regularização não se limite à titulação, mas incorpore ações preventivas, protetivas e mitigadoras, com base em estudos técnicos socioambientais e em infraestrutura resiliente.

Leia na íntegra na pasta pública da ACMP →

https://drive.google.com/drive/folders/1ynq5z85lBsLXwpX05W7TPlU8y_ax_MAu



Prêmio Milton Leite da Costa — Memória e Trajetória

Associação Catarinense do Ministério Público · ACMP

Edição comemorativa da 10ª edição · 2026

P R Ê M I O

Milton Leite da Costa

Criado em 2007, o Prêmio Milton Leite da Costa celebra a produção literária e jurídica dos membros do Ministério Público de Santa Catarina — o artigo e a tese, mas também o poema, a crônica e o conto.

Esta é a edição comemorativa da sua 10ª edição: memória e coletânea de uma trajetória de reconhecimento à arte da palavra.



ACMP

Associação
Catarinense
do Ministério
Público

Associação Catarinense do Ministério Público

Edição comemorativa da 10ª edição · 2026